

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Luciana Chequer Saraiva Messa

**PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DA IRONIA: APROXIMAÇÕES
CONCEITUAIS E EMPÍRICAS ENTRE A LÍNGUÍSTICA E A ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO**

Vitória

2016

LUCIANA CHEQUER SARAIVA MESSA

**PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DA IRONIA: APROXIMAÇÕES
CONCEITUAIS E EMPÍRICAS ENTRE A LÍNGUÍSTICA E A ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Elizeu Batista Borloti.

Vitória
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO OU DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

**PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DA IRONIA: APROXIMAÇÕES
CONCEITUAIS E EMPÍRICAS ENTRE A LÍNGUÍSTICA E A ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO**

LUCIANA CHEQUER SARAIVA MESSA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovada em ____ de _____ de 2016, por:

Prof. Dr. Elizeu Batista Borloti, Orientador, UFES

Profa. Dra. Maria Cristina Smith Menandro, UFES

Prof. Dr. Diego Zilio Alves, UFES

Prof. Dr. Alex Roberto Machado, FACELI

Prof. Dra. Verônica Bender Haydu, UEL

Dedico este trabalho à Deus que com sua infinita bondade e misericórdia tem me sustentado e me guiado em toda e qualquer situação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Elizeu Borloti pelo suporte, dedicação e paciência comigo durante todo o processo de estudo, contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos professores Alex Roberto Machado, Maria Cristina Smith Menandro e Verônica Bender Haydu, Diego Zilio Alves, membros da banca examinadora pela importante colaboração neste trabalho.

Aos colegas de formação Luciano de Souza Cunha e Tatiana Amaral Nunes pelas contribuições iniciais do projeto que gerou esta tese.

Aos funcionários da secretaria do PPGP, Lúcia e Arin, pela disponibilidade e dedicação.

Aos professores Paulo Menandro e Andrea Nascimento pela colaboração nos testes iniciais deste trabalho.

Ao meu esposo Jeferson Jardim Messa pelo companheirismo, amor e cuidado para comigo durante os períodos tanto críticos quanto reforçadores.

À minha família, em especial, meus pais, Sérgio e Eliane, pelo amor e pela torcida para que tudo que eu faça seja sempre um aprendizado útil para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao meu tio Marco Antônio que me inspira sempre na minha profissão.

À todos que de uma maneira direta ou indireta contribuíram para a finalização de mais uma etapa de aprendizado em minha vida. Obrigada!

RESUMO

Messa, L.C.S. (2016). Produção e compreensão da ironia: aproximações conceituais e empíricas entre a linguística e a análise do comportamento. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES.

O estudo da ironia verbal pela Análise do Comportamento impescinde do conhecimento da teoria de Skinner sobre o comportamento verbal. Skinner cita a ironia como exemplo de comportamento verbal sem aprofundar sua definição e explicação. A ironia é comportamento operante e a explicação da sua função depende de variáveis ambientais específicas. O estudo da ironia pelo viés da Análise do Comportamento demonstra que a probabilidade de uma pessoa emitir ironias pode aumentar se parte da audiência já tenha liberado reforçadores para emissões anteriores e se o ambiente for similar ao ambiente em que a ironia emitida foi reforçada. A presente tese propõe a execução de quatro estudos, planejados para que seus achados se complementem para a defesa do argumento de que estímulos irônicos controlam comportamentos verbais de compreensão e comportamentos emocionais diferentes nos ouvintes, de acordo com as suas diferentes funções de audiência. O primeiro estudo é uma pesquisa teórico-conceitual. O procedimento de tratamento e análise de dados partiu das bases metodológicas de uma Análise Comportamental do Discurso. Trechos do discurso de Skinner no *Verbal Behavior*. Em um documento digitalizado do livro foram feitas buscas de ocorrências textuais que continham as palavras *ironia*, *sarcasmo* e *zombaria*, seguidas da interpretação da função do discurso do autor pela auto-observação do comportamento verbal de análise desse discurso. Foram localizadas e analisadas seis ocorrências nas quais Skinner impele no seu leitor a compreensão da ironia basicamente pela definição de dois elementos: controle múltiplo e do tato do contrário. No segundo estudo, visando à contribuição para uma análise funcional da ironia pela ótica da

Análise do Comportamento, teve como objetivo, a partir de uma revisão sistemática, mapear as variáveis (ou indicadores de variáveis) que estão sendo estudadas pelas pesquisas empíricas sobre ironia. Foram realizadas buscas em bases de dados online com as palavras-chave: ironia, ironia verbal, sarcasmo, controle múltiplo, autoclíticos, irônico e comportamento verbal. O terceiro estudo é empírico e teve como objetivo analisar a produção da ironia por falantes irônicos profissionais que publicam constantemente produtos de seus comportamentos verbais em sites e redes sociais na rede mundial de computadores. Cinco produtores de ironia responderam questões descritivas dos elementos funcionais de sua produção irônica (sobre sexo, política e religião), em especial consequências sobre ouvintes e sentimentos correlatos a elas. O quarto estudo também é empírico e objetivou analisar a compreensão da ironia pelo ouvinte, a partir dos diferentes tipos de audiência, descrevendo os efeitos emocionais que ela pode produzir nele. Foram selecionadas cenas audiovisuais e formados quatro grupos de três participantes cada para responderem a questões sobre ironia tendo como S^d as cenas. As conclusões de cada estudo são que: a ironia é um comportamento verbal compreendido como a demonstração do contrário dos fatos reais e tem como característica essencial a audiência múltipla e o tato do contrário; a produção da ironia tem como motivador principal a crítica; audiências com características diferentes apresentam diferentes formas de compreensão da ironia. Com isso, espera-se que essa descrição de elementos conceituais e empíricos para uma análise funcional do comportamento verbal irônico contribua para o aprimoramento do conhecimento desse comportamento e para a execução de pesquisas experimentais sobre o tema na Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Ironia, Análise do Comportamento, Análise Funcional, Autoclítico, Produção, Compreensão, Linguística.

ABSTRACT

Messa, L.C.S. (2016). Production and comprehension of irony: approaches conceptual and empirical between Linguistic and Behavior Analysis. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES.

In the study of irony by Behavior Analysis is indispensable the knowledge of Skinner's theory about verbal behavior. Skinner cites irony as an example of verbal behavior without deepen its definition and explanation. The irony is an operant behavior and the explanation of its function depends on specific environment variables. The study of irony by Behavior Analysis demonstrate that the probability of a person emit irony can improve if part of audience already had released reinforcement to previous emissions and if the environment is similar to the environment that irony emitted was reinforced. The present dissertation proposes the execution of four studies, planed for their finding complement each other for the defense of the argument that ironic stimuli control different verbal behavior of comprehension and emotional behavior on the listener, according to their function of audience. The first study is a theoretical conceptual research. The proceed of treatment data analysis departed from methodological bases of a Behavior Analysis of Speech in part of Skinner's speech in *Verbal behavior*. In a digitalized document of the book was realized searches of textual occurrences that contained the words *irony*, *sarcasm* and *mockery*, followed by interpretation of function of the author's speech by self-observation of verbal behavior of this discourse. Were localized and analyzed six occurrences which Skinner impels his reader the comprehension of irony basically by the definition of two elements: multiple control and contrary tact. At the second study, looking for the contribution for a functional analysis of irony by Behavior Analysis, the objective was, from a systematic review, to map the variables (or variables indicators) that is being studied by empirical research

about irony. Were realized searches on online data bases using the keywords: irony, verbal irony, sarcasm, multiple control, autoclitics, ironic and verbal behavior. The third study is empiric and had the objective to analyses the production of irony by ironical professional speakers that publish constantly products of their verbal behavior at sites and social media on the world wide web. Five producers of irony answered descriptive questions of functional elements of their ironical production (about, sex, politics and religion), in special consequences about listeners and feeling related to them. The fourth study is empirical too and the objective was analyses the comprehension of irony by listener, from the different types of audience, describing the emotional effects that it can produce on him. Were selected audiovisual scenes and four groups with three participants each was formed to answer questions about irony having as S^d the scenes. The conclusions of each study is that: the irony is a verbal behavior comprehended as a demonstration of real contrary facts and has the essential characteristic of multiple audience and the contrary tact; the production of irony has as principal motivation the critics; audiences with different characteristics presents different types of irony comprehension. Thereby, it is expected that the conceptual and empirical elements description contributes to a functional analysis of ironical verbal behavior and contributes to the enhancement of knowledge of this behavior and for the execution of experimental researches about the theme in Behavior Analysis.

Keywords: irony, Behavior Analysis, Functional Analysis, Autoclitics, comprehension, Linguistics.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	9
1 APRESENTAÇÃO.....	12
2 ARTIGO 1	14
3 ARTIGO 2	51
4 ARTIGO 3	73
5 ARTIGO 4.....	103
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
APÊNDICES	152
ANEXOS	154

1 APRESENTAÇÃO

Essa tese de doutorado descreve o processo da execução de quatro estudos, planejados para que seus achados se complementem para a defesa do argumento de que estímulos irônicos controlam comportamentos verbais de compreensão e comportamentos emocionais diferentes nos ouvintes, de acordo com as suas diferentes funções de audiência. Na afirmação desta tese prevê-se que ouvintes que compartilham de características pessoais (sexo, escolaridade, nível de intimidade entre falante e ouvinte) e que compartilham crenças e ideais, ou seja, que têm comportamentos verbais que descrevem a probabilidade de acontecimentos com semelhança em sua força e valor reforçador (Guerin, 1994), têm maior probabilidade de compreender as mesmas respostas verbais irônicas do que pessoas que não compartilham. Além disso, pessoas que se autodenominam irônicas têm maior probabilidade de compreender ironia e essa compreensão se diferencia pelos cinco matizes da sua ironia (deboche, sarcasmo, cinismo, sátira e humor), isolados ou sobrepostos.

O primeiro estudo é uma pesquisa teórico-conceitual. Por ele se ampliou e se especificou a análise funcional do comportamento verbal irônico apresentada por Messa (2012), na explicação funcional de todas as cinco possibilidades de nomeação do falante irônico (debochado, cínico, sarcástico, satírico e engraçado) pelos matizes da consequência reforçadora do comportamento verbal irônico: a “ridicularização”. A partir da ACD, discursos contendo teorias e conceitos analítico-comportamentais – de Skinner (1957) e de analistas comportamentais que o sucederam na análise do processo autoclítico (Catania, 1980; Borloti, 2004; Sautter & LeBlanc, 2006; Thompson, 2008), do controle estendido (Huber, Borloti, Almeida & Cruvinel, 2013), do controle múltiplo (Passos, 2003; Hubner, Miguel & Michael, 2005; Fonai & Sério, 2007) e das demais

propriedades da ironia (e.g., inflexão) – foram considerados discursos científicos controlando um conceito analítico-comportamental atual da ironia (vocal e gestual) no repertório de compreensão da pesquisadora, autora desta tese.

O segundo estudo é uma revisão sistemática das produções científicas sobre ironia nas diversas áreas do conhecimento. Para a busca dos elementos nos estudos fora da Análise do Comportamento que poderiam interessar a uma análise funcional da ironia pela Análise do Comportamento, foram destacados: (a) conceito de ironia; (b) características dos participantes; (c) objetivo da análise da ironia (produção, compreensão ou ambas); (d) tipo de estímulos discriminativo para a produção e/ou compreensão da ironia (e.g., sentenças, situações, histórias); e (e) resultados obtidos. Estes itens poderiam indicar elementos da tríplice contingência que contribuiriam para uma análise funcional satisfatória do comportamento verbal irônico.

O terceiro e quarto estudos são empíricos. No terceiro, foi analisado funcionalmente a produção do comportamento verbal de roteiristas de humor (na categoria de falantes), associado à emissão de sentimentos com relação à produção de textos irônicos publicados na internet. No quarto, foi analisada a compreensão do comportamento verbal de participantes com características diferentes (na categoria de ouvintes, audiência múltipla). Essas análises seguem com o propósito de serem comparadas e analisadas funcionalmente quando em conjunto.

2 ARTIGO 1

Um Modelo de Análise Funcional do Comportamento Verbal Irônico no discurso de Skinner sobre a ironia

Resumo

Skinner cita a ironia como um comportamento verbal sem aprofundar sua definição e explicação. Este artigo, num diálogo com a Linguística, tem como objetivo definir a ironia nos elementos verbais do discurso de Skinner e indicar as suas variáveis controladoras. Foi realizada Análise Comportamental do Discurso (ACD) de Skinner sobre ironia num documento digitalizado do *Verbal Behavior*, nas ocorrências textuais que continham as palavras *ironia*, *sarcasmo* e *zombaria*, seguida da interpretação da função do discurso do autor pela auto-observação do comportamento verbal de interpretá-lo. Em seis ocorrências, Skinner impele a compreensão de ironia pela definição de controle múltiplo e de tato do contrário por operantes primários em argumentos centrais e adicionais apresentados pela regularidade da emissão de autoclíticos relacionais, quantificadores, qualificadores, descritivos e manipulativos. Do discurso skinneriano pode-se inferir que os processos autoclíticos na sua definição de ironia são essenciais para se analisar como o autor apresenta a função desse comportamento à compreensão do leitor. Assim, a ACD mostrou os elementos do conceito funcional skinneriano de ironia e os do ambiente que o conceito tateia, cuja manipulação deve ser procedida para a ocorrência do comportamento irônico.

Palavras-chave: Ironia, Análise Comportamental do Discurso, Análise do Comportamento, Autoclítico, Linguística.

Abstract

Skinner cited irony as a verbal behavior without deepen its definition and explanation. This article, in a dialog with Linguistics, has the objective to define the irony in the verbal elements of the Skinner discourse and to indicate it's variables of control. Was realized a Behavior Discourse Analysis (BDA) of Skinner' about irony in a digitalized document of *Verbal Behavior*, in the textual occurrences that contained the words *irony*, *sarcasm* and *mockery*, followed by the interpretation of the function of the author's discourse by the self-observation of the verbal behavior of this analysis. Was located and analyzed six occurrences in witch Skinner impel the reader the comprehension of irony basically by the definition of multiple control and contrary tact for primary operants in central and additional arguments presented by the regularity of the emission of relationals, quantifying, qualifying, descriptive and manipulative autoclitics. By the Skinner discourse, it can be inferred that autoclitics processes in irony are essential characteristics to analyze how the author presents the function of this behavior to the reader comprehension. In this sense, the BDA showed the elements of the Skinnerian functional concept of irony and from the environment that the concept tact, which manipulation must be proceeding to the occurrence of ironical behavior.

Keywords: Irony, Behavioral Discourse Analysis, Behavior Analysis, Autoclitic, Linguistics.

A definição de ironia verbal é “zombaria, escárnio, sarcasmo; modo de expressão da língua em que há um contraste entre o que se diz e o que se pensa” (Villar & Franco, 2010, p. 452). Para a linguista Paiva (1961), ironia é apenas dizer o contrário do que realmente se pensa, ou dizer o contrário dos fatos reais. Nos termos da autora, a ironia é “(...) a figura de retórica que consiste em atribuir às palavras sentido oposto ao que normalmente exprimem” (p.3).

As definições de ironia têm aspectos que tornam o tema relevante, especialmente quando contêm descrições das várias formas e funções desse “dizer o contrário dos fatos reais” (Paiva, 1961). Este artigo aborda o tema sob o enfoque analítico-comportamental e, num diálogo com a Linguística, tem como objetivo definir funcionalmente a ironia nos elementos verbais do discurso de Skinner e indicar as suas variáveis controladoras. Busca-se fazer a indicação dessas variáveis de um modo que possam ser consideradas em recursos metodológicos para pesquisas experimentais desse comportamento.

Skinner (1957) cita a ironia como exemplo de comportamento verbal, mas não aprofunda a explicação e a definição desse fenômeno (Messa, 2012), fato que mostra a relevância do seu estudo analítico-comportamental. Não existem estudos empíricos sobre ironia como comportamento verbal no sentido skinneriano (o único existente é teórico; Messa, Borloti, & Carmelino, 2014). Esse comportamento parece ser socialmente funcional às práticas culturais, dado que é frequente no cotidiano das pessoas. Entre amigos ou até mesmo entre desconhecidos, a ironia faz parte do dia a dia, mesmo quando não é satisfatoriamente compreendida.

Uma vez que a ironia verbal é um tipo de comportamento verbal cuja topografia ou estrutura é bastante enfatizada pela Linguística, as definições topográficas de ironia pela Linguística são consideradas e inseridas na explicação funcional do comportamento verbal pela Análise do Comportamento, extraídas do texto de Skinner (1957). Essa

inserção se faz necessária para que se compreendam as relações importantes entre topografia e função desse tipo de comportamento verbal (Vargas, 2013) tão atraente, instigante e muito emitido pelas pessoas.

Quando escreveu o *Verbal Behavior* nos anos da década de 1930, Skinner (1957) precisou se distanciar de conceitos tradicionais já estabelecidos pelas disciplinas que estudavam a linguagem nessa época (Borloti, 2003). O distanciamento desse contexto intelectual efervescente, que Skinner nomeou de *The Age of Words* (Skinner, 1948/1975), visou à que sua explicação do comportamento verbal fizesse um sentido pragmático e experimental. Além de dar um novo nome a esse operante (comportamento verbal; e não linguagem, língua ou fala) ele apresentou seus subtipos funcionais também numa nova taxonomia: os operantes primários, ou de primeira ordem (mandos, tatos, intraverbais, ecóicos, textuais e transcritivos) e os secundários, ou de segunda ordem (autoclíticos).

Para Skinner (1957), o comportamento verbal deve ser estudado pelos princípios básicos com os quais se estuda todo e qualquer operante. No momento em que o comportamento verbal é entendido em uma análise “causal” (i. e, funcional), pode-se falar em previsão e controle do mesmo “à medida que podemos prever a ocorrência de instâncias específicas e, eventualmente, à medida que pudermos produzir ou controlar tal comportamento através da alteração das condições sob as quais ele ocorre” (p. 3). Isso quer dizer que o comportamento verbal só pode ser analisado funcionalmente nessas condições, ou seja, nos seus eventos antecedentes e consequentes. No presente artigo, buscou-se unificar as definições de ironia feita pelos Linguistas com essa análise funcional do comportamento verbal proposta por Skinner (1957). Para isso, buscou-se compreender como linguistas conhecem a ironia e como aplicam o que conhecem,

articulando essa compreensão à análise funcional da ironia como aparece no discurso de Skinner.

Existem justificativas para se unir explicações linguísticas e analítico-comportamentais no estudo da ironia. A Linguística oferece uma vasta compreensão das topografias do fenômeno – apresentadas com definições mais precisas (Messa, 2012) – que são intrinsecamente relacionadas à sua função (Vargas, 2013). A Análise do Comportamento oferece suporte para a análise da função da ironia em ambientes diversos. Enquanto a Linguística circunscreve conceitualmente tipos de ironia (cf. Paiva, 1961), a análise funcional da produção e compreensão da ironia (Messa, 2016a; 2016b) permite identificar qual é o tipo de estímulo consequente que tende a reforçar a emissão de cada tipo de ironia, e quando essa emissão é mais provável de ocorrer (i. e., quando o ouvinte tem uma melhor compreensão da ironia e, portanto, provê reforço ao irônico).

Apesar de a Linguística auxiliar na definição do termo *ironia*, é importante ressaltar algumas diferenças na sua “utilização” pelos linguistas e na sua emissão pelos analistas do comportamento. Linguistas, em geral, analisam a linguagem como “instrumento” de comunicação, com existência independente do comportamento verbal dos falantes (Skinner, 1957). Para alguns deles (e. g., Hutchens, 1960; Gibbs, 1986; Hutcheon, 1992; Kreuz, Kassler, Coopenrath & McLain, 1999; Rockwell, 2000; Eisterhold, Attardo & Boxer, 2006), uma língua teria ou seria um “recurso” ou “instrumento” (e. g., palavra, metáfora ou ironia) a ser “utilizado” por quem a fala ou escreve. Para os analistas do comportamento, “recursos” linguísticos são comportamentos verbais aprendidos durante a história do falante, nas contingências nas quais ele foi exposto (e que incluem as consequências que o seu próprio comportamento produziu). “Recursos” supostamente *para* um comportamento não existem sem esse

comportamento. Assim, um repertório verbal ou “vocabulário” não está latente no falante, como uma “ferramenta” guardada numa gaveta (Skinner, 1957). O falante aprendeu respostas verbais que são emitidas em condições ambientais específicas.

A definição de comportamento verbal

De sínteses do contexto histórico da escrita do *Verbal Behavior* (cf. Bandini & De Rose, 2010; Fidalgo & Banaco, 2014) se pode identificar como os analistas do comportamento definem e estudam as relações verbais no repertório de falantes em interação com o ambiente. Nelas, é muito citada e conhecida a definição de comportamento verbal de Skinner (1957, p. 2 e 10): um comportamento operante cujo reforço último (uma modificação no ambiente físico) é provido pela mediação de outras pessoas especialmente treinadas pela comunidade verbal para fazer essa mediação. Enquanto o comportamento não verbal (e. g., abrir uma janela) modifica o ambiente físico ao produzir uma consequência mecânica e direta (janela aberta; ambiente arejado), o comportamento verbal (e. g., “Você poderia abrir a janela?”) também modifica o ambiente físico, mas de um modo mediado socialmente e, portanto, indireto.

Passos (2007), ao analisar minuciosamente a evolução do conceito skinneriano de comportamento verbal, reitera que as propriedades desse operante são selecionadas pela ação reforçadora de um mediador, baseada na correspondência desse operante às convenções de uma comunidade. A partir dessas propriedades, Machado (2014, p. 83) elenca as características que devem ser observadas em uma resposta para defini-la como verbal.

Assim, os elementos que possibilitam adjetivar uma resposta como verbal são: (a) ser operante; (b) ocorrer na presença de repertórios com função

produtora (“falante”) e consequenciadora (“ouvinte”); (c) serem intercambiáveis essas funções de produtor e consequenciador, tanto entressujeitos quanto intrassujeito (i.e., falante como seu próprio ouvinte); (d) pertencerem a uma mesma comunidade verbal, quando entressujeitos; e (e) partilhar similar histórico de reforçamento social, também quando entressujeitos.

Estudos como os de McLaughlin (2010) aproximam a proposta skinneriana do conceito de comportamento verbal à aprendizagem precoce da linguagem e relaciona elementos da análise funcional com os processos de interação de crianças e seus cuidadores, nos quais se verificam os alementos adjetivadores elencados por Machado (2014). Tomando amostras mais complexas de comportamentos verbais, Speakman, Greer, e Rivera-Valdes (2012) descrevem experimentos com crianças com autismo em treinos sucessivos utilizando exemplos múltiplos com o objetivo de influenciar a emergência de processos autoclíticos. Por sua vez, Eby, Greer, Tullo, Baker e Pauly (2010) analisaram, também em autistas, como a transferência na função de estímulos influencia a aquisição de respostas que não foram treinadas.

Esses estudos demonstram o interesse dos pesquisadores na investigação do controle de estímulos para a explicação do comportamento verbal. Controle de estímulos é um termo técnico que descreve a extensão na qual um estímulo antecedente determina a probabilidade de ocorrência de um “dizer” (resposta) (Lopes Jr. & Matos, 1995). O controle do estímulo antecedente depende das consequências do comportamento verbal, e o valor reforçador dessas depende de operações motivacionais (Matos, 1999). As relações entre operações motivacionais, antecedentes e consequências definem os tipos possíveis de comportamento verbal como relações.

Para explicar o controle do comportamento verbal, Skinner (1957) apresenta uma classificação dos operantes verbais básicos ou de primeira ordem (tato, mando, ecóico, textual, transcritivo e intraverbal) e dos operantes de segunda ordem (autoclíticos; Tabela 1). Seus controles podem ser: (a) puros (sob uma variável); (b) estendidos (extensões do mando e extensões do tato, quando controles passados atuam em situações presentes); ou (c) múltiplos (convergente ou divergente; Michael, Palmer, & Sundberg, 2011). Ambos os controles envolvem estímulos discriminativos não verbais (S^dNV) ou verbais (S^dV) e reforçadores específicos ou generalizados.

O controle pela audiência é um outro aspecto importante da definição de comportamento verbal. A audiência é um tipo de controle contextual do comportamento verbal, uma vez que esse, na maioria dos casos, só ocorre na presença de um ouvinte, que provê consequências reforçadoras específicas (i. e., aquilo que o falante especifica na resposta) ou generalizadas (i.e., reforçador social secundário, como a atenção ou a aceitação do ouvinte, que se relaciona com vários reforçadores primários) ao comportamento do falante. Nesse sentido, a audiência funciona como um S^d para a ocorrência do comportamento do falante. Como a audiência sempre atua paralelamente a outro controle, se diz que o comportamento verbal é, via de regra, controlado por variáveis múltiplas.

Na Tabela 1 pode-se verificar a definição e as características dos operantes verbais de segunda ordem, denominados de autoclíticos.

Tabela 1

Classificação das definições e controle de estímulo dos operantes verbais de segunda ordem: autoclíticos

AUTOCLÍTICOS		
Definição	Tipos	Controle de Estímulo
Unidades ou propriedades verbais lexicais ou não lexicais dependentes e concorrentes de operantes básicos (que sempre os acompanham) sendo, por isto, unidades ou propriedades verbais secundárias ou de ordem superior com a função de tornar mais eficaz a função dos operantes básicos ou primários sobre o ouvinte.	Descritivo (tipos I, II, III, IV, V e VI)	Descreve ao ouvinte as propriedades do operante básico ou as condições de sua emissão por parte do falante.
	Qualificador	Está sob controle das propriedades relativas à qualidade do operante primário ou das circunstâncias que as controlam.
	Manipulativo	Está sob controle direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte.
	Quantificador	Está sob controle das propriedades relativas à quantidade do operante primário ou das circunstâncias que as controlam.
	Relacional	Está sob controle das propriedades relacionais entre os operantes básicos.
	Composicional	Está sob controle de propriedades de combinação entre operantes básicos.

Fonte: Borloti & Hubner (2010).

Com relação ao controle múltiplo, Skinner (1957) afirma que o controle exercido pela audiência, como um S^d geralmente constitui uma condição que tende a controlar respostas diferentes chegando a afetar a sua força. Audiências múltiplas podem controlar diferentes tipos de respostas ou a mesma resposta de diferentes maneiras. No comportamento verbal irônico, pode-se perceber evidências desse controle múltiplo, uma vez que a força de uma determinada resposta é função de mais de uma variável e uma única variável pode afetar mais de uma resposta (controles convergente e divergente, respectivamente; Michael, Palmer & Sundberg, 2011; Hubner, Miguel, & Michael, 2005).

Para apresentar os elementos de uma análise funcional do “dizer o contrário dos fatos reais” é importante entender primeiro quais variáveis controlam o dizer em geral; depois disso pode-se entender como “fatos reais” controlam dizeres contrários (ou não) sobre eles a depender, também, de quem os controla enquanto audiência. Isto fala do controle de estímulos que atua sobre o “dizer”, incluindo o controle múltiplo, marcado por audiência múltipla. Estas necessidades de entendimento compõem as seções deste artigo. Uma vez que o conteúdo dessas seções é o produto do comportamento verbal, ou do discurso, dos envolvidos em sua escrita, o método de sua produção está explicitado a seguir.

Método

O argumento metodológico deste artigo é: o que se fala como “resultado” de uma pesquisa teórica é o comportamento verbal do pesquisador e não o conceito de um fenômeno, a história de um acontecimento, a representação de um objeto e assim por diante. Quando algo é analisado a partir do que se disse sobre esse algo, o que se está analisando é o discurso de quem diz sob controle do que se disse sobre esse algo (Skinner, 1957; Saqueto & Borloti, 2008; Borloti, Iglesias, Dalvi & Silva, 2008).

A premissa básica para a realização de uma análise comportamental de um discurso (ACD; Borloti et al., 2008) pode ser encontrada em Skinner (1957, p. 440): “Quando estudamos grandes obras, estudamos o efeito sobre nós dos registros remanescentes do comportamento das pessoas. É o nosso comportamento com relação a tais registros que observamos; nós estudamos o nosso pensamento, e não o deles”. Então, na realização da ACD, o comportamento do pesquisador analisando o discurso (dados verbais) também deve ser considerado. É o comportamento dele em contato com o discurso, no processo de sua auto-observação e autocompreensão, que será a base para que o leitor possa compreender as análises verbais feitas naquele conjunto de dados. O analista comportamental deve auto-observar como e porquê, ou com qual função, ele interpreta o discurso de modo a se chegar (no caso deste artigo teórico) a um conceito.

A ACD é um método interpretativo da função de um conjunto de operantes verbais (ou de seus registros) e de seu efeito sobre o ouvinte ou leitor (incluindo o auto-ouvinte). Partindo da Análise do Discurso tradicional com origem na Linguística, Borloti (2003) propôs esse método a partir da junção da análise do comportamento verbal (Skinner, 1957) e da hermenêutica comportamental (Dougher, 1993). Essa proposição foi justificada: (a) no fato de o dado verbal (em geral, seu produto gráfico direto ou transcrições do seu produto vocal) ser, via de regra, o dado de pesquisas sociais ou psicossociais; (b) no fato de inexistir um método analítico-comportamental específico para análise desses dados como discurso (via de regra, a análise de conteúdo, de Bardin, 1979, é bastante comum como estratégia de análise de dados verbais, obtidos, também via de regra, em entrevistas).

É possível fazer a análise do comportamento verbal apenas com as estratégias da análise funcional dos operantes verbais (Skinner, 1957), porém, a estratégia de análise do comportamento verbal do analista sob controle desses operantes, e sob controle da

própria análise funcional que ele faz, não foi claramente descrita por Skinner. A ACD vem em momento oportuno, então, traçando um caminho claro e específico, e estritamente comportamental, para analisar produtos verbais encadeados e analisar o comportamento verbal do próprio analista sob controle desses produtos. A base epistemológica desse caminho é o behaviorismo radical (Borloti et al., 2008).

Com este método, o discurso sobre a ironia contido na fonte bibliográfica primária deste artigo (o livro *Verbal Behavior*; Skinner, 1957) foi analisado a partir das relações que o controlaram para que, por elas e pela história da pesquisadora (e do orientador) com elas, se pudesse compreender seu significado. Todo discurso depende do contexto em que ele ocorre; o discurso sobre o conceito de ironia em fontes bibliográficas também. Dependendo do contexto, pelo seu discurso, o falante pode falar de diferentes conceitos sobre um termo. Isso é especialmente importante quando se trata da ironia verbal: um tipo de comportamento operante versátil e surpreendente. Assim, a análise desse contexto permitiu inferir as variáveis atuantes do discurso de Skinner sobre a ironia contido em ocorrências de produto escrita na fonte *Verbal Behavior*. Desta maneira, o significado do conceito de ironia não esteve nessas ocorrências *per se*, mas nas contingências culturais nas quais o comportamento de fazer a pesquisa teórica sobre ironia a partir delas ocorreu (Borloti et al., 2008).

Borloti et al. (2008) indicaram os procedimentos para se fazer uma ACD que, mais recentemente, foram aplicados em dados empíricos (Borloti, Haydu, Rafihi-Ferreira & Fornazari, 2012; Borloti, Calixto & Haydu, 2013). Uma vez que os dados verbais para este estudo já existem como fontes bibliográficas, seguiu-se: (a) o isolamento dos trechos que permitiriam cumprir o objetivo do artigo; (b) a inferência dos argumentos desses trechos em suas relações verbais: seus operantes primários, elos temáticos intraverbais e processos autoclíticos surgidos do encadeamento desses operantes; (c) a

revisão do dado para encontrar exemplos que confirmem a regularidade dessas relações; (d) a descrição funcional do comportamento de inferir, refinando a inferência e agrupando os “dados teóricos” em classes funcionais, descrevendo o porquê da inferência.

Neste artigo, trechos explicativos sobre ironia foram buscados através de uma versão digitalizada no livro *Verbal Behavior*. Foram utilizadas as palavras *ironia*, *sarcasmo* e *zombaria* na busca pelas citações de Skinner (1957) que as continham. Ao serem localizados, os trechos foram separados. As palavras sublinhadas foram classificadas como operantes básicos que contribuem para a identificação dos tipos de autoclíticos e suas funções. Os argumentos centrais foram identificados em negrito e dentro deles foram sinalizados com setas os elos intraverbais. Os autoclíticos foram colocados entre colchetes e para cada tipo de autoclítico, uma cor foi destacada para melhor visualização de acordo com a legenda das figuras correspondentes.

Considerou-se como argumento uma proposição derivada de um comportamento verbal complexo do autor (Skinner) que engloba tatos e intraverbais e autoclíticos, que os modificam. Os argumentos centrais foram considerados como as proposições que o autor apresenta como tatos consistentes ao definir e exemplificar a ironia na tentativa de se fazer compreender. Operantes essenciais são entendidos como fragmentos do discurso de Skinner que são a base para a compreensão do seu discurso. E, por fim, os autoclíticos são considerados como molduras do discurso, ou seja, orientam o ouvinte sobre o sentido do discurso de Skinner, descrevendo, qualificando, relacionando, quantificando, manipulando e compondo o comportamento verbal do autor (Borloti, Calixto & Haydu, 2013).

Nesse sentido, na ACD descrita a partir das citações do *Verbal Behavior*, funções de partes do texto de Skinner (1957) foram analisadas pelos seus efeitos sobre a

autora deste estudo, que se comportou escrevendo (i.e., sendo escritora deste artigo), a partir de três efeitos do comportamento de Skinner sobre a compreensão/interpretação no repertório verbal dela neste estudo: (a) seu agir não verbal; (b) seu repetir o que foi lido; e (c) seu analisar a função do que foi escrito (Borloti, Calixto, & Haydu, 2013).

Os trechos do comportamento verbal de Skinner sobre ironia contém operantes primários (tatos, mandos, intraverbais) e secundários (autoclíticos). A partir disso, percebeu-se que os operantes primários criam elos entre si e os autoclíticos formam molduras no discurso analisado (como as formam em qualquer outro discurso). Essas molduras autoclíticas têm a função de dar direção, força e intensidade ao discurso, conduzindo o ouvinte/leitor para uma melhor compreensão/interpretação do comportamento verbal que produziu os trechos que as contêm.

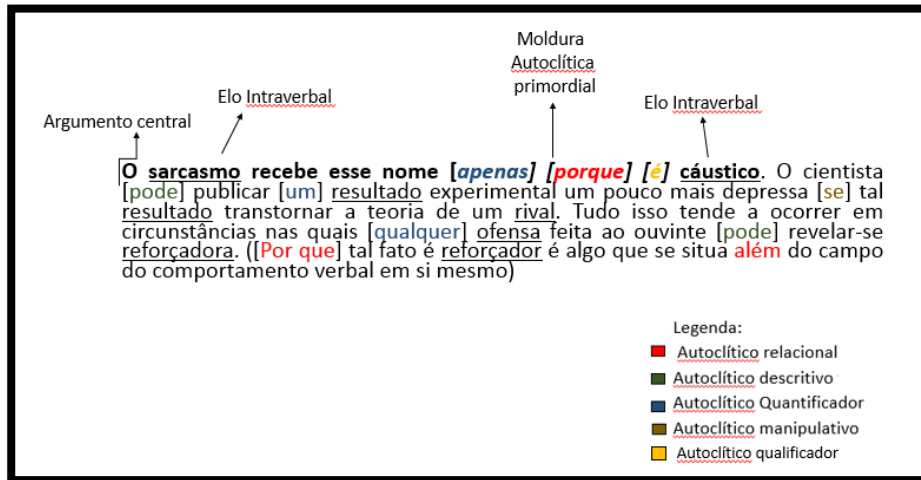
Os trechos analisados foram chamados de *ocorrências* formando uma junção entre o registro feito por Skinner e o registro aqui contido como “artigo”. As sentenças que continham essas ocorrências tiveram função de S^dV para a leitora/autora deste artigo orientando este produto final de análise, fruto de comportamentos verbais complexos englobando tatos e intraverbais moldados por autoclíticos (Borloti, Calixto, & Haydu, 2013). A organização e classificação dos autoclíticos nas ocorrências destacadas seguiram os critérios estabelecidos por Balbi Neto (2016), inclusive a junção dos autoclíticos relacionais e composicionais por apresentarem funções semelhantes. Com isso, foi utilizado apenas o termo autoclítico relacional para ambas classificações.

Resultados e Discussão: o discurso de Skinner sobre a ironia

Buscando o termo *ironia, sarcasmo e zombaria* no livro *Verbal Behavior* (VB; Skinner, 1957), vê-se cinco ocorrências (e mais uma, não contendo os termos buscados).

Primeira ocorrência: p. 154, capítulo intitulado “Condições Especiais que Afeiam o Controle de Estímulos”, subtítulo “Reforço especial do comportamento operante do ouvinte”.

Figura 1. Elementos funcionais da primeira ocorrência.



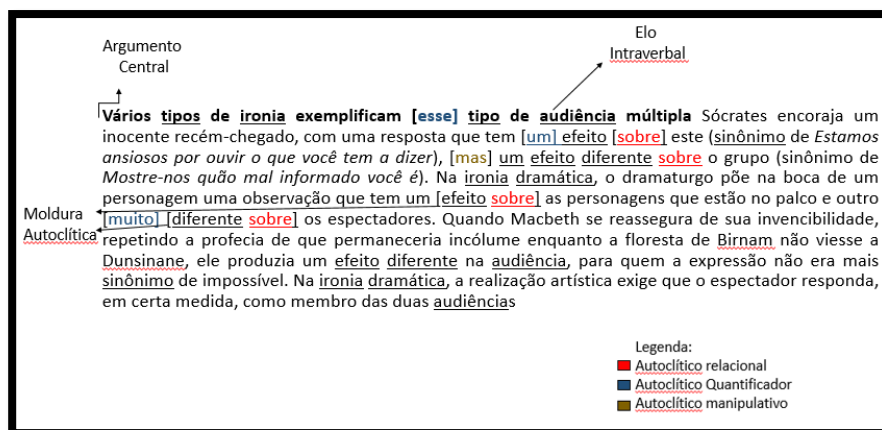
Os operantes essenciais deste excerto do comportamento verbal de Skinner são *sarcasmo*, *cáustico*, *resultado*, *rival*, *ofensa*, *reforçador*, que formam um elo intraverbal. *Apenas porque é* é a moldura autoclítica primordial na defesa do argumento central: *O sarcasmo recebe esse nome apenas porque é cáustico*. À moldura central adiciona-se: *pode*, *um*, *se*, *qualquer* [efeito ofensivo], *é* [reforçador] e *além*. Pode-se parafrasear o argumento central desta maneira: *o sarcasmo é definido por seu reforçador: o efeito aversivo sobre o ouvinte*. O autoclítico *apenas* quantifica a propriedade de *sarcasmo*, dado que [*se*] circunstâncias específicas o controlam. O *porque* é um autoclítico relacional que é emitido sob controle da combinação dos operantes *sarcasmo* e *cáustico*. Por fim, a predicação *é* funde a qualificação e a asserção acerca dessa combinação, tornando mais potentes os efeitos dos operantes essenciais sobre o leitor. Dois autoclíticos quantificadores (*um* e *qualquer*) e um autoclítico manipulativo (*se*) servem às funções dos argumentos adicionais: *um*, *qualquer* quantificam *ofensa* como provável (*transtorno* ou *ofensa*) reforçador juntamente com o

descritivo *pode*. O qualificador *é* estabelece relação de equivalência entre *sarcasmo* e *cáustico* no argumento central.

Em síntese, o sarcasmo ilustra muito bem as condições especiais que afetam o controle de estímulos atuando sobre o comportamento verbal. A ofensa, sua principal consequência, tateada em qualquer propriedade do comportamento operante do ouvinte que indique um resultado aversivo do sarcasmo, pode ser um tipo de reforço especial para o comportamento do irônico. Entretanto, o efeito do sarcasmo pode ser obtido por outra resposta ofensiva que não seja a ironia (ou mesmo que não seja uma resposta verbal). No caso, o autoclítico *apenas porque é* deixa claro ao leitor que outros comportamentos (verbais ou não) são ofensivos e que a ironia é classificada como sarcasmo *apenas porque é* aversiva a um ouvinte (e não a outro). Em geral, o falante esquiva-se de ofender diretamente o ouvinte, e emite o comportamento ofensivo diante de mais de uma audiência, de modo a que pelo menos uma, aquela a quem o comportamento não é dirigido, entenda a ofensa. Nesta circunstância de audiência múltipla, a ironia sarcástica é apenas um dos tipos de ironia, como se verá no dado verbal da segunda ocorrência, a seguir, emitida por Skinner exatamente no momento da sua discussão da causação múltipla.

Segunda ocorrência: p. 232, capítulo intitulado “Causação Múltipla”, subtítulo “Audiência Múltipla”.

Figura 2. Elementos funcionais da segunda ocorrência.



Os operantes essenciais mais frequentes deste segundo excerto textual são, numa ordem formando um elo intraverbal, *tipo-ironia-audiência-efeito-diferente-dramática*. A moldura autoclítica do discurso é: *esse* [controle pela audiência produz] *um* [efeito] *sobre* [uma audiência], *mas* [um efeito] e *muito* [diferente sobre a outra audiência].

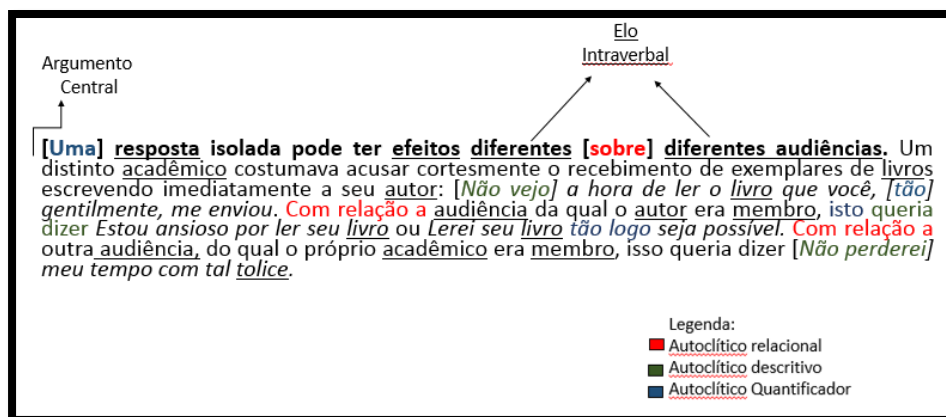
Nesta ocorrência, Skinner emitiu relações autoclíticas quantificadora, relacional e manipulativa. A segunda e a terceira parecem ser mais relevantes à definição de ironia. O relacional *sobre* esteve sob controle das propriedades relacionais entre duas audiências e aumentaram probabilidade de o leitor se comportar de acordo com a descrição dessas propriedades relacionais. O manipulativo *mas* esteve sob controle das propriedades aversivas da tendência do leitor a ficar sob controle do efeito do comportamento verbal sobre apenas uma audiência, e o instruiu a arranjar e relacionar suas reações à definição de ironia julgada apropriada por Skinner.

Nesta segunda ocorrência, o argumento central *Vários tipos de ironia exemplificam esse tipo de audiência múltipla*, em sua moldura autoclítica, pode ser sintetizado como: *A ironia é um exemplo de audiência múltipla: tem um efeito sobre uma audiência e um efeito muito diferente sobre outra audiência*. Conclusivamente, a audiência múltipla da ironia ilustra a consequência múltipla desse comportamento verbal, o que torna complexa a sua análise, fato que fez com que a ironia merecesse

mais exemplificações por parte de Skinner na seção “audiência múltipla” do *Verbal Behavior*.

Ainda na página 232, Skinner não emite as palavras-chave buscadas, porém cita um exemplo de ironia em uma dada situação, obviamente, de audiência múltipla:

Figura 3. Elementos funcionais de um exemplo de ironia.



A despeito da não emissão do operante *ironia*, os operantes essenciais deste trecho permitem entender os controles operando sobre a resposta verbal irônica. Os operantes mais frequentes, que formam um elo intraverbal, são: *resposta-efeitos-diferentes-audiências-acadêmico-livro-autor-membro-tolice*. A moldura autoclítica do discurso no argumento central *Uma resposta isolada pode ter efeitos diferentes sobre diferentes audiências* é relacional: [efeitos] *sobre* [audiências]. Já nos argumentos adicionais que reforçam o argumento central, os autoclíticos descritivos e quantificadores assumem função primordial para gerar compreensão no repertório do leitor (*uma - não vejo - tão - com relação a - tão logo*).

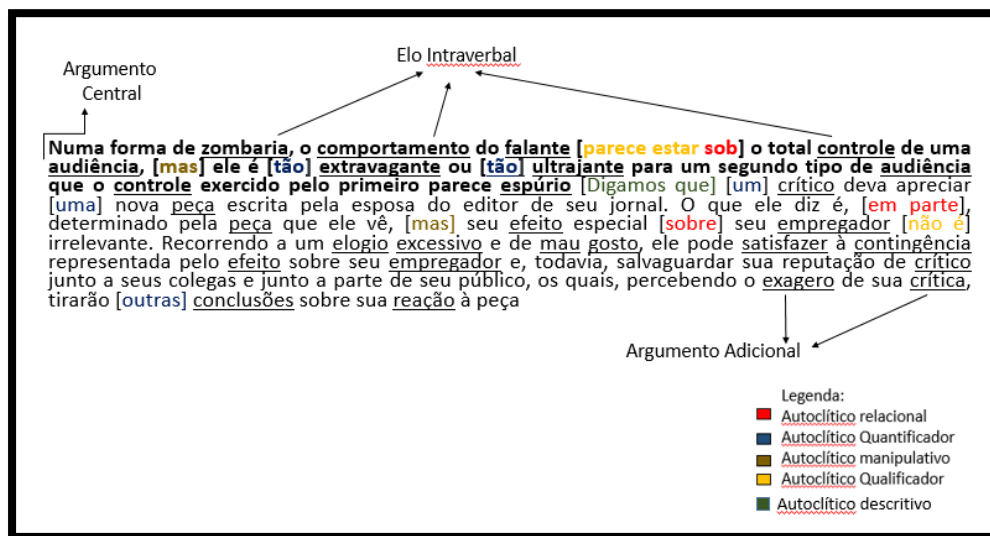
O autoclítico descritivo do tipo I *Não vejo* descreve ao ouvinte o operante básico (tato) que o acompanha. Nesse caso o tato aparece distorcido, pois descreve um comportamento que o falante não executará (o “tato do contrário”). Com função de descrever ao ouvinte o estado de força de emissão do operante básico, o descritivo do tipo II *Querida dizer* indica uma moldura forte para a emissão da resposta. Os descritivos

do tipo IV *Não vejo e Não perderei [meu tempo]* descrevem ao ouvinte a condição emocional ou motivacional do falante que, neste caso, para a primeira audiência, é um efeito positivo, enquanto que para a segunda, é negativo.

Os autoclíticos quantificadores *Uma, Tão, isto e tão logo* indicam propriedade relativa a quantidade do operante básico emitido pelo falante, ou seja, que ele executará a ação rapidamente, porém, para apenas uma das audiências. Os relacionais *com relação a e com relação a outra* instruem o ouvinte a compor um comportamento verbal com propriedades específicas para cada uma das audiências a partir da combinação de operantes básicos (no caso, possivelmente tato e intraverbal).

Terceira ocorrência: p. 233, capítulo intitulado “Causação Múltipla”, subtítulo “Audiência Múltipla”.

Figura 4. Elementos funcionais da terceira ocorrência.



Nessa ocorrência, os operantes essenciais mais frequentes que formam um elo intraverbal são: *zombaria-comportamento-falante-controle-audiência-extravagante-ultrajante-espúrio*. Eles apresentam os controles que contribuem para a compreensão do argumento central. Nos argumentos adicionais, os operantes *crítico-peça-efeito-empregador-elogio-excessivo-mau-gosto-satisfazer-contingência-conclusões-reação*

contribuem para reforçar o argumento central de que o comportamento de zombaria pode exercer controle sobre duas audiências distintas.

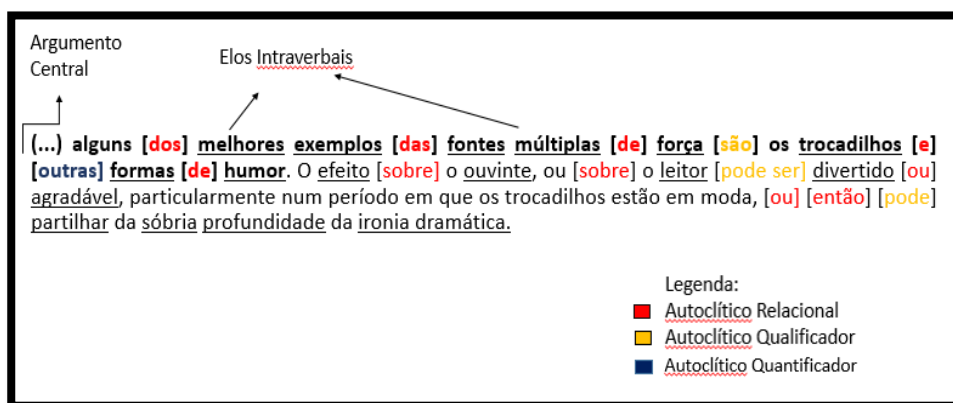
A moldura autoclítica dessa sentença é composta por relacionais, quantificadores, descritivos, qualificadores e manipulativos. Os relacionais *sob* e *sobre* aumentam a probabilidade do ouvinte se comportar de um modo particular de acordo com os operantes básicos relacionados. Isso contribui para que o leitor perceba que duas audiências são apresentadas à zombaria; e devem ser observadas de maneiras distintas.

Os autoclíticos quantificadores *uma* [audiência], *um* [segundo tipo] e *outras* indicam propriedades relativas à quantidade do operante básico emitido por Skinner. O *tão* descreve a quantidade do ultraje ou do insulto. O descritivo *Digamos que* indica que o que o leitor irá ler já foi dito por Skinner e será exemplificado para que haja melhor compreensão do leitor.

Os qualificadores *não é*, *em parte* e *parece estar* modificam a intensidade ou a direção do comportamento do leitor demonstrando não ser irrelevante o efeito da zombaria em uma segunda audiência. O autoclítico manipulativo *mas* instrui o leitor a arranjar e relacionar suas reações conforme os diferentes efeitos nas audiências apresentados por Skinner.

Quarta ocorrência: p. 239, capítulo intitulado “Causação Múltipla”, subtítulo “Causas Múltiplas na Literatura”.

Figura 5. Elementos funcionais da quarta ocorrência.



Diante do argumento central apresentado nesse trecho, pode-se observar que os operantes essenciais que formam um elo intraverbal são: *melhores-exemplos-fontes-múltiplas-força-formas-humor*. No argumento adicional, os operantes mais frequentes são *efeito-ouvinte-leitor-divertido- agradável-partilhar-sóbria-profundidade-ironia dramática* e contribuem para que o leitor compreenda que, como exemplo de fontes múltiplas de força, os trocadilhos e o humor variam seus efeitos sobre os ouvintes, do divertido ao dramático.

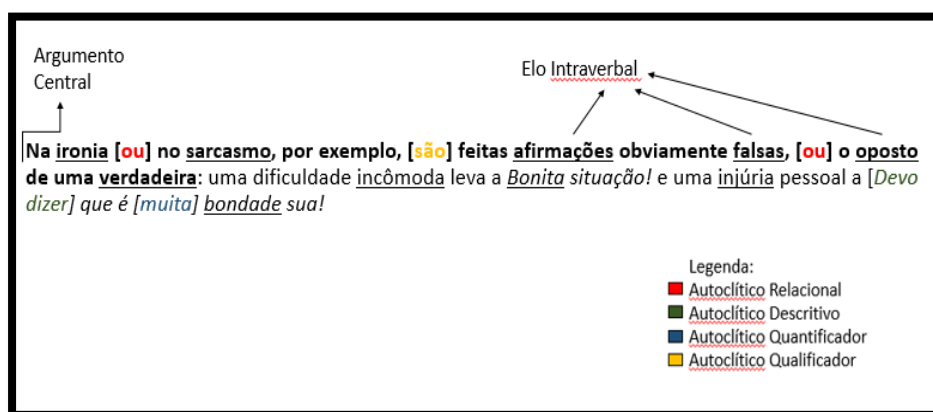
A moldura autoclítica dessa ocorrência composta por autoclíticos relacional, qualificador e quantificador contribuem para o leitor ser mais eficiente para compreender o argumento apresentado por Skinner. Os relacionais *dos-das-de-sobre-ou-então* aumentam a probabilidade do leitor se comportar de maneira a compreender que diferentes efeitos são gerados por trocadilhos e humor nas diferentes audiências.

O qualificador *são, pode e pode ser* estão sob controle de propriedades da qualidade do operante básico que o acompanha (tato e intraverbal) e modificam a direção e a intensidade do comportamento do leitor com relação aos diferentes efeitos em cada audiência.

O autoclítico quantificador *outras* indica propriedades quantitativas dos operantes básicos *formas* e *humor*. Neste caso, indica ao leitor que mais de uma forma de humor caracteriza as fontes múltiplas desse tipo de comportamento verbal.

Quinta ocorrência: p. 281, capítulo intitulado “Causação Múltipla”, subtítulo “Artifícios de Força”.

Figura 6. Elementos funcionais da quinta ocorrência.



No argumento central apresentado no trecho, os operantes essenciais que formam o elo intraverbal formado foram *ironia-sarcasmo-afirmações-falsas-oposto-verdadeira*. O elo intraverbal discriminado apresenta a definição básica de ironia: dizer algo com intenção (função) de dizer o oposto à realidade.

A moldura autoclítica *ou-são-devo dizer-muita* é composta por autoclíticos do tipo relacional, qualificador, descritivo do tipo III e quantificador. O autoclítico relacional *ou* tende a orientar o leitor a se comportar de um modo particular, neste caso percebendo a relação entre os dois polos da ironia (falso-verdadeiro) que demonstram o dualismo na análise desse tipo de comportamento verbal. O autoclítico qualificador *são* modifica a intenção do comportamento do ouvinte, direcionando-o com relação ao operante básico que o autoclítico acompanha, afirmando o operante. O descritivo do tipo III *devo dizer* descreve ao ouvinte relações entre um operante básico e as condições de sua emissão uma vez que o que foi dito deve parecer ser desproporcional ao ocorrido,

e é complementado com o autoclítico quantificador *muita*, que quantifica intensificando (o contrário) as propriedades do operante básico que o acompanha.

A regularidade das funções verbais de algumas partes das ocorrências acima possibilita inferir a função autoclítica relacional e quantificadora seguida da qualificadora, descritiva e manipulativa. A função dos autoclíticos relacionais é descrever ao ouvinte as relações que foram estabelecidas entre os operantes básicos *ironia-audiência múltipla-controle-fontes múltiplas de força-afirmações-oposto-verdadeira*. Os relacionais aumentam a probabilidade de o ouvinte se comportar de forma específica de acordo com a relação estabelecida contribuindo para que o ouvinte compreenda as variações entre o que foi falado e o contexto, uma vez que é mais provável que o falante irônico tateará o contrário do que está posto no ambiente. Os quantificadores estão sob controle das propriedades relacionadas à quantidade do operante básico que o acompanha, podendo intensificar ou diminuir um aspecto do ambiente de maneira contrária.

Os autoclíticos qualificadores mudam a direção do comportamento do ouvinte com relação ao significado (intenção) do irônico, assim ele pode identificar a relação contrária entre a ironia emitida e o contexto (caso o ouvinte esteja qualificado para isso). O autoclítico descritivo nos trechos acima apresenta as propriedades fundamentais do operante essencial *ironia* (cáustico, extravagante, ultrajante, humor). Os manipulativos *mas* e *se* permitem que o ouvinte reorganize as funções da definição de ironia entre as várias possibilidades de contexto e audiência.

Assim, a análise do discurso de Skinner só foi possível neste artigo porque o comportamento verbal da leitora/autora, ao inferir as relações verbais unificadas no discurso, estava sob controle: (a) das regras que delimitam esta ação em Skinner (1957); (b) dos efeitos que o produto dessa ação discursivas sobre ela; e (c) da inferência com

relação aos antecedentes e consequentes das contingências relacionadas à auto-observação do seu comportamento verbal (Borloti, Haydu, Rafihi-Ferreira, & Fornazari, 2012). Isso porque a autora deste artigo tem formação analítico comportamental e vem se especializando no estudo do tema ironia.

Pode-se concluir a partir da ACD feita nas citações de Skinner que a compreensão da ironia depende basicamente da definição de controle múltiplo (de operações estabelecedoras e S^ds, incluindo as audiências, em controles puros e estendidos) e tato do contrário. Tais definições são apresentadas para controle da compreensão do leitor pela regularidade das funções autoclíticas relacionais, quantificadoras, qualificadoras, descritivas e manipulativas. Portanto, nas seções seguintes estes dois pontos são melhor esclarecidos e acrescidos de considerações feitas a partir de conclusões sobre os mesmos, também feitas por linguistas.

Controle Múltiplo

A causação múltipla (i. e., controle múltiplo) geralmente está relacionada com a força que uma única resposta pode ter em função de mais de uma variável; e, também com o contrário, ou seja, com a força que mais de uma resposta pode ter em função de uma única variável (Skinner, 1957). Isso quer dizer que, no primeiro caso, por exemplo, a resposta irônica *Linda!* pode indicar tanto um tato (diante de uma audiência, dizer *linda* referindo-se a uma pessoa que se acha feia) quanto um mando (dizer *linda* para que o amigo olhe para a mulher que na verdade está referida como feia). No segundo caso, num grupo, a presença de uma pessoa (“vítima”) considerada antipática pelo grupo pode controlar diferentes formas de ironia ao se falar sobre ela com a função de ridicularizá-la, tanto para que o grupo compreenda (e ache engraçado) o que se fala, quanto para que a “vítima” não compreenda o que se fala. Com relação à audiência

múltipla, o próprio Skinner citou a ironia como exemplo desse controle, como observado nas citações na seção anterior.

A contingência nessa interação permite uma análise satisfatória da ironia falada e indica características peculiares nessa “figura de linguagem”, como a chamariam os linguistas. Uma dessas características pode ser equivalente àquilo que eles chamam de *polifonia*: a ironia verbal pode ter “várias vozes”, uma característica forte que faz com que ela possa significar várias coisas, dependendo, por exemplo, do contexto em que se fala ou do tipo de audiência presente. O linguista Souza (2010) afirma que o locutor (falante) pode produzir um mesmo enunciado interpretável em mais de um nível (e. g., textual ou da aparência). Existe uma “intenção” do locutor, porém, ela não é clara e, então, o significado do seu enunciado fica nas mãos do seu ouvinte que, dependendo de sua posição no episódio verbal, fará uma ou outra interpretação.

Como visto na ACD de Skinner (1957, p. 240), parte da causação múltipla da ironia é a audiência múltipla. Isso porque o controle exercido por uma ou várias audiências é desenvolvido sob circunstâncias apropriadas. Ele ainda afirma que duas ou mais audiências têm o mesmo efeito sobre a mesma resposta. Ou seja, as diferentes audiências podem controlar respostas diferentes ou a mesma resposta com diferentes funções por seus vários efeitos, dentre eles, a crítica, o ridículo e o humor.

De acordo com a linguista Paiva (1961), a produção da ironia sempre estará entrelaçada com esses efeitos de crítica, ridicularização ou humor. Em sua análise linguística, posta aqui em termos comportamentais, é imprescindível a existência de pelo menos duas audiências. Uma será aquela que faz parte da comunidade verbal do falante, a que compartilhará da crítica, do sarcasmo, do deboche ou do humor emitido por ele. A outra audiência é aquela que “sofrerá” os efeitos das formas verbais que o falante emitiu. Mesmo que a “intenção” do falante (i.e., o efeito esperado pelo qual o

falante emitiu ironia) não seja percebida ou compreendida por essa audiência “vítima”, tal efeito funcionará porque a primeira audiência compartilhará dos controles da sua resposta verbal, ou com um sorriso, ou com algum gesto ou palavra, que produzirão no falante a certeza de que a ironia emitida por ele foi satisfatória, ou seja, compreendida pela audiência positiva presente.

Dos expedientes retóricos que a Linguística chama de “figuras de linguagem”, a ironia verbal não é a mais fácil de ser compreendida, mas também não é a mais difícil. O que se precisa atentar ao estudá-la é justamente o contexto, pois pode ocorrer de ela não ser compreendida por nenhuma das audiências. Quando isso acontece, deve-se observar a contingência como um todo: qual era o contexto, o que disse o falante, quem eram os ouvintes, se faziam parte da história do falante, e assim por diante. A qualificação do ouvinte, como diz Skinner (1957), é essencial para que a comunicação seja satisfatória. Quando o autor fala dessa qualificação ele cita que o ouvinte deve fazer parte da mesma comunidade verbal que do falante. A função do ouvinte da ironia é ditada pelo contexto e pela relação dele com o irônico.

Isso confirma o que o linguista Seixas (2006) afirmou em seu estudo sobre linguagem irônica no jornalismo brasileiro. Ele disse que a compreensão da ironia não pode ser garantida pelo ouvinte *per se* e que a atribuição do sentido da ironia dita pelo falante vai depender não só do enunciado, mas, também, em termos comportamentais, de variáveis do ambiente situacional no qual a ironia foi emitida e da própria história de relacionamento das pessoas que estão conversando. Tudo deve ser analisado. O que se fala não é o mais importante, mas, a junção disso com variáveis do contexto do episódio verbal irônico, tais como características da comunidade verbal e dos participantes do episódio.

Assim como Skinner (1957), a linguista Hutcheon (1992) sabiamente afirmou que a ironia poderia ser estudada por outro olhar além daquele comum à maioria dos estudos (i. e. a linguagem vocal do contrário dos fatos). Segundo a autora, a ironia deveria ser vista como um “relacionamento dinâmico, um processo comunicativo” (p. 220). Ela afirma que essa nova revisão do conceito é necessária para se investigar as diferentes funções da ironia, para ela, positivas e negativas. Essas funções podem variar num *continuum*, no sentido de progredir do lado positivo, que é a ironia enfática e inclusiva do ouvinte, para o lado negativo, que é a ironia excludente do ouvinte. Funcionalmente, isto tem relação com o controle da audiência múltipla descrita no discurso de Skinner (1957) sobre a função da ironia: em um episódio verbal irônico sempre haverá mais de um tipo de audiência, e uma delas tenderá a fazer parte da história de reforçamento do falante. A outra audiência será a audiência “excluída”, isto é, que não faz parte da história do falante, porém, participa do episódio verbal e assim, como afirma Skinner, poderá tender a produzir consequências punitivas ao falante, pelo fato de estar sendo excluída do contexto, em muitos casos, humilhada/ridicularizada.

Isto explica o fato de Paiva (1961) afirmar que uma forte função da ironia é ridicularizar. Essa ridicularização poderá produzir exclusão, uma vez que não beneficiará uma das audiências do contexto de controle múltiplo. Em um estudo empírico, os linguistas Ivanko e Pexman (2003) observaram que quando o contexto em que a ironia foi emitida foi muito negativo (aversivo), os participantes demoraram mais tempo para perceber as ironias devido a uma expectativa de que as sentenças proferidas ali seriam mais literais. Por outro lado, quando o contexto foi mais positivo (reforçador), o tempo necessário para cada pessoa interpretar as sentenças irônicas foi o mesmo (e, algumas vezes, até menor) necessário para que interpretassem as literais.

Pode-se observar que Hutcheon emite o termo “comunidade verbal”, o mesmo emitido por Skinner (1957), para tatear os “lados”, os controles principais da ironia. Ela diz que em algumas “comunidades verbais” (p. 222), a ironia pode ter uma função ou um papel muito importante em termos de se provar uma competência comunicativa. Ela cita os departamentos de Literatura nas Universidades (poderia também ser os de Psicologia) como um ambiente propício a esse tipo de comportamento: para uma pessoa provar que é competente na fala, ironiza com função de elitizar seu repertório verbal. Por isso, diz ela, muitas discussões são feitas com a função retórica da ironia em provar ao ouvinte a inteligência do falante irônico. Isto tem seu preço: “o lado negativo baseia-se não só na possibilidade de negar, mas na noção de que a complexidade desnecessária e, certamente, a ambiguidade, leva a uma má compreensão, uma confusão, ou simplesmente uma falta de clareza na comunicação” (p. 222). Para Hutcheon (1992, p. 222), o lado positivo da ironia é sua função “benigna”: o lúdico ou o divertido. Está relacionado à perspicácia, ao talento e ao humor. Pode ser vista como uma característica positiva da fala, como os trocadilhos ou até mesmo a metáfora, como afirmado por Skinner; mas, ao mesmo tempo, também pode ser visto como algo trivial, vazio, superficial ou até bobo.

O tato do contrário

Para a explicação do processo de condicionamento do comportamento verbal irônico é importante incluir a noção de equivalência de estímulos (Sidman, 2000), de modo a que se entenda como um “fato real” pode ser tateado como “o seu contrário”. Nesse caso, pode-se dizer que o contrário do fato está sendo dito como símbolo para tatear o fato. Então, como comportamento verbal peculiar, a ironia é, portanto, um tipo de comportamento simbólico.

No artigo de Wilkinson e McIlvane (2001), os autores descrevem uma metodologia para o estudo de comportamentos simbólicos. Essa metodologia oferece um modelo operacionalizado de referência simbólica, que pode permitir especificar uma diferença empírica entre as relações simbólicas e as associativas que as pessoas fazem com relação às palavras que aprendem. Este método sozinho não conseguirá resolver antigos problemas do comportamento humano complexo, mas busca ser um complemento para auxiliar os interessados em estudar como os seres humanos compreendem os símbolos linguísticos (i.e., palavras).

Wilkinson e McIlvane (2001, p. 356) afirmam que os *insights* advindos da modelagem do repertório verbal contribuirão não apenas para a compreensão formal da referência simbólica, mas também, para a compreensão do fenômeno dentro dos contextos da sua ocorrência natural. Os autores partem do conceito e dos estudos de equivalência de estímulos (Sidman, 2000) para explicar porque as pessoas aprendem determinadas palavras (símbolos linguísticos) e são capazes de generalizá-las para estímulos equivalentes, mas não tão semelhantes ao primeiro estímulo associado a elas.

Há duas características necessárias para a ocorrência da aprendizagem por equivalência (Wilkinson & McIlvane, 2001). A primeira é que apenas um subconjunto de relações é aprendido diretamente. A segunda é que para se identificar correspondências entre as palavras e os objetos que elas referenciam não é necessário haver similaridade palavra-objeto. Isso indica que estímulos equivalentes podem ter função discriminativa para um falante emitir uma determinada palavra aprendida anteriormente.

Abreu e Hübner (2012) também comentam a respeito da equivalência de estímulos de Sidman (2000) e sua importância para o controle do comportamento do ouvinte. A comunidade verbal ensina relações arbitrárias entre estímulos (e. g. a palavra

falada “cadeira” e o objeto cadeira) modelando o repertório verbal do ouvinte fazendo com que ele identifique a equivalência funcional entre estímulos condicionados arbitrariamente, sendo capaz de compor uma classe de respostas. Essa explicação auxilia na compreensão de como uma pessoa, ao longo da sua história de contingências de reforçamento, reage a certas palavras (símbolos) da mesma maneira que reage aos objetos que referenciam essas palavras e a outras palavras num mesmo quadro de relações de equivalência.

Nessa história de contingências, o processo de condicionamento do tato de fatos pelo contrário deles pode ser mais ou menos fortalecido nas relações sociais em comunidades verbais diferenciadas. Foi o que observaram os linguistas Ivanko, Pexman e Olineck (2004, p. 245). Eles afirmaram que alguns indivíduos tendem a ser mais irônicos que outros em suas falas. Além disso, algumas pessoas percebem melhor a ironia que outras, talvez pelo simples fato de serem mais frequentemente irônicas. Como consequência disso, essas pessoas podem discriminar a ironia que outras não discriminariam. Entretanto, muitos dos estudos linguísticos sobre compreensão das “figuras de linguagem” ignoram o potencial de influência dos fatores sociais nas emissões dessas “figuras”. Quando muito, a ênfase tem sido dada a fatores linguísticos ou discursivos. Em sua pesquisa, os autores investigaram como esse fator social negligenciado pode ser justificado, explorando a possibilidade de haver diferenças individuais que influenciam a produção e a interpretação da ironia verbal, aproximando assim a abordagem linguística da comportamental. Neste sentido, apenas uma resposta verbal pode ser bastante efetiva sobre mais de uma audiência, só que de maneiras diferentes.

Conclusão

A ironia foi citada apenas algumas poucas vezes por Skinner e dessas poucas citações pode-se afirmar que sua definição e análise perpassam pela explicação do comportamento verbal, operante que depende diretamente de um ouvinte qualificado para responder apropriadamente e, com isso, emitir reforço ao comportamento do falante irônico. Ao perpassar a questão da mediação social, o discurso de Skinner, conforme aqui analisado, mostrou os elementos funcionais que controlaram o modo como ele *em seu discurso* apresentou a análise *que ele fez* da ironia. Apesar de complexa, a análise verbal de produtos verbais considerando a análise do próprio interpretar do analista é possível pelo viés da Análise Comportamental do Discurso (Borloti et al., 2008; Borloti, Calixto & Haydu, 2013). Também, concluiu-se que essa complexidade se deve aos processos autoclíticos na ironia, essenciais para se analisar a função desse comportamento verbal.

Ao analisar as seis ocorrências, fica evidente que Skinner impele no seu leitor a compreensão da ironia basicamente pela definição de dois elementos: controle múltiplo e do tato do contrário. Isto é garantido principalmente por operantes primários em argumentos centrais e adicionais apresentados pela regularidade da emissão de autoclíticos relacionais, quantificadores, qualificadores, descritivos e manipulativos para controle dessa compreensão. Os operantes básicos que parecem ser essenciais para a definição da ironia foram *múltiplas – efeitos – diferentes - audiência – oposto*. A moldura autoclítica mais frequente no discurso é caracterizada basicamente por autoclíticos relacionais que aumentam a probabilidade de o leitor se comportar de modo específico em tatos (contrários); e autoclíticos quantificadores que indicam propriedades relativas à quantidade dos operantes primários emitidos por Skinner, demonstrando a função múltipla da audiência e como o leitor deve estar atento a esse aspecto do

discurso para que ele compreenda o comportamento verbal irônico, segundo a definição de Skinner. O controle múltiplo também aparece como característica fundamental da ironia, exacerbando a dificuldade de sua compreensão. Contudo, responder apropriadamente à ironia não significa apenas compreendê-la. Pelo contrário, pode ocorrer que o falante, sob controle do reforço da ridicularização de um ouvinte, emita uma ironia que o ouvinte “vítima” não compreenda. Porém, uma outra parte da audiência deve fazê-lo. Isso significa que a não compreensão por uma parte da audiência pode ser exatamente a função-chave de uma ironia.

Este artigo não teve a pretensão de esgotar a explicação comportamental do tema. Entretanto, mostrou pela ACD de Skinner, os dois aspectos centrais que dão complexidade ao fenômeno da ironia: (a) controle múltiplo e (b) tato do contrário. Fica claro, então, que apesar da ironia ser um comportamento verbal complexo, pode-se observar que a explicação dos controles múltiplos do comportamento verbal (controles puro e estendido, controle pela audiência etc) se encaixa perfeitamente em sua análise. O apontamento desses controles poderá favorecer investigações empíricas que serão relevantes para aprofundar o estudo deste comportamento.

É cristalino, a partir desse estudo, o modo como a ironia pode e deve ser estudada pelo olhar da Análise do Comportamento, aproveitando alguns dos estudos da Linguística. O método da Análise Comportamental do Discurso mostrou os elementos fundamentais do conceito funcional do fenômeno no discurso de Skinner, cujos argumentos tiveram sua função fortalecida por processos autoclíticos relacionais, quantificadores, qualificadores, descritivos e manipulativos. A ironia não foi o foco de Skinner para a explicação do comportamento verbal, porém, o fato dele ter exemplificado essa explicação com ela, imprime significado e importância ao seu estudo analítico-funcional.

Referências Bibliográficas

- Bandini, C. S. M., & De Rose, J. C. C. (2010). Chomsky e Skinner e a polêmica sobre a geratividade da linguagem. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7, 20-42.
- Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- Borloti, E. (2003). O discurso de Skinner: uma análise funcional do citar no Verbal Behavior. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Borloti, E., Calixto, F. C., & Haydu, V. B. (2013). Análise comportamental de discurso de um livro de autoajuda. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 4, 92-105.
- Borloti, E., Haydu, V. B., Rafihi-Ferreira, R. E., & Fornazari, S. A. (2012). Análise comportamental do discurso: uma entrevista com uma paciente oncológica. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2, 102-116.
- Borloti, E., & Hübner, M. M. C. (2010). O Autoclítico e a Construção Verbal. In: Hübner, M.M.C.; Garcia, M.R.; Abreu, P.R.; Cillo, E.N.P.; & Faleiros, P.B.. (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição: AEC, cultura, questões conceituais e filosóficas..* (Org.). Santo Andre: ESETEC. 25, 279-287.
- Borloti, E. Iglesias, A., Dalvi, M. C., & Silva, R. D. M. (2008). Análise Comportamental do Discurso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 101-110.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do Conhecimento Científico*. Atlas, São Paulo.
- Dougher, M. J. (1993). Interpretative and hermeneutic research methods in the contextualistic analysis of verbal behavior. In S. C. Hayes, H. W. Reese, &

T. R. Sarbin (Eds.). *Varieties of Scientific Contextualism* (pp. 147-159).
Reno, NV: Context Press.

- Eby, C., Greer, D., Tullo, L., Baker, K., & Pauly, R. (2010). Effects of multiple exemplar instruction on transformation of stimulus function across written and vocal spelling responses by students with autism. *The Journal of Speech Language Pathology and Applied Behavior Analysis*, 5, 20-31.
- Eisterhold, J., Attardo, S., & Boxer, D. (2006). Reactions to irony in discourse: evidence for the least disruption principle. *Journal of Pragmatics*, 38, 1239–1256.
- Fidalgo, A. P., Banaco, R. A. (2014). O estudo do comportamento verbal no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30, 347-355.
- Gibbs, R. W. (1986). On the Psycholinguistics of Sarcasm. *Journal of Experimental Psychology*, 115, 3-15.
- Hübner, M. M. C., Miguel, C. F., & Michael, J. (2005). Controle múltiplo no comportamento verbal: humor brasileiro e operantes relacionados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. 1, 1-14.
- Hutchens, E. N. (1960). The Identification of Irony. *English Literary History*, 27, 352-363.
- Hutcheon, L. (1992). The complex functions of irony. *Revista Canadiense de Estudios Hispânicos*, 16, 219-234.
- Ivanko, S. L., & Pexman, P. M. (2003). Context incongruity and irony processing. *Discourse Process*. 35, 241–279.
- Ivanko, S. L., Pexman, P. M., & Olineck, K. M. (2004). How Sarcastic Are You? *Journal of Language and Social Psychology*, 23, 244-271.

- Kreuz, R. J., Kassler, M. A., Coppentrath, L., & McLain, A.B. (1999). Tag Questions and Common Ground Effects in the Perception of irony. *Journal of Pragmatics*, 31, 1685-1700.
- Lopes Jr. J., & Matos, M. A. (1995). Controle pelo Estímulo: Aspectos Conceituais e Metodológicos acerca do Controle Contextual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 11. 33-39.
- Machado, A. R. (2014). O comportamento verbal musical: conceitos e dados experimentais. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.
- Matos, M. A. (1999). Controle de estímulo condicional, formação de classes conceituais e comportamentos cognitivos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 1, 159-178.
- McLaughlin, S. F. (2010). Verbal behavior by B. F. Skinner: Contributions to analyzing early language learning. *The Journal of Speech-Language Pathology and Applied Behavior Analysis*, 5 (2), 114-131.
- Messa, L. C. S. (2012). Ironia verbal: do conceito skinneriano à análise do discurso jurídico irônico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Messa, L. C. S, Borloti, E. & Carmelino, A. C. (2014). Linguistics and Behaviour Analysis in the Functional Conceptualization of Verbal Irony. *European Journal of Child development, Education and Psychopathology*. 2, 97-121.
- Messa, L. C. S. (2016a). A produção da ironia verbal: o que controla o comportamento verbal do falante irônico? In: Messa, L. C. S. (2016). *Análise Comportamental da Ironia: um estudo empírico. Tese de Doutorado*. Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil.

- Messa, L. C. S. (2016b). Análise funcional da compreensão do comportamento verbal irônico In: Messa, L. C. S. (2016). Análise Comportamental da Ironia: um estudo empírico. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil.
- Michael, J., Palmer, D. C., & Sundberg, M. L. (2011). The Multiple Control of Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27, 3-22.
- Paiva, M., H., N. (1961). Contribuição para uma estilística da ironia. Centro de estudos filológicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Passos, M. L. R. F (2007). Skinner's definition of verbal behavior and the arbitrariness of the linguistic signal. *Temas em Psicologia*, 15, 161-172.
- Rockwell, P. (2000). Lower, Slower, Louder: Vocal Cues of Sarcasm. *Journal of Psycholinguistics Research*, 10, 483-495.
- Speakman J., Greer R. D., & Rivera-Valdes C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*. 28, 83-99.
- Saquetto, D., & Borloti, E. (2008). Hermenêutica Comportamental. In W. C. M. P. Silva (Org.), *Sobre comportamento e cognição: reflexões epistemológicas e conceituais, considerações metodológicas, relatos de pesquisa* (pp. 45-54). Santo André: ESETec.
- Seixas, N. S. S. (2006). Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Sidman, M. (2000). Equivalence relations and the reinforcement contingency. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74, 127–146.

- Souza, A.L. (2010). Introdução à Gramática de Construções. In: Hermont, A., Santo, R., & Cavalcante, S. (org). *Linguagem e Cognição: diferentes perspectivas. De cada lugar um olhar*. Editora PUC-MG.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1975). *Walden Two: uma sociedade do futuro*. Tradução realizada por R. Moreno & N. R. Saraiva. São Paulo: Herder. (trabalho original publicado em 1948).
- Vargas E. A. (2013). The Importance of Form in Skinner's Analysis of Verbal Behavior and a Further Step. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 167–183.
- Wilkinson, K., M. & McIlvane, W. J.(2001). Methods for studying symbolic behavior and category formation: Contributions of stimulus equivalence research. *Developmental Review*, 1-20.

3 ARTIGO 2:

Estudos empíricos da ironia: revisão sistemática e implicações para uma análise funcional

Resumo

A ironia é um operante cuja função depende de variáveis específicas. Contribuindo para uma análise funcional da ironia, o objetivo deste artigo é, a partir de uma revisão sistemática, mapear as variáveis (ou indicadores de variáveis) sendo estudadas em pesquisas empíricas e indicar elementos essenciais para a análise funcional da ironia. Buscas em bases de dados com palavras-chave (ironia, ironia verbal, sarcasmo, controle múltiplo, autoclíticos, irônico e comportamento verbal) localizaram 43 artigos em Psicologia, Linguística e Neurociência e mostrando quatro elementos a serem considerados em experimentos ou análises funcionais da ironia pela Análise do Comportamento: (a) o irônico ou quem o compreende (falante ou ouvinte); (b) o objeto ironia (produção ou compreensão); (c) sua consequência (função); e (d) o ambiente onde ocorre (contexto). Conclui-se que na análise funcional da ironia deve-se atentar às: (a) características dos integrantes do episódio verbal irônico (falante, ouvinte, ouvinte qualificado, ouvinte não qualificado) e dos eventos antecedentes e consequentes da

ironia (tipos e efeitos sobre falante e ouvinte); e (b) consequências das variáveis ambientais que controlam a ironia em diferentes nuances (e.g., humor, sarcasmo, cinismo, deboche). A descrição destes elementos empíricos em outras abordagens pode ser útil para uma análise funcional do comportamento verbal irônico e contribuir para o conhecimento e para pesquisas experimentais sobre o mesmo na Análise do Comportamento.

Palavras-chave: ironia, Análise do Comportamento, Análise Funcional, comportamento verbal.

Abstract

Irony is an operant which function depends on specific variables. Contributing for a functional analysis of irony, the objective of this article is, from a systematic review, to map the variables (or indicators of these variables) being studied in empiric researches and indicate essential elements for a functional analysis of irony. Search in data bases using keywords (irony, verbal irony, sarcasm, multiple control, autoclitics, ironic and verbal behavior) located 43 articles in Psychology, Linguistics and Neuroscience and showed four elements to be considered in experiments or functional analysis of irony by Behavior Analysis: (a) the ironic or who understands him (speaker or listener); (b) the object irony (production and comprehension); (c) its consequence (function); and (d) the environment where occurs (context). It is concluded that the functional analysis of irony should notice: (a) the characteristics of the members of ironical verbal episode (speaker, listener, qualified listener, non-qualified listener) and the antecedents and consequents events of irony (types and effects on the speaker and listener); and (b) consequences of the environmental variables that controls irony in different types (e.g., humor, sarcasm, cynicism, debauchery). The description of these empiric elements in other approaches

can be useful for a functional analysis of ironical verbal behavior and contribute to the knowledge and to the experimental researches about it in Behavior Analysis.

Keywords: Irony, Behavior Analysis, Functional Analysis, Verbal behavior.

Estudar funcionalmente o comportamento verbal é o que os analistas do comportamento se dedicam a fazer, uma vez que Skinner (1957) não apresentou estudos empíricos sobre este tema. O livro de 1957, *Verbal Behavior*, é o marco teórico que se tem atualmente na explicação do comportamento verbal na Análise do Comportamento. Um programa de estudos foi apresentado pelo autor para uma análise funcional do comportamento verbal, e muito contribuiu para o avanço nos estudos atuais. Skinner propôs esse programa a partir da definição de comportamento verbal (operante mediado por um ouvinte qualificado, cujas consequências contribuem para a sua manutenção; Passos, 2003) e de sua classificação (primários e secundários, e seus subtipos funcionais). Tal classificação permitiu a identificação dos seus controles (únicos, múltiplos ou estendidos) e do papel da audiência na sua mediação com o ambiente, provendo o seu reforçamento. Muitos artigos de revisão sistemática na Análise do Comportamento já se ocuparam de descrever estudos empíricos gerados pelo *Verbal Behavior*. Independentemente do foco desses estudos ser operantes em geral (e.g., Eikeseth & Smith, 2013; Esch, Mahoney, Kestner, Lahone & Esch, 2013; Kisamore, Karsten, Mann & Conde, 2013; Gross, Fuqua & Merritt, 2013) ou operantes específicos (e.g., Anastácio-Pessan, Almeida-Verdu, Bevilacqua & Souza, 2015; Koehler Platten, Grow, Schulze & Bertone, 2013; Speckman, Greer, & Rivera-Valdes, 2012; Hübner, Austin & Miguel, 2008), eles sempre têm o objetivo de apontar os elementos para a análise funcional empírica, e não apenas interpretativa, do comportamento verbal.

Skinner, (1974/2003, p. 38) propôs o argumento fundamental para essa análise funcional:

As variáveis externas das quais o comportamento é função dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou funcional. Tentamos prever e controlar o comportamento de um organismo individual. Esta é a nossa "variável dependente" - o efeito para o qual procuramos a causa. Nossas "variáveis independentes" - as causas do comportamento - são as condições externas das quais o comportamento é função. Relações entre as duas - as relações de "causa e efeito" no comportamento - são as leis de uma ciência.

Nesse sentido, a avaliação das contingências envolvendo uma ação verbal de um indivíduo é fundamental para se fazer uma análise funcional dessa ação. Isso significa que características das variáveis que envolvem os estímulos antecedentes (ocasião em que a resposta ocorre), a resposta verbal em si e as suas consequências reforçadoras mediadas por uma audiência devem ser a base para a análise funcional (i.e., empírica) no sentido do argumento skinneriano acima destacado. Defendendo este argumento, este artigo de revisão sistemática foca a análise empírica do comportamento verbal irônico feita fora da Análise do Comportamento de modo a identificar funções da ironia nos dados desses estudos.

Este foco tem seu mérito social, dada a função do comportamento verbal irônico do homem estar diretamente relacionada à vida em sociedade. A emissão e a manutenção da ironia não são apenas vantajosas para o falante, mas também são para o ouvinte (e.g., no caso de a ironia ter função de humor, faz com que ouvinte ria e amenize as contingências aversivas do contexto; Hübner, Miguel & Michael, 2005). Emitir ironia e reagir a ela está diretamente relacionada ao que Skinner explicou com

relação ao comportamento operante em geral, incluindo quaisquer comportamentos verbais: frequência e probabilidade da emissão de acordo com a taxa de reforço.

Com relação ao ouvinte, têm-se a mesma explicação: um ouvinte reage positivamente ou negativamente à uma ironia, respectivamente, como estímulo positivo ou aversivo. Por exemplo, como estímulo aversivo, se um trabalhador costuma ouvir ironias sarcásticas (com função de crítica e deboche) de um mesmo colega de trabalho com relação às suas competências profissionais, existe uma grande probabilidade do comportamento dele diante desse mesmo colega de trabalho se manter por reforço negativo (fuga-esquiva). E mais: existe também uma grande probabilidade de que a ironia do colega, emitida com intenção de criticar e debochar, elicie sentimentos negativos nesse trabalhador, que tenderá a se afastar ou a minimizar a aversão do colega irônico. Do ponto de vista prático, em geral, quando não é possível o afastamento da estimulação aversiva, reações negativas são minimizadas com piadas (Hübner, Miguel & Michael, 2005).

Assim, a relevância social deste estudo se soma à científica ao melhorar o diálogo dos analistas do comportamento com outras áreas do conhecimento. Analistas do comportamento não têm utilizado achados de outras áreas para o estudo da ironia; nem mesmo têm estudado o tema ironia especificamente e internamente à Análise do Comportamento (uma exceção é o artigo de Messa, Borloti, & Carmelino, 2014). O contrário ocorre na Linguística, área na qual o estudo da ironia é comum (Machado, 1995; Brait, 1996; Adorno, 2006; Nishiwaki, 2015). Nessa justificativa, visando à contribuição para uma análise funcional da ironia pela ótica da Análise do Comportamento, o objetivo deste artigo é, a partir de uma revisão sistemática, mapear as variáveis (ou indicadores de variáveis) que estão sendo estudadas pelas pesquisas

empíricas sobre ironia em outras áreas e indicar elementos essenciais para a análise funcional da ironia.

Método

A seleção das fontes de dados para a revisão partiu da definição de estudo empírico de Demo (2000): o estudo selecionado mostra a "face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural" (p. 21). Nesta definição de empírico, delimitaram-se quais aspectos dos estudos de outras áreas poderiam interessar em uma análise funcional, no sentido skinneriano. Esses aspectos são os mesmos pontos centrais da análise funcional da pesquisa comportamental tradicional: previsão de resposta a partir da ocorrência de variáveis específicas e confirmação dessa ocorrência nos dados, o repertório do participante. No caso, a partir das conclusões de Messa (2012), previu-se quais variáveis seriam consideradas e como elas apareceriam nesses estudos.

Assim, na busca dos elementos úteis à análise funcional nos estudos fora da Análise do Comportamento foram destacados: (a) conceito de ironia; (b) características dos participantes; (c) objetivo da análise da ironia (produção, compreensão ou ambas); (d) tipo de estímulos discriminativo para a produção e/ou compreensão da ironia (e.g., sentenças, situações, histórias); e (e) resultados, efeitos ou consequências obtidos (as). Estes elementos poderiam indicar itens da tríplice contingência, contribuindo para uma análise funcional satisfatória do comportamento verbal irônico.

Fontes de Dados

O livro de Skinner (1957) foi a fonte-base para a conceituação do comportamento verbal irônico, já feita por Messa (2012). Algumas palavras-chave foram utilizadas para a localização desse material teórico, partindo-se dos critérios de escolha das mesmas, conforme os dita Fujita (2004). As palavras-chave utilizadas

foram: ironia, ironia verbal, sarcasmo, controle múltiplo, autoclíticos, irônico e comportamento verbal (*irony, verbal irony, sarcasm, multiple control, ironic, verbal behavior*). Inicialmente elas foram combinadas uma a uma ou umas às outras por interseção pelo operador booleano AND. Cada palavra-chave foi localizada individualmente até se esgotar a necessidade de localização daquele termo; só então foi utilizada uma nova palavra-chave para a busca de novos artigos. Em seguida, realizou-se uma busca utilizando outros recursos dos operadores booleanos de combinação de termos por união (OR) e, depois, por exclusão (NOT).

Tanto dentro quanto fora da Análise do Comportamento, a seleção dos artigos ocorreu através dos mecanismos de busca e recuperação disponíveis via internet e as palavras-chaves citadas acima foram utilizadas para localização das informações. A busca foi realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde - BVS ; da *National Center for Biotechnology Information* – NCBI ; da Science Direct ; da PsycInfo e da Ebsco. A localização dos artigos foi realizada de maneira livre, ou seja, o trabalho foi localizado e separado de acordo com as palavras-chave indicadas, independentemente da localização dessas palavras no texto (se no resumo, no título ou no corpo do texto).

Além da definição de empírico e dos elementos funcionais (i.e., os estímulos antecedentes, a resposta irônica e as consequências para o comportamento irônico) os critérios de inclusão dos artigos foram: (a) palavra *ironia* estar em qualquer lugar no texto; e (b) estudos serem das áreas de Psicologia, Linguística e Neurociência. Já os critérios de exclusão foram: (a) artigos abordarem a ironia como previsão situacional (a famosa “ironia do destino”); (b) artigos serem da Medicina (que, em geral, objetivaram mapear o funcionamento cerebral enquanto pessoas ouvem ironias); e (c) artigos conterem explicações psicanalíticas, filosóficas e literárias da ironia.

Resultados e Discussão

Pela busca livre foram encontrados 210 artigos. Desse total, foram excluídos 167. Finalmente, após a exclusão desses, e a aplicação do critério de inclusão, foram selecionados 43 artigos.

Quem é o irônico estudado?

A tabela 1 a seguir apresenta a frequência dos estudos de acordo com a característica dos seus participantes. É importante analisar quem foram os participantes das pesquisas, uma vez que suas características ajudarão a compreender parte das consequências da ironia obtidas nos estudos. Este é o item do “quem” da ironia; isso significa identificar o irônico para, posteriormente, identificar “onde” (a contingência) ele se comporta.

A tabela 1 indica que 23 estudos foram realizados com adultos (homens e mulheres) acima de 24 anos com desenvolvimento normal; em segundo lugar ficam os estudos com adultos com algum diagnóstico de transtorno mental (10); as crianças com desenvolvimento típico são participantes em 6 estudos; as crianças com desenvolvimento atípico, especialmente o transtorno do espectro autista (TEA), em 4 estudos; e, por fim, adolescentes foram os participantes de 3 estudos.

Tabela 1

Características dos participantes por quantidade de estudo.

Características dos participantes	Quantidade de Estudos
Adultos (acima de 24 anos/homens e mulheres)	23
Adultos com diagnóstico (esquizofrenia/demência/amnésia/ Parkinson/abuso de álcool/autismo)	10

Crianças com desenvolvimento típico	6
Crianças com desenvolvimento atípico (TEA)	4
Adolescentes	3

Em estudos como os de Stratta et. al. (2007), Mo et. al. (2008), Amenta et. al., (2013), Zalla et. al. (2014) e Rapp et. al. (2014), em que os participantes eram adultos/crianças com diagnóstico de transtorno psicológico, as conclusões são que a compreensão da ironia é reduzida ou até mesmo impedida pelo transtorno. Apesar de fazerem parte da comunidade verbal do irônico ou terem intimidade com ele, os portadores desses transtornos parecem estar psicobiologicamente limitados ou impedidos de compreender a ironia. Talvez isto se deva ao fato de a ironia ser um comportamento verbal que tem em sua base de definição linguística o contrário dos fatos reais (Paiva, 1961), ou seja, o que não pode ser visto ou identificado no ambiente de modo óbvio ou concreto. Esse dado comprova o quanto a ironia é um comportamento verbal complexo.

Estudos com crianças (Dews, Winner, Kaplan, Rosenblatt, Hunt, Lim, McGovern, Qualter, & Smarsh, 1996; Filippova & Astington, 2008; Recchia et. al., 2010; Glenwright & Pexman, 2010) demonstram que a compreensão da ironia começa a ser modelado entre os 5 e 6 anos de idade. Nessa faixa etária, alguns tipos de ironia são mais facilmente compreendidos do que outros. A sátira e o sarcasmo, por exemplo, não são bem compreendidas pelas crianças, mas a ironia pura e a ironia com o objetivo de humor são. Quanto mais idade a criança (com desenvolvimento normal) tiver, melhor sua compreensão e sua percepção das diferentes funções da ironia. Essas informações são importantes uma vez que o desenvolvimento do repertório irônico, por ser complexo, necessita, pelo falante e pelo ouvinte, contingências especiais com relação à

emissão e compreensão de ironias. Se porventura uma criança cresce em um ambiente pobre de estimulação verbal irônica, provavelmente ela terá dificuldade em compreender ironias e, conseqüentemente, emití-las em ambientes similares ou não. A capacidade de compreender ironia aumenta com a idade e o repertório verbal irônico emitido é construído na proporção desse aumento, no contato com a comunidade verbal.

Estudar a ironia compreendida ou a produzida?

A frequência de estudos da compreensão da ironia (Tabela 2) mostra que o papel do ouvinte (audiência) é extremamente importante para a manutenção de um repertório verbal irônico. A audiência tem o papel de controlar o comportamento do falante por duas vias: os estímulos discriminativos não verbais (incluindo o corpo do ouvinte e suas ações não verbais) e os estímulos discriminativos verbais. Como disse Skinner (1957), audiências diferentes podem controlar diferentes repertórios verbais. Isso significa que a probabilidade de um comportamento verbal irônico ser emitido e o como ele será emitido, ou seja, sua topografia e função (se com humor, sarcasmo, sátira), dependerão das características da audiência na relação com o falante. A isto Skinner deu o nome de audiência múltipla, conceito-chave da definição skinneriana de ironia (Messa, 2012; Messa, Borloti, & Carmelino, 2014). Diferentes audiências/ouvintes (como “causas” ou funções diferentes) geram diferentes tipos de repertório verbal irônico. Na presença de uma criança, um adulto pode emitir um comportamento verbal irônico com função de produzir riso na criança (isso vai depender do quanto o falante conhece a criança e se já foi irônico antes e sua ironia foi reforçada pela criança); ou, na presença de um estagiário que acabara de entrar na empresa, um adulto pode emitir uma ironia sarcástica para seus antigos colegas de trabalho, com a função de debochar do estagiário (isso pode significar que a ironia emitida pelo falante é direcionada aos colegas de trabalho).

A Tabela 2 apresenta a frequência do objeto da análise da ironia (compreensão ou produção) pela quantidade de estudos. Observa-se que 40 estudos analisam somente o comportamento verbal de compreensão da ironia pelo ouvinte e 11 analisam, especialmente, o comportamento verbal de produção da ironia pelo falante, sendo que 9 desses 11 estudos também fazem análise da sua compreensão pelo ouvinte.

Tabela 2
Objetivo da análise pela quantidade de estudos

Objetivo (foco) da Análise	Quantidade de Estudos
Ouvinte (compreensão)	40
Falante (produção)	11

O objeto “compreensão da ironia pelo ouvinte” nos estudos empíricos revisados pode ter relação com o conceito comportamental de ironia centrado no conceito de audiência múltipla (Messa, 2012; Messa, Borloti, & Carmelino, 2014). Ela é parte essencial para a compreensão de um episódio verbal total irônico uma vez que nele tem-se um ouvinte que faz parte da comunidade verbal do falante (não somente no sentido linguístico, mas também no sentido de conhecer as contingências que favoreceram a emissão da ironia) e outro que seria a “vítima” da ironia. Quanto a isto, os estudos de Kreuz e Gluksberg (1989), Ishida e Abe (2010) e Anolli et. al. (2000) demonstram que, para o irônico, “vitimar” alguém pode eliciar prazer (especialmente se a ironia emitida gerar um ambiente reforçador de “vitória” para o falante em relação à “vítima”) ou constrangimento (caso a consequência da ironia seja um desconforto além do previsto). Assim como o próprio Skinner (1989) afirma, o falante não é quem inicia o episódio verbal; antes, deve haver um ouvinte e esse ouvinte é o responsável pelo comportamento do falante, mesmo quando esse ouvinte é o próprio falante (como o auto-ouvinte). Por isso, analisar o comportamento do ouvinte é essencial para compreensão do comportamento do falante; ou seja, compreender o que os ouvintes

fazem levará à compreensão do porquê os falantes se comportam de determinada maneira, seja ela irônica ou não.

A tabela 3 apresenta a frequência dos tipos de estímulos antecedentes utilizados nos estudos revisados. Em 30 deles esses estímulos foram apenas sentenças “positivas” que incluíam ironia com efeito de humor e ironia pura (que é simplesmente dizer o contrário dos fatos). Em cinco estudos, utilizaram-se tanto sentenças “positivas” quanto “negativas”, que incluíam deboche e sarcasmo (função de ridicularização com escarnecimento e crueldade, respectivamente). Por fim, 12 estudos apresentaram situações cotidianas (histórias e não apenas sentenças isoladas) com ironia com efeito de humor e ironia pura.

Tabela 3

Tipos de antecedente (Sd) por quantidade de estudos

Tipos de Antecedentes (Sd)	Quantidade de Estudo
Sentenças Positivas (humor e ironia pura)	30
Sentenças Negativas (deboche e sarcasmo)	5
Situações cotidianas (humor e ironia pura)	12

Todo comportamento verbal, ainda que esteja no nível privado apenas, tem sua origem no ambiente. Neste sentido, a comunidade verbal ajuda a instalar os comportamentos verbais irônicos no repertório do falante através dos processos básicos de aprendizagem por reforçamento, discriminação, modelação, dentre outros (Passos, 2003). Observa-se que dentre os 30 estudos analisados, os que tiveram um ambiente programado evocando uma maior emissão de ironia com humor (Dews et. al., 1996; Calmus & Caillies, 2014; Younge, 2007) apresentaram uma maior aceitação do comportamento verbal irônico e registraram padrões mais confortáveis de

comportamento emocional ao se ouvir a ironia (i. e., os participantes riram e afirmaram ter experimentado sentimentos positivos; Akimoto e Miyazawa, 2011; Amenta et. al., 2013). Diferentemente, os ambientes que mostraram a ironia emitida com tom de deboche, sarcasmo ou crítica eliciaram sentimentos relatados como aversivos (e.g., raiva, angústia) e evocaram descrições do irônico como cínico (Blaser, 1976; Kreuz & Glucksberg, 1989; Glenwright & Pexman, 2010). Isto sugere que a história de reforçamento do ouvinte pode fazer com que ele sinta como reforçador ou aversivo os ambientes com estímulos verbais irônicos, a depender se a ironia for “positiva” ou “negativa” em relação a sua história de reforçamento. Esses dados apontam para uma análise funcional que evidencie a importância das características da relação ABC (*Antecedent – Behavior – Consequence*) nas contingências de reforçamento, incluindo as operações motivacionais, para se explicar a função do comportamento verbal irônico.

Esta evidência aparece especialmente no estudo de Recchia et. al. (2010), que observaram os comportamentos das crianças ao compreenderem e emitirem ironia em conversas familiares. Nesse estudo, as mães foram mais propensas a fazerem perguntas retóricas e a usarem linguagem irônica em contextos conflituosos (e. g., quando uma criança emitia comportamento emocional de teimosia). Em contrapartida, os pais emitiram comportamentos irônicos mais sob a forma de hipérboles (i. e., exageravam ao comunicarem uma ideia com finalidade expressiva), eufemismos (i. e., emitiam expressão ou locução mais agradável ao invés de palavras que poderiam soar grosseiras) ou perguntas retóricas (i. e., perguntas mais eloquentes). Os comportamentos verbais irônicos emitidos pelos pais apareceram em ambos os contextos: reforçadores e aversivos (conflituosos). As crianças também apresentaram evidências de uma crescente capacidade de emitir comportamentos verbais irônicos, especialmente hipérbole e perguntas retóricas. Finalmente, os irmãos mais velhos demonstraram compreender

melhor a ironia do que os mais novos, confirmando mais uma vez a importância da história de reforçamento na relação com a comunidade verbal para que se adquira repertórios mais refinados de compreensão da ironia. No geral, acerca da compreensão ou produção da ironia, os resultados dos estudos de revisão sugerem que as conversas em casa entre os membros da família pode ser um contexto importante para o desenvolvimento da produção e compreensão do comportamento verbal irônico pelas crianças.

Ser irônico para quê?

A tabela 4 apresenta os tipos de função/efeito (consequências) que os estudos revisados descreveram com relação à compreensão e à produção da ironia: efeito (consequência) da ironia no ouvinte e função da emissão da ironia pelo falante. Os resultados foram agrupados em três categorias: (a) convencimento ou atenção, contabilizando um total de 24 estudos; (b) risos, sensação de prazer ou humor, com um total de 12 estudos; e (c) crítica, deboche ou constrangimento, com um total de seis estudos.

Tabela 4

Frequência acumulada dos efeitos (consequências) da emissão de ironia por quantidade de estudos.

Descrição	Quantidade de estudos
Convencimento/atenção	24
Risada/prazer/humor	12
Crítica/deboche/constrangimento	7

Falar sobre eventos privados nesse momento é importante, pois, segundo os dados da Tabela 4, pensamento e sentimento são consequências que os participantes dos estudos revisados experimentaram ao viverem os efeitos da ironia. Neste sentido, observa-se que o reforço do convencimento e da atenção do ouvinte é a função

predominante da ironia nesses estudos. De acordo com o estudo de Kumon-Nakamura et. al. (1995), o falante emite ironia com a intenção de obter a atenção do ouvinte, ainda que o ouvinte tenha sua expectativa frustrada ao ouvi-lo. Frustrar o ouvinte não é uma preocupação para o falante e, aliás, a frustração do ouvinte pode ser uma das funções do comportar-se ironicamente.

A relação da ironia com os consequentes riso e humor também fez parte de uma quantidade expressiva de estudos. O humor apresenta características similares à ironia com relação à causação múltipla e audiência múltipla e, como dito (Hübner, Miguel, & Michael, 2005), ele também pode ser considerado um comportamento adaptativo, uma vez que pode ser emitido com função de mudar as propriedades estressoras de um ambiente tornando-as mais amenas (quando se diz que o falante “leva a vida na esportiva”). Num estudo com adolescentes (Younge, 2007), a ironia emitida com função de humor apresenta propriedades interessantes que corroboram essa conclusão de Hübner, Miguel e Michael: comportamentos verbais não literais com função de humor promovem um ambiente mais reforçador, solidário e contribuinte da melhoria da autoestima. O repertório irônico dos adolescentes teve as funções de esquivar (“defesa”) de ambientes aversivos ou de reforço positivo (“integração”) de ambientes sociais desejáveis.

Dentre os estudos revisados de ironia com função de crítica e deboche, o de Glenwright e Pexman (2010) demonstra que as crianças por volta dos seis anos de idade conseguem compreender o significado não literal da ironia e do sarcasmo, porém não têm repertório comportamental suficiente, enquanto audiência, para distinguir os “fins pragmáticos” do falante: a função do comportamento verbal irônico emitido. Neste sentido, os estudos revisados mostram que, para ser uma audiência qualificada para um irônico, como afirma Skinner (1957), o ouvinte precisa fazer parte da comunidade

verbal do irônico, ou pelo menos ter experimentado uma parcela de variáveis dessa comunidade para que ele possa compreender o significado e a função da ironia emitida por ele.

Conclusão

Respondendo ao seu objetivo, este estudo mostrou que os estudos empíricos da ironia fora da Análise do Comportamento apontam os seguintes elementos a serem considerados em estudos experimentais ou análises funcionais da ironia por analistas do comportamento: (a) o sujeito que se comporta (quem; o irônico ou o ouvinte dele); (b) o objeto-foco de análise (o quê; a ironia produzida ou a compreensão da ironia); (c) função do comportamento (para quê: efeitos ou consequências da ironia) e (d) o ambiente no qual o irônico se comporta. Nesse sentido, a identificação desses itens nos estudos revisados os tornam suporte para uma análise funcional da ironia, uma vez que indicam o ambiente de ocorrência da ironia e a função que o comportamento irônico tem nele. Assim, os requisitos básicos para a análise funcional (Skinner, 1957) puderam ser vistos em estudos fora da Análise do Comportamento.

A revisão aqui descrita mostra que na análise funcional empírica do comportamento irônico o pesquisador deve estar atento a: (a) características dos antecedentes que contribuem para a emissão de ironia; (b) variáveis ambientais das quais o comportamento irônico é função; (c) as características das consequências geradas no ouvinte e no falante do comportamento verbal irônico, emitido em conjunto com as variáveis ambientais; e (d) características dos integrantes do episódio verbal irônico: falante, ouvinte, ouvinte qualificado, ouvinte não qualificado (i.e., se faz ou não

parte da mesma comunidade verbal, respondendo adequadamente ou não ao contexto irônico).

Espera-se que a descrição de elementos empíricos para uma análise funcional do comportamento verbal irônico feita neste artigo contribua para o aprimoramento do conhecimento desse comportamento e para a execução de pesquisas experimentais sobre o mesmo na Análise do Comportamento. A análise funcional do comportamento verbal irônico passa por todas as etapas de uma análise funcional tradicional, a saber: análise das contingências tríplices verificando seus estímulos antecedentes, a resposta do sujeito e as consequências que mantêm tal resposta no ambiente (Silva, Todorov & Silva, 2012; Pezzato, Brandão & Oshiro, 2012; Mussi, Soares & Grossi, 2013).

A ironia é comportamento operante e a explicação da sua função depende de variáveis ambientais específicas. O comportamento verbal irônico é desenvolvido no repertório do indivíduo quando ele vivencia contingências que favorecerão sua aquisição e manutenção. A ironia também é compreendida como um comportamento verbal adaptativo; e pode ser emitida com várias funções, do deboche e constranger ao riso e humor.

Para uma análise funcional do comportamento verbal irônico, o pesquisador deve estar treinado em sua comunidade verbal científica para perceber as diferentes nuances dos estímulos discriminativos do ambiente exercendo função sobre a ironia (o comportamento do falante) ou sobre a sua compreensão (comportamento do ouvinte), considerando suas consequências sobre quem faz parte do episódio verbal irônico. Completando esta observação e análise, o pesquisador será capaz de traçar uma análise funcional adequada do comportamento verbal irônico de interesse por essas nuances (humor, sarcasmo, cinismo, deboche e outros). Nisso, conforme demonstrou Messa, Borloti e Carmelino (2014) e Messa (2012), o grande desafio será construir ambientes

experimentais com uma audiência múltipla que, de modo preditivo e criativo, possa controlar a emissão dessas nuances. Na descrição da função dessa audiência múltipla está a maior contribuição da Análise do Comportamento ao estudo da ironia verbal.

Referências Bibliográficas

- Adorno, C. T. (2006). A ironia no romance quase memória de Carlos Heitor Cony. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 127.
- Akimoto, Y., & Miyazawa, S. (2011). What factors play a role in a listener's feelings evoked by irony?: the effect of listeners' personality traits and relationship with the speaker. *Shinrigaku Kenkyu*. 82(4), 370-8.
- Amenta, S., Noël, X., Verbanck, P. & Campanella, S. (2013). Decoding of emotional components in complex communicative situations (irony) and its relation to empathic abilities in male chronic alcoholics: an issue for treatment. *Alcohol Clinic Experimental Research*. 37(2), 339-47.
- Anastácio-Pessana, F. L., Almeida-Verdu, A. C. M., Bevilacqua, M. C., & Souza, D. G. (2015). Usando o Paradigma de Equivalência para Aumentar a Correspondência na Fala de Crianças com Implante Coclear na Nomeação de Figuras e na Leitura. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 28, 365-377.
- Anolli, L., Ciceri, R., & Infantino, M. G. (2000). Irony as a game of implicitness: acoustic profiles of ironic communication. *Journal of Psycholinguist Research*. 29(3), 275-311.

- Blaser, A. (1976). Irony and cynicism as forms of defense. *Confin Psychiatric Journal*. 19, 80-88.
- Brait, B. (1996). Ironia em perspectiva polifônica. Editora da UNICAMP. 419.
- Calmus, A., & Caillies, S. (2014). Verbal irony processing: how do contrast and humour correlate? *International Journal of Psychology*. 49, 46-50.
- Demo, P. (2000). Metodologia do Conhecimento Científico. Atlas, São Paulo.
- Dews, S., Winner, E., Kaplan, J., Rosenblatt, E., Hunt, M., Lim, K., McGovern, A., Qualter, A., & Smarsh, B. (1996). Children's understanding of the meaning and functions of verbal irony. *Child Development*. 67(6), 3071-85.
- Eikeseth, S., & Smith, D. P. (2013). An Analysis of Verbal Stimulus Control in Intraverbal Behavior: Implications for Practice and Applied Research. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 125–135.
- Esch, J. W., Mahoney, A. M., Kestner, K. M., LaLonde, K. B., & Esch, B. E. (2013). Echoic and Self-Echoic Responses in Children. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 117–123.
- Filippova, E., & Astington, J. W. (2008). Further development in social reasoning revealed in discourse irony understanding. *Child Development*. 79(1), 126-38.
- Fujita, M. S. L. (2004). A leitura Documentária na Perspectiva de suas Variáveis: leitor-texto-contexto. *DataGramZero: Revista de Ciência da Informação*. 5.
- Glenwright, M., & Pexman, P. M. (2010). Development of children's ability to distinguish sarcasm and verbal irony. *Journal of Child and Language*. 37(2), 429-51.
- Gross A, C., Fuqua R. W., & Merritt T, A. (2013). Evaluation of verbal behavior in older adults. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 85-99.

- Hübner, M. M. C., Miguel, C. F., & Michael, J. (2005). Controle múltiplo no comportamento verbal: humor brasileiro e operantes relacionados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. 1, 1-14.
- Hübner, M. M. C., Austin, J., & Miguel, C. F. (2008). Effects of praising qualifying autoclitics on the frequency of reading. *The Analysis of Verbal Behavior*. 24, 55-62.
- Ishida, Y., & Abe, J. (2010). Is the victim of irony identified by echoic mention? *Shinrigaku Kenkyu*. 80, 485-93.
- Kisamore, A. N., Karsten, A. M., Mann, C. C., & Conde, K. A. (2013). Effects of a Differential Observing Response on Intraverbal Performance of Preschool Children: A Preliminary Investigation. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 101–108.
- Kreuz, R. J., & Glucksberg, S. (1989). How to be sarcastic: The echoic reminder theory of verbal irony. *Journal of Experimental Psychology: General*. 118(4), 374-386.
- Koehler-Platten K., Grow L. L., Schulze K. A., & Bertone T. (2013). Using a lag reinforcement schedule to increase phonemic variability in children with autism spectrum disorders. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 71-83.
- Kumon-Nakamura, S., Glucksberg, S., & Brown, M. (1995). How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony. *Journal of Experimental Psychology General*. 124, 3-21.
- Machado, I. L. (1995). A ironia como fenômeno lingüístico-argumentativo. *Revista de Estudos Linguísticos*, 2, 143-155.

- Messa, L. C. S. (2012). Ironia verbal: do conceito skinneriano à análise do discurso jurídico irônico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, 1-147.
- Messa, L. C. S., Borloti, E., & Carmelino, A. C. (2014). Linguistics and Behaviour Analysis in the Functional Conceptualization of Verbal Irony. *European Journal of Child development, Education and Psychopathology*. 2, 97-121.
- Mo, S., Su, Y., Chan, R. C., & Liu, J. (2008). Comprehension of metaphor and irony in schizophrenia during remission: the role of theory of mind and IQ. *Psychiatry Research*. 15, 21-9.
- Mussi, S. V., Soares, M. R. Z., & Grossi, R. (2013). Transtorno bipolar: avaliação de um programa de psicoeducação sob o enfoque da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(2), 45-63.
- Nishiwaki, S. (2015). Análise argumentativa da ironia standard e da ironia não-standard. *Letras de Hoje*. 50, 287-293.
- Paiva, M., H., N. (1961). Contribuição para uma estilística da ironia. Centro de estudos filológicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Passos, M. L. R. S. (2003). A análise funcional do comportamento verbal em Verbal Behavior (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 5, 195-213.
- Pezzato, F. A., Brandão, A. S., & Oshiro, C. K. B. (2012). Intervenção baseada na psicoterapia analítica funcional em um caso de transtorno de pânico com agorafobia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 14, 74-84.

- Rapp, A. M., Langohr, K. E., & Mutschler, D., Wild, B. (2014). Irony and proverb comprehension in schizophrenia: do female patients “dislike” ironic remarks? *Schizophrenia Research and Treatment*. 1-11.
- Recchia, H. E., Howe, N., Ross, H. S., & Alexander, S. (2010). Children's understanding and production of verbal irony in family conversations. *Journal of Development Psychology*. 28, 255-74.
- Silva, A. V., Todorov, J. C., & Silva, R. L. F. C. (2012). Cultura organizacional: a visão da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 14, 48-63.
- Speckman J., Greer R. D., & Rivera-Valdes C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*. 28, 83-99.
- Stratta, P., Riccardi, I., Mirabilio, D., Di Tommaso, S., Tomassini, A., & Rossi, A. (2007). Exploration of irony appreciation in schizophrenia: a replication study on an Italian sample. *European Archieve of Psychiatry and Clinic Neuroscience*. 257(6), 337-9.
- Skinner, B. F. (1953). *Ciência e Comportamento Humano*. Brasília: Ed. UnB/FUNBEC.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Applenton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974/2003). *Sobre o behaviorismo*. (Tradução de: Maria da Penha Villalobos). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1989). *Questões Recentes na Análise Comportamental*. Campinas, SP: Papyrus, 163- 181.
- Vargas E. A. (2013). The Importance of Form in Skinner’s Analysis of Verbal Behavior and a Further Step. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 167–183.

Zalla, T., Amsellem, F., Chaste, P., Ervas, F., Leboyer, M., & Champagne-Lavau, M.

(2014). Individuals with autism spectrum disorders do not use social stereotypes in irony comprehension. *PLOS ONE*. 9, 1-9.

Yonge, O. (2007). The power of irony in an adolescent residential psychiatric program.

Journal of Psychosocial Nursing Mental Health Service. 45, 46-52.

4 ARTIGO 3

A produção da ironia verbal: o que controla o comportamento verbal do falante irônico?

Resumo

A probabilidade de um irônico emitir ironias pode aumentar se parte da sua audiência já tenha liberado reforçadores para emissões anteriores e se o ambiente for similar ao ambiente em que a sua ironia tenha sido emitida e reforçada. O objetivo desse artigo é analisar a produção da ironia por falantes irônicos profissionais que publicam constantemente produtos de seus comportamentos verbais em sites e redes sociais na rede mundial de computadores. Cinco deles responderam questões descritivas dos elementos funcionais de sua produção irônica (sobre sexo, política e religião), em especial consequências sobre ouvintes e sentimentos correlatos a elas. As respostas às questões foram categorizadas nos elementos funcionais da produção irônica. Os resultados destacam: humor e consciência (reflexão crítica e percepção de coisas não percebidas) como consequências positivas; ameaça, acusação e incompreensão, como

aversivas. A produção da ironia é descrita pelos irônicos como estando sob controle de audiências múltiplas, envolvendo a ridicularização de umas, o humor de outras e a incompreensão, a inadequação e a revolta de outras. É partir desse controle múltiplo que o irônico modifica o seu próprio comportamento verbal irônico. Conclui-se que tanto consequências positivas quanto negativas modelam o comportamento verbal irônico dos produtores de ironia.

Palavras-chave: ironia, Análise do Comportamento, Produção, comportamento verbal.

Abstract

The probability of an ironic person emit ironies can increase if part of the audience already had released reinforcement to previous emissions and if the environment is similar to that one that the irony emitted had been reinforced. The objective of this article is to analyze the production of irony by professional ironic speakers that constantly publish products of their verbal behavior in sites and social media in the world wide web. Five of them responded descriptive questions of the functional elements of their ironical production (about sex, politics, and religion), specially consequences on listeners and feeling correlated to them. The answers to the questions were categorized in the functional elements of ironical production. The results highlight: humor and consciousness (critic reflection and perception of things not perceived) as positive consequences; threat, indictment, and incomprehension as aversive. The production of irony is described by ironic person as being under control of multiple audiences involving the ridicule of ones, humor of another's, and incomprehension, threat and indictment of other ones. It is from this multiple control that the ironic person modifies his own ironic verbal behavior. It concludes that even the positive

consequences than the negative ones shape the ironic verbal behavior of the irony producers.

Keywords: Irony, Behavior Analysis, production, verbal behavior.

O livro *Verbal Behavior* de Skinner (1957) é a base para estudos analítico-funcionais do comportamento verbal. Nele, o autor ofereceu uma interpretação comportamental da Linguagem que se opôs à dos teóricos tradicionais. Argumentou que a linguagem é comportamento aprendido, mais especificamente, comportamento verbal, e que, como todos os outros comportamentos operantes, pode ser melhor explicado pelas variáveis ambientais das quais é função.

Ocupando-se dessas variáveis, o estudo do comportamento verbal pela Análise do Comportamento oferece conceitos diferentes para fenômenos tradicionalmente envoltos ao estudo da linguagem (e.g. ideia, pensamento e figuras de linguagem, como a ironia). A estrutura de critérios funcionais explicativos de Skinner (1957) é voltada para a análise de operantes específicos que têm como característica serem: (a) emitidos por um falante; (b) mediados por um ouvinte qualificado; (c) modificadores indiretos do meio físico; e, por sua vez, (d) partes de um episódio verbal total (cf. Simonassi & Cameschi, 2003). Estas características se devem ao fato de o primeiro efeito do comportamento verbal ser sobre outros homens, os ouvintes ou leitores (por essa razão, ele é um comportamento mediado, mesmo quando a mediação é pelo auto-ouvinte). Esses ouvintes ou leitores, por sua vez, devem estar qualificados, ou seja, devem fazer parte da comunidade verbal do falante e, treinados por ela, responder adequadamente ao comportamento verbal emitido pelo falante (Passos, 2012). Nessa interação, as consequências reforçadoras do comportamento verbal são responsáveis pela sua aquisição e manutenção.

No caso do comportamento verbal irônico, a probabilidade de uma pessoa emitilo pode aumentar se parte da audiência já tenha liberado reforçadores anteriormente e se o ambiente for similar ao ambiente em que a ironia emitida foi reforçada. Nesse caso, o falante irá “sentir vontade” de emitir ironia, pois o ambiente apresenta variáveis que controlam seu comportamento verbal irônico. Pode-se associar essa explicação ao que Skinner (1957) chamou de variáveis motivacionais do comportamento verbal. Elas podem afetar diretamente o comportamento do falante quando aumentam a efetividade do reforçador e a força da resposta reforçada. Dito isso, pode-se afirmar que, por exemplo, no momento em que uma resposta verbal irônica é emitida pelo falante e pelo menos parte de sua audiência ri logo em seguida tem-se uma apresentação de um reforçador (o riso) que aumentará a efetividade reforçadora da presença dos ouvintes que participaram do episódio verbal irônico; e aumentará a probabilidade da resposta irônica ocorrer na presença desses ouvintes em ocasião futura. A emissão do riso logo em seguida da resposta verbal pode eliciar no falante reações emocionais agradáveis (se o riso for de aprovação do que foi falado).

As consequências positivas do comportamento verbal irônico podem ter valor reforçador pelo fato do falante parecer empático à audiência. Há poucos estudos discutindo isto, sendo um deles o artigo de Dennis, Simic, Agostino, Taylor et. al. (2013). Os autores analisaram interações comunicativas envolvendo uma pessoa tentando persuadir (emocionar) e convencer (mudar a opinião de) outra pessoa. Com relação aos participantes do estudo deles (no caso, crianças com traumatismo craniano), observou-se um déficit na compreensão, tanto da ironia quanto da empatia, o que reitera a complexidade desse tipo de comportamento e, conseqüentemente, a sua compreensão. Para Dennis et al., diferente das formas literais de expressão (que são mais fáceis de serem compreendidas), as formas indiretas, apesar de serem mais complexas, muitas

vezes, dispensam palavras; podem ser expressadas de forma não lexical, como com gestos, sinais ou expressões faciais (o que não deixa de ser verbal; Skinner, 1957).

Lexical ou não, o comportamento verbal também pode produzir consequências aversivas. O efeito da apresentação de um estímulo aversivo como consequência de uma resposta (punição) será sempre a diminuição da sua frequência ou da probabilidade de sua ocorrência em condições semelhantes; ou a sua supressão total na presença do contexto de apresentação dessa consequência, como mostram os estudos de Maria Amélia Matos na Universidade de São Paulo (Sério & Micheletto, 2010).

Consequências aversivas verbais incluem críticas, xingamentos, incompreensões, compreensões errôneas, dentre outras.

De acordo com Skinner (1957), o falante cujo comportamento foi punido por quaisquer consequências aversivas pode, como esquiva, se apresentar publicamente com um disfarce da sua identidade (e.g., os *fakes* em redes sociais), murmurar algo para evitar que sua ideia seja ouvida e criticada, declinar sua resposta para o nível encoberto (i.e., falar consigo mesmo, em nível de pensamento) ou falar sozinho ou disfarçadamente (e.g., charadas, gírias ou outros códigos verbais; ironias ou outras “figuras de linguagem”). Em todos estes casos, a consequência do comportamento do falante é a remoção do evento aversivo que define um reforço negativo. A autoedição está dentre tais respostas (Skinner, 1957).

Considerando que as respostas verbais são emitidas e manipuladas pelo próprio falante para potencializar os efeitos do seu comportamento verbal sobre o ouvinte, a automodificação (autoedição) do comportamento, até mesmo para a sua rejeição, é processo autoclítico. Neste sentido, o comportamento verbal do falante pode ser revogado ou retratado de várias formas, por exemplo, quando ele interrompe sua fala em um ponto e a refaz para se expressar melhor; ou quando retém esse comportamento

ainda no nível privado (pensamento) e o expressa em correlatos públicos, como movimentos faciais (e.g., franzir de sobrancelha, morder os lábios), gestos ou até mesmo sons vocais não idiomáticos (e.g., hãhã). Em todo caso, tais correlatos indicam como ele se comportaria idiomáticamente, antes de ter desistido de se comportar assim. Como ocorre com o efeito de uma consequência reforçadora positiva, o efeito desses reforçadores negativos é aumentar a probabilidade da resposta que os elimina ser emitida em condições semelhantes (Hunziker, 2011; Santos & Ferreira, 2015).

A ironia verbal ilustra bem esse processo, como mostra Messa (2012). No ambiente jurídico do tribunal do júri a autora observou que ser socialmente avaliado como irônico é aversivo para o falante, pois a ironia nesse contexto formal é compreendida como aspereza e falta de respeito. No entanto, de forma controversa foi observado que, nesse contexto jurídico, advogados e promotores emitem ironia constantemente com a função de persuadir e convencer os jurados (ouvintes) a aceitar um argumento em defesa ou em acusação do réu, respectivamente. A propensão do júri a não reforçar ou punir a argumentação dos advogados e promotores (falantes) configuram-no como uma audiência negativa (Skinner, 1957).

Estudos fora da Análise do Comportamento sobre produção e compreensão da ironia em conversas familiares, como o de Recchia, Howe, Ross e Alexander (2010), confirmam o controle pela audiência negativa (aquela que exerce controle aversivo, Skinner, 1957). Segundo os autores, quando comparadas com os pais, as mães estão mais propensas a fazerem perguntas retóricas e a usarem linguagem irônica em contextos conflituosos envolvendo seus filhos (em seu estudo, os pais emitiram tanto hipérboles e eufemismos quanto perguntas retóricas e linguagem irônica em ambos os contextos, positivos e conflituosos).

No estudo de Kreuz e Glucksberg (1989) foi observado que declarações irônicas sarcásticas positivas (e. g., elogios, congratulações) não exigem estimulação antecedente explícita porque tais declarações implicitamente aludem às normas e expectativas sociais que são, quase sempre, reforçadoras. Já as declarações sarcásticas negativas (e. g., crítica, discordância), no entanto, podem não aludir implicitamente às normas e expectativas positivas, e assim o ouvinte acaba exigindo estimulação antecedente mais explícita, para que a sentença sendo ouvida por ele seja melhor compreendida. Para os autores, uma “vítima” explícita de uma observação sarcástica provavelmente, em algum momento da sua história de reforçamento, permitiu que em sua presença declarações negativas fossem emitidas de forma sarcástica.

De acordo com Blaser (1976), o princípio da oposição implícita (de ser o contrário) explica melhor a ironia, isto é, ela é emitida pelo falante com função de fuga/esquiva de alguma estimulação aversiva do ambiente. Por isso, ironia e cinismo, para o autor, são entendidos como “mecanismos de defesa” (p. 80). Em termos comportamentais, a ironia pode, assim, ser um processo de contracontrole verbal, já que seu efeito especial pode incluir a esquiva da estimulação aversiva provida pela audiência negativa.

Por outro lado, o da audiência positiva ou reforçadora, a ironia muitas vezes está relacionada ao humor. As pessoas riem sob outros controles que não apenas o humor (e.g., quando querem expressar que têm a mesma opinião que o falante), entretanto, a relação da ironia com o humor tem sido bem enfatizada por outros autores. Gibbs Jr., Bryant e Colston (2014) analisaram o riso como um tipo de consequência do comportamento verbal irônico. Seu estudo sobre o riso espontâneo ao ouvir ironias sugere que reconhecer a incongruência entre o que é dito e o que está implícito não é suficiente para desencadear humor. Risos podem ocorrer em vários momentos em uma

conversa, e não necessariamente apenas no final dela. Calmus e Caillies (2014) também investigaram essa relação entre ironia e humor. Os resultados deles mostraram que a ironia com toque de humor foi considerada mais engraçada do que o humor literal isolado. Isto pode confirmar o fato de que a ironia e o humor têm propriedades parecidas, considerando o controle múltiplo (Michael, Palmer, & Sundberg, 2011). O controle pela audiência (audiência múltipla) é uma característica básica e essencial tanto no humor quanto na ironia. E quando ironia e humor estão presentes no comportamento verbal esse controle fica ainda mais intenso.

No geral, o controle da compreensão e da produção do humor na ironia não é o mesmo que nas piadas simples. A ironia exige o exame de uma série complexa de fatores contextuais nem sempre considerada nas teorias linguísticas sobre humor. Isso indica quão importante é a análise das contingências e da história de reforçamento do falante para se explicar a função da ironia produzida por ele. Hubner, Miguel e Michael (2005), ao falarem sobre o controle múltiplo do comportamento verbal no humor brasileiro, deixam clara essa questão quando afirmam que piadas brasileiras são emitidas com maior frequência quando o brasileiro já experimentou uma audiência reforçadora do contar piadas. Com frequência essa audiência é múltipla.

Vê-se que a audiência múltipla é uma característica importante da ironia (Messa, Borloti & Carmelino, 2014). Sem ela, a ironia não teria função diferente do comportamento verbal literal, pois a audiência única não contribuiria para o seu efeito dúbio. Assim, o falante emite ironia para uma audiência criticando a outra ou vice-versa. Isso faz com que uma audiência seja a “atingida” e a outra a “beneficiária” (aquela que ri, acha graça da crítica à “atingida”, compreendendo a ironia).

Em alguns operantes complexos, como é o caso da ironia, o controle do comportamento verbal pode estar relacionado a um repertório aprimorado por relações

verbais envolvendo inúmeros estímulos verbais e não-verbais do ambiente, incluindo as várias audiências presentes (Messa, Borloti, & Carmelino, 2014; Hubner, Borloti, Almeida, & Cruvinel, 2013). Neste sentido, dependendo do tipo de consequência (reforçadora ou aversiva) na história de reforçamento do falante, pode-se observar ocorrências de operantes primários e secundários que podem variar em sua energia, inferida do seu volume, da sua frequência, intensidade, velocidade, clareza e/ou repetição.

A ironia ilustra bem uma variação dessa energia verbal. Anolli, Ciceri e Infantino (2000), metaforizando o controle pela audiência múltipla descrito por Skinner (cf. Messa, 2012), associaram a ironia com um jogo de esgrima em que existe um *script* interativo a partir do qual, diante de expectadores (ouvintes), o falante “ataca a vítima” (outro ouvinte específico), que pode se defender ou recuar (a luta no jogo de esgrima tem o objetivo de tocar o adversário com uma lâmina ao mesmo tempo que se evita ser tocado por ele, o que pode ser considerado uma metáfora da função da ironia em apresentar estímulo aversivo sem parecer aversivo, Skinner, 1957). Como se mede a força dos movimentos na esgrima, os autores mediram a acústica da emissão de ironia no “embate verbal” e notaram que a voz apresentava uma intensidade mais forte quando o irônico buscava impor e marcar a sua fala diante dos ouvintes.

A partir dessas análises, pode-se inferir que a “intenção” do irônico ao produzir a ironia está na consequência do seu comportamento e a “motivação” para ele ser irônico depende de operações motivacionais, no caso, que estabelecem o valor reforçador dessa consequência que, por sua vez, aumenta a probabilidade da emissão verbal irônica futura (Petursdottir, 2013). Quanto a esses processos, o que ocorre com o irônico ocorre com qualquer outro falante. As consequências que ocorrem numa contingência têm seu valor reforçador devido às variáveis que atuam sobre o organismo

ao longo de sua história de contingências; e elas aumentam a probabilidade do comportamento que as produz ocorrer no futuro. Pressupõe-se que as variáveis motivacionais (operações estabelecedoras) estão operando quando uma resposta verbal está sendo fortalecida através de consequências reforçadoras; ou enfraquecida (operações abolidoras) através de consequências punitivas ou não apresentação de reforço (Laraway, Snyckerski, Olson, Becker & Poling, 2014).

Outro aspecto importante de controles verbais complexos como o da ironia é apresentado no estudo de Agbota, Sandaker e Ree (2015). Os autores oferecem uma análise das metáforas em linguagem de corrupção com base em contingências de reforçamento positivas que pode ser aplicada ao caso da ironia, já que mostra o quanto a complexidade verbal se relacionada com a produção do comportamento verbal contínuo (intraverbal) e de sua função na adaptação aos contextos, também complexos. Os dados do seu estudo mostraram que pessoas em práticas corruptas usam expressões que acentuam a descrição “do contrário dos fatos” dessas práticas. Nessa acentuação de descrição, a linguagem da corrupção pode ser topograficamente semelhante a outras expressões verbais, mas é funcionalmente diferente, quando compreendida no contexto no qual é emitida (o que num contexto aversivo de denúncias, pode mostrar claramente o “contrário dos fatos”). As ênfases na fala, os prolongamentos das palavras e outros aspectos da inflexão da voz (como processos autoclíticos não lexicais, ou relações verbais secundárias; Skinner, 1957) fazem com que o ouvinte seja mais bem direcionado pelo falante a compreender a ironia de um corrupto irônico, que pode enraivecer um eleitor.

Por falar em emoções do ouvinte, não se pode deixar de lado os efeitos emocionais derivados de um episódio verbal total irônico. Para se entender melhor a manutenção do comportamento verbal irônico precisa-se discutir a respeito dos eventos

privados ocorrendo em ambas as partes desse episódio (falante e ouvinte). Como afirma Skinner (1981), uma parte do que a Análise do Comportamento entende como ambiente é o próprio organismo (contextos intero e proprioceptivo) do falante e do ouvinte, e é conhecida como emoções, sentimentos e pensamentos. Esses eventos são particularmente íntimos uma vez que são acessíveis apenas para aqueles que os experimentam no episódio verbal. Eles acompanham a produção e a compreensão do comportamento operante verbal, sendo impossível separá-los dessa produção e compreensão.

Ainda que o relato verbal possa ser impreciso ou até mesmo duvidoso, e mesmo que se possa obter correlatos fisiológicos de eventos privados, ele tem sido a maneira mais comum de acessar eventos privados. É importante salientar que algumas manifestações desses eventos não precisam de manipulação exterior ou de nenhum arranjo específico de contingências; a própria comunidade verbal (reforçadora) evidencia sua ocorrência porque se beneficia quando o falante aprende a relatar essa ocorrência (Skinner, 1957). Um exemplo disso com a ironia é quando um falante sarcástico debocha de um ouvinte e este compreende o sarcasmo demonstrando constrangimento por meio de respondentes (e.g., rubor facial) ou de operantes públicos do comportamento emocional raiva (e.g., afrontar de forma ríspida). Nesse sentido, o ouvinte do debochador não necessita informar o que está sentindo, e sabe o que está sentido (autorrelato) sem informar, supondo que a comunidade verbal o tenha ensinado a tatear pública ou encobertamente esse contexto privado (Zillio & Dittrich, 2014).

O comportamento verbal irônico textual é uma maneira de um falante “emocionante” emitir e registrar seu comportamento afetando emocionalmente o ouvinte em locais e tempos diferentes (Skinner, 1957). Analisar o processo da emissão de ironia textual é, também, uma forma de observar o comportamento encoberto

(autoedição) do falante, ainda que o mesmo não esteja presente no momento em que seu texto chega ao seu leitor. Os eventos privados ocorrendo no momento da leitura e da escrita podem ser inferidos de respondentes e operantes públicos do comportamento emocional, de acordo com o que a comunidade verbal reforçou o leitor a compreender, aceitar ou discordar (Skinner, 1957). Filik, Hunter e Leuthold (2014) discutem como a linguagem é eficiente na comunicação e na eliciação/evocação de emoções e pensamentos. Eles afirmam que o tipo de discurso (se literal ou irônico) pode evocar operantes motores e encobertos (pensamentos) ou eliciar emoções. Verificando isto, eles testaram o efeito de sentenças iguais com efeito literal e irônico sob as respostas motoras e emocionais dos participantes. Chegaram à conclusão de que as sentenças irônicas fazem com que as pessoas emitam respostas motoras associadas a emoções mais variadas e mais intensas (tanto reforçadoras quanto aversivas). Concluindo algo semelhante, o estudo de Glenberg, Webster, Mouilso, Havas, e Lindeman (2009) demonstrou que a linguagem influencia fortemente o estado emocional do seu falante; de fato, o conteúdo da linguagem influencia o modo de resposta tanto do ouvinte quanto do falante. Os autores afirmam que: (a) a congruência do estado emocional com o conteúdo falado aumenta a probabilidade de compreensão da linguagem; (b) mulheres e homens reagem verbalmente de maneiras diferentes diante de eventos de tristeza e de raiva; (c) ler histórias que influenciam emoções negativas nos ouvintes tende a embotar os sentimentos ao ler uma história positiva logo em seguida; e (d) como precorrentes, ao ler diferentes histórias, o sentimento de tristeza do leitor precede comportamentos aflitivos; o de raiva, comportamentos agressivos. Com base nisto, é provável que o comportamento verbal irônico esteja relacionado com o comportamento emocional do falante e do ouvinte, sendo a emoção desta parte da sua principal consequência.

A relação entre comportamentos verbais e emocionais em geral tem sido investigada por alguns analistas do comportamento (e.g., Silva, Silva & Tavares, 2012). O artigo de Luke e Carr (2015) dá uma dimensão da progressão do interesse por estudos empíricos do comportamento verbal. Eles fizeram uma análise do número de artigos publicados na revista *The Analysis of Verbal Behavior* entre os anos de 2005 e 2014. Concluíram que o número de artigos publicados por ano nessa última década chegou a 14,3 artigos. Esse número é crescente em relação ao período de 2007 a 2012 em que foram publicados 13 artigos ou menos por ano. Segundo os autores, o aumento significativo nas publicações ocorreu especialmente no ano de 2014. Nos últimos cinco anos (2010-2014) a minoria dos artigos publicados foi empírica, ou seja, incluía qualquer tipo de medição do comportamento (um total de sete artigos em 31). Entre essa minoria, ainda não há estudos sobre ironia (a exceção é o estudo teórico de Messa, Borloti, & Carmelino, 2014).

Os aspectos teóricos e empíricos (em geral produzidos fora da Análise do Comportamento) apontados até então, a escassez de estudos empíricos do comportamento verbal nos últimos cinco anos na Análise do Comportamento e a ausência de estudos empíricos da ironia demonstram a relevância e a necessidade de se realizar estudos empíricos sobre o comportamento verbal irônico. Assim, o objetivo desse artigo é analisar a produção da ironia por falantes irônicos profissionais, que publicam constantemente produtos de seus comportamentos verbais em sites e redes sociais na rede mundial de computadores. Conforme definida em termos funcionais, a ironia (o fenômeno do problema deste estudo) envolve o tato “do contrário” de estímulos discriminativos não verbais (i. e., objetos, acontecimentos, pessoas, e suas propriedades) sob controle de audiência múltipla (Messa, 2012).

Método

Os participantes foram cinco roteiristas que, no período da coleta de dados, postavam textos irônicos em páginas específicas de humor na internet. Eles foram contatados por e-mail e responderam imediatamente, aceitando participar desta pesquisa. As páginas de humor de todos eles registravam, em média, mais de um milhão de seguidores.

O material utilizado para coleta de dados foi um questionário (anexo 1) com oito perguntas relacionadas aos elementos funcionais da produção irônica apontados pela revisão sistemática de estudos empíricos sobre o tema (Messa, 2016): (a) definição pessoal de ironia; (b) autoavaliação como uma pessoa irônica; (c) previsão de consequência na construção de um texto irônico; (d) descrição de adequações ou inadequações nas respostas dos leitores (ouvintes) frente às ironias com conteúdo sobre os temas sexo, política e religião; e (e) autorrelato de sentimentos relacionados a essas respostas. Os temas política, sexo e religião foram escolhidos por serem temas relevantes e polêmicos nas redes sociais, assim julgados por serem os mais comentados e compartilhados pelos leitores/ouvintes dos textos irônicos postados pelos participantes.

Após cerca de cinco meses do envio do questionário, os participantes o devolveram respondido. Dois deles responderam via áudio; três, via texto. Aqueles que deram respostas pouco detalhadas, ou não bem compreendidas, foram contatados por uma segunda vez para que as aprimorassem. No final desse período de coleta (que durou aproximadamente dez meses), todos os questionários foram conferidos e transcritos em um documento específico para tabulação e comparação dos dados. Os dados foram categorizados de acordo com os elementos funcionais do controle da

ironia, listados anteriormente (Messa, 2016). Os cinco participantes foram identificados neste artigo como R1, R2, R3, R4 e R5; e são chamados de produtores de ironia ou irônicos.

Resultados e Discussão

Os produtores de ironia compreendem a ironia como um comportamento verbal que tem a função de apresentar ou informar ao leitor o contrário dos fatos. Ou seja, eles descrevem a ironia como um comportamento verbal não literal que informa ao leitor a “intenção” do irônico de que esse leitor veja um fato pelo seu oposto, e não necessariamente pelo fato *per se*. Suas compreensões confirmam que a ironia é um comportamento verbal não literal, operante, emitido por um falante qualificado com uma história de reforçamento responsável pela aquisição desse repertório comportamental, suficiente para falar do fato pelo seu contrário (Skinner, 1957; Paiva, 1961; Passos, 2003; Borloti, 2004; Kumon-Nakamura, Glucksberg, & Brown, 2005; Anolli, Ciceri, & Infantino, 2000, 2002; Hubner, Miguel e Michael, 2005; Ishida & Abe, 2010; Vargas, 2013).

Pode-se confirmar estas observações nos estudos teóricos e empíricos da ironia, escassos de dentro da Análise do Comportamento e numerosos de fora dela, que descrevem o padrão de resposta dos irônicos. Quando o R1 diz “ter o poder” e “levar o que tem”; o R2, “afirmar algo”; o R3, “é uma interpretação”; o R4, “é uma crítica feita” e o R5, “uma forma de criticar” e “falar o contrário”, todos eles estão inferindo consequências com relação à emissão da ironia. Nota-se que definem ironia como ação, um verbo emitido logo em seguida ao estímulo do questionário “ironia é...”.

A definição de ironia pelo seu produtor é importante porque, como uma sentença (Place, 1998), tem função de estímulo discriminativo e, como tal, pode funcionar como orientadora do comportamento do irônico ao produzir a ironia. Tais sentenças orientadoras de ironia dos cinco irônicos são similares. Todos afirmam que ironia se trata de dizer algo com intenção contrária do que foi dito (ver tabela 1). De acordo com Place, essas afirmações têm a função de orientar o comportamento de produzir ironia dirigida a um ouvinte que deve ser um intérprete competente da língua em que a ironia foi formulada, para a possível instanciação em algum tempo no passado, presente ou futuro de uma determinada contingência que controla a ironia. A partir disso, pode-se concluir que para um falante construir uma sentença irônica e o ouvinte responder a ela apropriadamente eles precisam não apenas serem constituídos de uma genética apropriada para esse tipo de comportamento, mas, também, terem tido experiências de aprendizagem em algum momento da sua história pessoal em uma cultura (filogênese, ontogênese e Cultura; Skinner, 1981). Para os irônicos deste estudo, suas sentenças definidoras da ironia sempre descrevem as consequências do comportamento envolvido.

Tabela 1

Definições de ironia dos produtores de ironia

Pergunta nº 1	
<i>“O que é ironia para você?”</i>	
Participantes	Respostas
R1	É ter o Poder de ser uma coisa e dizer outra. Levar o que tem sentido de humor a sério.
R2	Ironia é afirmar algo que não tem o sentido literal do que foi dito.
R3	É uma interpretação de um pensamento ou sentimento que destrutura a intenção original.
R4	Eu diria que é uma crítica feita a partir da oposição do que realmente se quer dizer.
R5	Uma forma de criticar o preconceito. Falar o contrário do que realmente é.

Todos os irônicos se autoavaliaram como tal, respondendo prontamente que os textos que produzem são irônicos (o R2 e o R4 acrescentaram que em alguns momentos também escrevem de maneira direta, ou seja, literal, sem utilizar ironia). Apesar de, em geral, a consequência aversiva impedir o assumir-se socialmente como irônico (Messa, 2012), os produtores profissionais da ironia se autorreconhecem como emissores de comportamento verbal irônico. Essa autoadmissão informa que existe a percepção da intenção ou da função da ironia produzida e publicada (evocar crítica social ou eliciar humor no leitor), descrita como resposta à questão “*Que tipo de reação emocional você gostaria que as pessoas expressassem ao lerem os seus textos?*”.

A associação da ironia com o humor é muito frequente nas respostas dos produtores de ironia, dado que são roteiristas humoristas. A produção da ironia com função de fazer rir, fazer com que os leitores se sintam felizes (ironia familiar, de acordo com Paiva, 1961) apareceu em todas as respostas. Apenas o R2 e R4 acrescentaram que suas ironias têm como função a crítica e a reflexão dos fatos e acontecimentos. O comportamento verbal dos ouvintes de aprovação (dizer que o texto foi engraçado, que foi uma “ótima sacada” etc) serve de um poderoso reforço positivo, quase que imediato, para que os produtores de ironia mantenham o comportamento de escrever textos irônicos, com conteúdo crítico e humorístico ao mesmo tempo.

Tabela 2

Consequências positivas da ironia no comportamento do leitor

Tipo de Consequência	Topografias descritoras	Frequência
Humor	Riso, diversão, graça, felicidade	13
Humor e consciência	Riso e reflexão crítica	5
Consciência	Percepção de questões não percebidas	4
Identificação	Identificação com o escrito, empatia	4

Dinheiro	Ganho financeiro com compartilhamento	1
-----------------	---------------------------------------	---

As frequências das respostas apresentadas na Tabela 2 traduzem a repetição das respostas dos irônicos sobre as consequências positivas da ironia. Como se pode perceber nela, a consequência humor foi a mais mencionada (13 menções). Skinner (1957) afirma que a repetição de uma resposta pelo falante demonstra a força que ela tem. Portanto, esse dado de energia nas respostas demonstra quão importante é este tipo de consequência (humor) para os irônicos profissionais. Quando existe repetição no comportamento verbal de alguém, esta pode indicar uma ênfase especial em determinada resposta e é justamente isso que pode ser observado na tabela 2: o humor exerce muita força no controle da produção da ironia nesses falantes que a produzem.

Percebe-se que a maior preocupação (intenção) dos irônicos é produzir humor e, em seguida, consciência (cinco menções). Uma das respostas que caracteriza esse tipo de consequência foi dada pelo irônico R3: *“Humor e reflexão sobre a sociedade. O riso é o objetivo principal, mas quando ele vem acompanhado de uma reflexão, somos mais úteis”*. O mesmo ocorre na resposta do R2: *“Eu não tenho um objetivo nobre. Só quero que as pessoas se divirtam”*. Além do humor aparecer como função principal da produção de ironia, no caso da resposta do R3, nota-se também uma preocupação também em produzir conscientização: *“Humor e reflexão sobre a sociedade. O riso é o objetivo principal, mas quando ele vem acompanhado de uma reflexão, de uma crítica, somos mais úteis”*. Este dado confirma o que Calmus e Caillies (2014) encontraram quando investigaram a correlação da ironia com humor: a ironia associada ao humor é considerada mais engraçada. Hubner, Miguel e Michael (2005) também corroboram este achado e o associam ao controle múltiplo.

O controle múltiplo é uma característica presente no humor e na ironia (Skinner, 1957; Messa, Borloti & Carmelino, 2014) e, como ocorre na história de aprendizagem dos irônicos (Gibbs Jr, Bryant, & Colston, 2014), na história do falante humorista, apesar de não acessada neste estudo, seu repertório irônico provavelmente já deve ter ficado sob controle de consequências reforçadoras, como o rido de piadas e de outras formas de humor, o que aumentou a probabilidade de repeti-las. Um exemplo é a resposta do irônico R4 ao responder o que ele pensa que os seus textos despertam nas pessoas com relação aos temas abordados: *“Identificação ou oposição, em todos os casos”*. Sua resposta demonstra claramente a função da audiência múltipla na sua ironia humorística. Messa, Borloti e Carmelino apontam esta dubiedade de função, dada pelo controle pela audiência múltipla, como característica importante da ironia. É por meio desse controle que, ao mesmo tempo, o falante pode elogiar uma audiência esperando reforço dela e, implicitamente, criticar uma outra experimentando uma diferente consequência. Se a primeira for “opponente” da segunda, a “vítima”, é provável que a crítica à segunda seja reforçadora para a primeira (Anolli, Ciceri & Infantino, 2000; Ishida & Abe, 2010). Um exemplo de resposta com relação à consciência como tipo de consequência foi a de R3 que disse que espera dos leitores ao lerem seus textos *“Espanto com a realidade que vivemos”*, não no sentido de se verem como vítimas das circunstâncias que fazem a realidade, mas no sentido de serem oponentes dessas circunstâncias. Numa crítica às circunstâncias políticas que culminaram na realidade do leitor, um político ou um partido seriam “vítimas” da ironia contra quem ele deveria ser “opponente” na “batalha” que identifica e sente ao viver nessa realidade.

A consequência do tipo identificação ou empatia, isolada ou conectada às demais, aparece na fala de R5 quando diz que *“as pessoas se sentem compreendidas, abraçadas”*. O estudo de Dennis et. al. (2013) confirma esse dado quando seus autores

dizem que a ironia pode ser compreendida como empatia quando o irônico tenta persuadir (emocionar) ou convencer (mudar opinião) o seu ouvinte. Assim, sua conclusão pode ser usada para interpretar a função “identificação” da ironia dos produtores de ironia: ironia e empatia são formas de comunicação que têm como objetivo influenciar os pensamentos e os sentimentos das pessoas de maneira indireta. Na análise dos autores, posta aqui em termos comportamentais, a comunicação não literal, apesar de mais complexa, pode ser obtida como consequência de comportamentos verbais não idiomáticos (gestos ou expressões faciais), sem estarem acompanhados dos idiomáticos (vocalização de palavras). Entretanto, tratam-se neste estudo de irônicos empáticos profissionais. Suas ironias estão também sob controle de reforçadores econômicos.

Além do reforço positivo que os ouvintes podem prover ao irônico como “graça” ou “interesse”, os compartilhamentos que são feitos pelos ouvintes também geram um reforçador generalizado poderoso: dinheiro. Veja o que ele diz: *“Vai ser engraçado? Eu vou ganhar dinheiro com ele? Ele vai ser muito compartilhado para me gerar dinheiro? Eu sempre penso no que posso ganhar financeiramente fazendo aquela piada ou crítica”*. Esse tipo de reforçador secundário contribui para o aumento da frequência de se comportar verbalmente de maneira irônica. Pode-se afirmar, então, que a reação positiva dos ouvintes à ironia e o ganho financeiro provido por meio dessa reação são os dois tipos de consequências que contribuem para o aumento da frequência e a manutenção do comportamento verbal irônico do produtor de ironia na prática cultural dos sítios de humor na rede mundial de computadores.

Skinner (1981) explica o processo: o desempenho de um indivíduo em um momento específico numa prática cultural é determinado principalmente pelas contingências de reforço que prevalecem até aquele momento. Então, se o produzir

ironia foi reforçado com dinheiro, a probabilidade dessa contingência econômica aumentar a frequência e manter o seu comportamento verbal irônico é extremamente alta, pois o dinheiro é um reforçador condicionado generalizado. Como quaisquer outros vendedores, os produtores (vendedores) profissionais de ironia estão justamente sob o efeito desse reforçador.

Além do poder reforçador generalizado do dinheiro, a frequência da produção verbal irônica também é função do padrão de esquemas variáveis de reforçamento (Fester & Skinner, 1957), dado número variável de compartilhamentos dos textos irônicos nessas práticas na rede mundial de computadores, o que pode render mais ganhos econômicos ao seu produtor. Não se sabe exatamente quantos compartilhamentos o texto produzido irá gerar, e esse tipo de esquema tem um poder maior na manutenção do comportamento irônico do falante que age com cada vez mais emissões de novas ironias.

Porém, não ocorre apenas controle positivo sob o repertório irônico, já que ele está sob controle múltiplo (Skinner, 1957; Messa, Borloti & Carmelino, 2014). A Tabela 3 indica as consequências aversivas da ironia no comportamento do leitor dos produtores da ironia. Uma vez que o participante emitiu um comportamento verbal irônico com uma função específica (“objetivo”, “intenção”), ele pode experimentar reações dos ouvintes contrárias às esperadas.

Tabela 3

Consequências aversivas da ironia no comportamento do leitor

Tipo de consequência	Topografia descritora	Frequência
Ameaça, acusação	Julgamento pessoal, processos na justiça	8
Incompreensão	Má fé, divulgação errada do sentido da ironia, como se fosse algo literal	6
Inadequação	Vergonha, constrangimento	3

Revolta	Respostas ríspidas, agressão verbal por não concordar com a ironia	2
Imposição direta	Querer que apaguem a ironia publicada	2

O tipo de consequência aversiva mais frequentemente descrita nas respostas dos irônicos foi a ameaça/acusação, pessoal ou judicial. Ao serem questionados sobre o que elicia medo neles ao publicar ironias, eles responderam: R1: *“aí sim, quando me ameaçam ou ameaçam processar um dos nossos roteiristas”*; R2: *“às vezes quando a piada é muito forte a gente deixa de publicar por temer processo ou reação. Mas jamais fomos processados”*; R3: *“Fico com medo quando o leitor me ameaça”*. Essas falas dos produtores de ironia demonstram que as possíveis consequências aversivas do tipo ameaça/acusação eliciam comportamentos emocionais de medo. Entretanto, a estimulação aversiva subjacente ao medo não é suficiente para suprimir a produção irônica. Ainda que existam críticas ao que o irônico escreve (isso pode ser observado por qualquer pessoa ao acessar as páginas de publicação), o número expressivo de respostas (consequências) reforçadoras que ele recebe tem função de manter o comportamento de escrever ironias e divulgá-las na rede mundial de computadores de maneira constante e contínua. A probabilidade das consequências aversivas dá uma certa incerteza às consequências positivas, mesmo essas sendo frequentes, e isto é responsável pela formação do hábito de escrever ironias. Sobre controle de um esquema de reforçamento do tipo intervalo, o produtor de ironia se mantém comportando por causa da imprevisibilidade do reforço. Os autores DeRusso, Fan, Gupta, Shelest, Costa e Yin, (2010) exemplificaram essa questão com dessa maneira: quando uma pessoa espera e-mails de outra pessoa que ele realmente goste, existe uma alta probabilidade de quem espera os e-mails verificar sua caixa de entrada a todo instante na expectativa de

ser recompensado (receber e ler o e-mail). Com isso, quando se reduz o atraso entre disponibilidade do reforço e experimentação do reforço, aumenta-se a média de atraso entre a resposta e o reforço.

Sendo significativo, o medo não é o único sentimento associado à produção irônica. Ao analisar as respostas dos irônicos percebe-se também que o sentimento de tristeza está diretamente relacionado ao comportamento do ouvinte ao que se escreveu como ironia, que mostra: (a) falta de compreensão; (b) acusação; ou (c) chateação. Opostamente, o sentimento de felicidade está relacionado com as consequências: (a) compreensão satisfatória; (b) graça; c) identificação (o leitor/ouvinte se diz “representado”). O sentimento de raiva pode acompanhar o de tristeza pela ironia produzir acusação e chateação, quando o leitor/ouvinte demonstra “não querer entender” a ironia dos que a produzem. Todos os participantes relataram que o sentimento de medo está diretamente relacionado com ameaça/acusação e revolta do ouvinte. Com relação à inadequação relacionada às consequências de sentimentos negativos, o irônico R2 comenta sobre os textos com conteúdo sobre sexo:

“Curiosamente essas matérias têm grande leitura, mas poucas curtidas e compartilhamentos. Acho que as pessoas ficam com vergonha quando o tema é sexo”.

O irônico R5 afirma o seguinte sobre os textos com conteúdo político: *“evito falar porque não sei falar e tenho medo de dar errado”.*

Estes dados de autorrelatos de sentimentos permitem inferir que a ironia, como comportamento verbal, pode fazer parte do comportamento emocional (Filik, Hunter, & Leuthold, 2015). Skinner (1957) dá suporte a esta inferência quando afirma que o comportamento verbal pode contribuir para a emissão de eventos privados no indivíduo, e que comportamentos verbais encobertos geralmente ocorrem quando o sujeito necessita solucionar problemas, criar obras de arte (como a do humor irônico tratada

neste artigo) ou manipular variáveis que, de alguma forma, podem afetar o seu próprio comportamento.

Os dados corroboram os estudos de Glenberg, Webster, Mouilso, Havas e Lindeman (2009) e Filik, Hunter e Leuthold (2014) quando os irônicos relatam o que sentem e pensam enquanto produzem seus textos irônicos, basicamente falando de eventos privados que antecedem o comportamento verbal irônico. Pode-se observar que o conteúdo do comportamento verbal irônico emitido pelos produtores de ironia influencia no tipo de resposta verbal/emocional que os ouvintes emitem como consequência, que por sua vez, influencia na emissão de comportamentos encobertos dos irônicos para produzirem mais ou menos ironias com determinada topografia e função.

No caso do conteúdo, múltiplas variáveis alteram a forma do irônico responder verbalmente. A resposta do ouvinte é uma variável importante neste caso. Ela tem o poder de modelar o comportamento do irônico fazendo com que ele continue se comportando ironicamente, ainda que sob reações emocionais adversas, ou fazendo com que ele suprima a emissão de certos tipos de ironia para evitar consequências ainda mais aversivas. Como mostra a Tabela 3, um exemplo de consequência aversiva grave é a ameaça do leitor/ouvinte, que pode contribuir para que o produtor de ironia não mais crie textos irônicos com determinado conteúdo, ou não mais crie textos de conteúdo com propriedade aversiva exacerbada, e passe a se comportar verbalmente de maneira similar à que já fora reforçada pelo leitor no passado, mantendo o reforçador econômico.

Importante dizer que mesmo respostas escritas do leitor (então, escritor) podem apresentar o tipo de emoção que quer se dar a entender por quem escreve (Skinner, 1957). Escrever uma sentença inteira com letras maiúsculas ou exceder em acentos,

como a exclamação, podem levar o mediador a compreender sentimentos aversivos. Por outro lado, escrever vários k's leva a compreensão de sentimentos positivos, ou seja, o escritor demonstrou empatia pelo texto que controlou a sua escrita. Isso pode ser exemplificado com a resposta do R2 ao ser perguntado que tipo de resposta do leitor/ouvinte gera nele sentimento de felicidade: “*um bom KKKKKK*”.

Anderson, Hawkins e Scotti (1997) afirmam que respostas privadas e suas propriedades de estímulo adquirem controle sobre o comportamento público subsequente quando, no passado, sequências similares produziram consequências reforçadoras. O que ocorre com os produtores de ironia ao falarem sobre os temas que eles evitam ou não evitam publicar é justamente isto. Determinado tipo de consequência liberada pelos leitores/ouvintes aumenta ou diminui a probabilidade dos irônicos produzirem determinados tipos de ironia. Os comportamentos precorrentes na situação de produzir um texto irônico, de acordo com as respostas dos produtores de ironia, geralmente são dedução, imaginação, formulação de hipótese, dentre outras tantas com a função de aumentar a probabilidade das respostas subsequentes e da resposta irônica final serem reforçadas pelos leitores/ouvintes. Isso pode ser confirmado pelas respostas do R1 e R4 quando questionados sobre o que eles pensam e sentem enquanto escrevem os textos irônicos: “*Vai ser engraçado? Eu vou ganhar dinheiro com ele? Ele vai ser muito compartilhado para me gerar dinheiro? Eu sempre penso no que posso ganhar financeiramente fazendo aquela piada ou crítica*”; “*O que eu posso fazer para conseguir, ao mesmo tempo, o máximo de humor e de crítica, além da tentativa de ser bastante acessível a todo leitor?*”. Simonassi, Cameschi, Vilela, Coelho e Paula (2007) falam sobre isso quando dizem que comportamentos precorrentes são frequentes em uma situação de resolução de problemas e que essas mesmas respostas podem ocorrer

com a função de gerar estímulos discriminativos que alterem a probabilidade de ações subsequentes.

Conclusão

O comportamento verbal irônico ainda é pouco estudado pelos analistas do comportamento. Este artigo demonstrou a necessidade e a possibilidade de se analisar a ironia pelo olhar comportamental. A produção da ironia está diretamente ligada com uma das suas características mais importantes que é o controle múltiplo pela audiência

Como em qualquer outro tipo de comportamento operante, o reforço é fundamental para aumentar a probabilidade de repetição de uma resposta. Este estudo demonstrou isto na resposta verbal irônica. Um aspecto importante é que as consequências mediadas pelos leitores/ouvintes dos produtores de ironia trouxeram à tona um tipo de reforçador incomum em outros comportamentos verbais: a incompreensão. Isso significa que o produtor de ironia também pode ser reforçado pela não compreensão de sua audiência uma vez que essa é uma das funções da ironia (atingir uma audiência em detrimento de outra).

A ocorrência de eventos privados como precorrentes do comportamento verbal irônico também foi evidenciada na análise dos resultados. O relato de sentimentos pelos produtores de ironia esteve diretamente ligado ao tipo de consequência que o ouvinte libera e este apresentou papel fundamental influenciando na forma, força e frequência da emissão de ironias por aqueles.

Por fim, conclui-se que tanto consequências positivas quanto negativas modelam o comportamento verbal irônico dos produtores de ironia, confirmando a causação múltipla, em especial a audiência múltipla em descrições de afirmação de espera para a obtenção das diferentes repostas dos seus leitores/ouvintes, identificadas neste estudo

como funções da ironia: humor, consciência, identificação, dinheiro, ameaça, acusação, incompreensão, inadequação, revolta e imposição direta.

Referências Bibliográficas

- Agbota, T. A; Sandaker, I., & Ree, G. (2015) Verbal operants of corruption: a study of avoidance in corruption behavior. *Behavior and Social Issues*. 24, 126-148.
- Anderson, C. M., Hawkins, R. P., & Scotti, J. R. (1997). Privates events in behavior analysis: Conceptual basis and clinical relevance. 157-179.
- Anolli, L., Ciceri, R., & Infantino, M. G. (2000). Irony as a game of implicitness: acoustic profiles of ironic communication. *Journal of Psycholinguist Research*. 29, 275-311.
- Anolli, L., Ciceri, R., & Infantino, M. G. (2002). Behind dark glasses: irony as a strategy for indirect communication. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*. 128, 76-95.
- Blaser, A. (1976). Irony and cynicism as forms of defense. *Confín Psychiatric Journal*. 19, 80-88.
- Borloti, E. B. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 6, 221-236.
- Calmus, A., & Caillies, S. (2014). Verbal irony processing: how do contrast and humour correlate? *International Journal of Psychology*. 49, 46-50.
- Dennis, M., Simic, N., Agostino, A., Taylor, G., Bigler, E. D., Rubin, K., Vannatta, K., Gerhardt, C. A., Stancin, T., & Yeates, K. O. (2012). Irony and Empathy in Children With Traumatic Brain Injury. *Journal of the International Neuropsychological Society*. 19, 1–11.

- Derusso, A. L., Fan, D., Gupta, J., Shelest, O., Costa, R. M., & Yin, H. H. (2010). Instrumental uncertainty as a determinant of behavior under interval schedules of reinforcement. *Frontiers in Integrative Neuroscience*. 28, 1-8.
- Ferster, C.B., & Skinner, B.F. (1957). Schedules of reinforcement. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Filik, R., Hunter, C. M., & Leuthold, H. (2015). When language gets emotional: Irony and the embodiment of affect in discourse. *Acta Psychologica*. 156, 114–125.
- Gibbs Jr. R. W., Bryant, G. A., & Colston, H. L. (2014). Where is the humor in verbal irony? *International Journal of Humor Research*. 27. 575–595.
- Glenberg, A. M., Webster, B. J., Mouilso, E., Havas, D., & Lindeman, L. M. (2009). Gender, emotion, and the embodiment of language comprehension. *Emotion Review*. 1, 151-161.
- Hübner, M. M. C., Miguel, C. F., & Michael, J. (2005). Controle múltiplo no comportamento verbal: humor brasileiro e operantes relacionados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. 1, 1-14.
- Hübner, M. M. C.; Borloti, E.; Almeida, P.; & Cruvinel, A. C. (2012) Linguagem. In Hübner, M. M. C.; & Moreira, M. B. Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Hunziker, M. H. L. (2011). Afinal, o que é controle aversivo? *Acta Comportamentalia*. 19, 9-19.
- Ishida, Y., & Abe, J. (2010). Is the victim of irony identified by echoic mention? *Shinrigaku Kenkyu*. 80, 485-93.

- Kumon-Nakamura, S., Glucksberg, S., & Brown, M. (1995). How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony. *Journal of Experimental Psychology General*. 124, 3-21.
- Kreuz, R. J., & Glucksberg, S. (1989). How to be sarcastic: The echoic reminder theory of verbal irony. *Journal of Experimental Psychology: General*. 118(4), 374-386.
- Laraway, S., Snycerski, S., Olson, R., Becker, B., & Poling, A. (2014). The Motivating Operations Concept: Current Status and Critical Response. *Psychological Record*. 64. 601-623.
- Luke, M. M., & Carr, J. E. (2015). The analysis of verbal behavior: a status update. *Analysis of Verbal Behavior*. 31, 153-161.
- Messa, L. C. S. (2012). Ironia verbal: do conceito skinneriano à análise do discurso jurídico irônico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, 1-147.
- Messa, L. C. S., Borloti, E., & Carmelino, A. C. (2014). Linguistics and Behaviour Analysis in the Functional Conceptualization of Verbal Irony. *European Journal of Child development, Education and Psychopathology*. 2, 97-121.
- Messa, L. C. S. (2016). Estudos empíricos da ironia: revisão sistemática e implicações para uma análise funcional. In: Messa, L. C. S. (2016). Análise Funcional da Ironia: estudos empíricos. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil.
- Michael, J., Palmer, D. C., & Sundberg, M. L. (2011). The Multiple Control of Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*. 27, 3-22.
- Paiva, M., H., N. (1961). Contribuição para uma estilística da ironia. Centro de estudos filológicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Petursdottir, A. I. (2013). Editorial: Verbal Behavior and Motivating Operations. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 1–2.
- Place, U. T. (1998). Sentence and Sentence Structure in the Analysis of Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal behavior*. 15,131-133.
- Passos, M. L. R. F. (2012). BF Skinner: the writer and his definition of verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 35, 115.
- Recchia, H. E., Howe, N., Ross, H. S., & Alexander, S. (2010). Children's understanding and production of verbal irony in family conversations. *Journal of Development Psychology*. 28, 255-74.
- Raymond W. Gibbs Jr, R. W., Bryant, G. A., & Colston, H. L. (2014). Where is the humor in verbal irony?
- Sério, T. M. de A. P., & Micheletto, N. (2010). Maria Amélia Matos e o estudo do controle aversivo: uma contribuição exemplar. *Psicologia USP*, 21, 241-251. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642010000200003>.
- Silva, A. V., Silva, R. L. F. C., & Tavares, W. M. (2012). Eventos privados: Efeito do reforçamento de regras e a funcionalidade das respostas de informações. *Encontro: Revista de Psicologia*. 15.9-24.
- Simonassi, L. E.; & Cameschi, C. E. (2003). O episódio verbal e a análise de comportamentos verbais privados. *Revista Brasileira de terapia Comportamental e Cognitiva*.5, 105-119.
- Simonassi, L. E., Cameschi, C. E., Vilela, J. B., Coelho, A. E. V., & Paula, V. (2007). Inferências sobre classes de operantes precorrentes verbais privados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. 3, 97-113.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Applenton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*. 213, 501-504.

Vargas E. A. (2013). The Importance of Form in Skinner's Analysis of Verbal Behavior and a Further Step. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 167-183.

Zilio, D. & Dittrich, A. (2014). O que fazer com os eventos privados? Reflexões a partir das ideias de Baum, parte I: a definição de privacidade. *Acta Comportamentalia*. 22. 483-496.

5 ARTIGO 4

Análise funcional da compreensão do comportamento verbal irônico

Resumo

Em seu contexto e nos efeitos emocionais que elicia no falante e no ouvinte, a compreensão da ironia envolve palavras e, sobretudo, os gestos, a inflexão e expressão facial que as acompanham. Para analisar a compreensão e a emoção que a ironia produz no ouvinte a partir da audiência múltipla, três cenas audiovisuais irônicas (sexualidade, religião e política) foram apresentados a quatro grupos de 12 participantes (variando em sexo, idade, religião e familiaridade), e suas respostas à questões sobre ironia antes e depois das cenas foram categorizadas pela forma da compreensão e pelo tipo de emoção. Os participantes familiares compreenderam a ironia de formas parecidas, e com reações emocionais semelhantes; os não familiares com mesma religião, mas com idades diferentes, de formas diferentes em dois grupos distintos, num deles relatando emoções aversivas. A audiência múltipla nos grupos atuou de modo importante na

modelação da compreensão da ironia dirigida a uma audiência “vítima” e à outra, reforçadora de uma ironia multifuncional.

Palavras-chave: ironia, Análise do Comportamento, Análise Funcional, compreensão, audiência múltipla, controle múltiplo.

Abstract

In its context and in the emotional effects that elicits in the speaker and listener, the comprehension of irony involves words and, specially, the gestures, inflexion and facial expression that accompany it. To analyze the comprehension and emotion that irony produces in the listener from multiple audience, three ironic audiovisual scenes (sexuality, religion and politics) were presented to four groups of 12 participants (varying in sex, age, religion and familiarity), and their answers to questions about irony before and after scenes were categorized by the form of comprehension and type of emotion. The familiar participants comprehended irony in a similar forms, and with similar emotional reactions; those who were not familiars with the same religion but different ages, comprehended in a different way in two different groups, one of them related aversive emotions. The multiple audience in two distinct groups acted in an important way in the modeling of comprehension of irony directed to a “victim” audience and to another, reinforcing a multifunctional irony.

Keywords: irony, Behavior Analysis, Functional Analysis, comprehension, multiple audience, multiple control.

A ironia é muito estudada pelos linguistas como figura de linguagem “usada” para dizer o contrário do que se diz; o oposto do literal (Reyes, Rosso & Veale, 2013; Dynel, 2014; Fein, Yeari & Giora, 2015). Entretanto, há décadas a linguista Hutcheon (1992) já havia falado sobre as várias “faces” da ironia, que informam que ela não pode ser entendida apenas por esse “uso” básico. Dizer o contrário é a função mais elementar dentre as diversas funções da ironia, que a transformam em uma comunicação interessante e complexa.

Ao longo das últimas décadas uma quantidade considerável de estudos tem surgido com o objetivo de investigar a ironia, principalmente nos vários campos da Linguística. Na Psicologia Cognitiva o fenômeno também tem sido tema em estudos sobre desenvolvimento infantil, aprendizagem, transtornos mentais e de comportamento, dentre outros (Dynel, 2014). Mesmo estudos cognitivistas como o de Fein, Yeari e Giora (2015) demonstram como o ambiente é importante na análise da produção e compreensão da ironia. Este artigo se soma ao deles e a outros (e.g., Regel, Coulson, & Gunter, 2010; Dynel, 2014; Filik, Hunter, & Leuthold, 2015) trazendo

dados que permitem entender, de uma perspectiva analítico-comportamental, o que faz com que o ouvinte compreenda o “contrário dos fatos” na ironia. O objetivo aqui é analisar a compreensão da ironia pelo ouvinte, a partir dos diferentes tipos de audiência, descrevendo os efeitos emocionais que ela pode produzir nele.

A análise comportamental da compreensão da ironia pode ser inferida de três situações (Skinner, 1957, p. 277-280): (a) o ouvinte se comportar não verbalmente de maneira apropriada aos estímulos que controlaram a ironia (e. g., jogar fora um objeto com uma propriedade que foi tateada como *útil* pelo irônico); (b) se comportar verbalmente repetindo-a; ou, (c) descrever as variáveis que poderiam ser responsáveis por ele mesmo produzi-la. “A conclusão a que se chega com esses três sentidos da compreensão da ironia é que apenas juntas é que essas maneiras de se comportar do ouvinte informam a completude da compreensão da ironia. Segundo Skinner, a terceira maneira informa a maior profundidade da compreensão” (Messa, 2012, p. 54).

O ouvinte é o *locus* da compreensão da ironia sob controle das variáveis ambientais. Schilinger (2008) considera essa importância e afirma que seu lugar no episódio verbal deve ser melhor investigado, já que fora negligenciado por Skinner (1957), pois ele focou a função do falante. Ao falar dessa importância, Schilinger afirma que o ouvinte emite comportamentos verbais subvocalis (pensamentos) que funcionam como comportamentos encobertos precursores para a sua resposta final, a da provisão do reforço ao falante. Na perspectiva do falante, cuja ação depende da do ouvinte, tais emissões encobertas referem-se ao auto-ouvinte, quando o falante atuando como seu próprio ouvinte no episódio verbal de “falar consigo” privadamente antes de se comportar publicamente. Nesse episódio, não há diferenciação funcional entre falante e ouvinte, uma vez que são funções intercambiáveis (Fryling, 2013; Vargas, 2013).

O comportamento do ouvinte como comportamento verbal

Abreu e Hubner (2012) reapresentam as críticas ao *Verbal Behavior* (Skinner, 1957), feitas por Hayes e Hayes (1989) e Hayes, Blackledge, e Barnes-Holmes (2001), não como uma rivalidade, e sim, como uma complementação das explicações do papel do ouvinte. Tal complementação se fez relevante porque a porção ouvinte do repertório do falante emerge primeiro, na sua história com a comunidade verbal, quando aprende a ser falante (Souza, Souza, & Gil, 2013; Kobari-Wright & Miguel, 2014; Conceição, Passos, & De Rose, 2015). O papel do ouvinte, então, se torna tão importante quanto o do falante, permitindo-o compreender o falante.

Compreender uma ação verbal do falante significa basicamente ser capaz, como ouvinte, de mediá-la, reforçando-a adequadamente (Lowenkron, 2004; Andery, Micheleto & Sérgio, 2005; Dahás, Goulart & Souza, 2008; Greer & Longano, 2010). Essa mediação “compreensiva” ocorre numa dependência funcional, não formal ou topográfica. Sem dependência funcional, por exemplo, uma pessoa pode reproduzir um texto e não o compreender; pode rir de uma piada se esquivando do constrangimento e não a compreender. A funcionalidade da mediação na compreensão mais profunda ocorre quando, pela de sua história de reforçamento, o ouvinte se comportar apropriadamente diante de episódios verbais sendo capaz de explicar a função do seu comportamento (Skinner, 1957; Messa, 2012).

A compreensão da estimulação sonora vocal (lexical ou não, produzida pelo aparelho fonador) depende do ouvir, uma relação funcional entre a resposta de um organismo e a estimulação sonora de um objeto (Parrott, 1984). Ela é entendida quando se analisa a história de reforçamento do ouvinte e a congruência de sua resposta ao contexto presente. Apesar de mais complexo que o ouvir, o compreender pode ser analisado de forma semelhante, podendo variar do compreender superficial (um ecoico) ao compreender profundo (i.e., descrição das variáveis de controle do comportamento

verbal; Skinner, 1957) de comportamentos verbais complexos, porque sob controle múltiplo, como a ironia (Messa, 2012).

Estudos empíricos analítico-comportamentais da compreensão de comportamentos verbais simples são escassos; os da compreensão de comportamentos verbais complexos, como a ironia, são inexistentes. Ao contrário, estudos linguísticos focando a compreensão da ironia são numerosos (Messa, 2016), dentre eles, o de Cornejol, Simonetti, Aldunate, Ibáñez, López, e Melloni (2007) analisa como a indução de estratégias holísticas e analíticas influenciam na compreensão de expressões irônicas (e outras, da linguagem ordinária), concluindo que um mesmo estímulo pode evocar diferentes respostas no ouvinte, a depender das diferentes formas de percebê-lo (história de reforçamento). Langdon e Coltheart (2004), Su, Chan, e Liu (2008) e Rapp, Langohr, Mutschler, e Wild (2014) verificaram a compreensão de sentenças metafóricas e irônicas em pacientes esquizofrênicos e concluíram, no geral, eles apresentam maior dificuldade em compreender ironias. Monetta, Grindrod e Pell (2009), avaliando pacientes com Parkinson, concluíram que eles não conseguem interpretar histórias com conteúdo irônico, a menos que haja uma explicação detalhada do contexto. Regel, Coulson, e Gunter (2010), analisando efeitos do estilo de comunicação sobre a compreensão da ironia, concluíram que a comunicação agressiva tende a ser mais difícil de ser interpretada como irônica. Caillies, Hody, e Calmus (2012) avaliaram as diferenças na compreensão da ironia em crianças com e sem paralisia cerebral chegando à conclusão que crianças a partir dos 5 anos começam a compreender ironias enquanto que as portadoras de paralisia cerebral com a mesma idade são incapazes de tal compreensão. O mesmo ocorre com crianças portadoras de transtorno do espectro autista e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, que parecem precisar de mais “dicas” (variáveis) para compreenderem a comunicação irônica e, assim, reforçá-la na

mediação (Li, Law, Lam, & To, 2013; Caillies, Bertot, Motte, Raynaud, & Abely, 2014).

A mediação do reforço no episódio verbal é a mais importante função do ouvinte, junto com as funções discriminativa e evocadora da resposta verbal do falante (Skinner, 1957). A provisão do reforço, segundo Abreu e Hübner (2012), só ocorre porque o ouvinte está devidamente preparado pela comunidade verbal para assumir esse papel de reforçar o falante (e.g., rir de uma determinada ironia com tom machista reforçando-a depende de se experimentar, enquanto ouvinte, uma história de reforçamento apropriada a esse contexto, sendo que o não rir pode, também, ser apropriado se essa história o ensinou que é aversivo reforçar positivamente ironias machistas). A despeito dessa importância do ouvinte, as críticas de Hayes e Hayes (1989) com relação à menor importância dada a ele por Skinner são pertinentes, uma vez que não se pode deixá-lo à parte nos estudos dos processos comportamentais de “compreender” e “significar”, especialmente quando sob controle de estímulos verbais complexos como a ironia, que envolve concomitantemente não somente “palavras”, mas, sobretudo, gestos, os tons de voz e expressão facial, além do contexto em si e dos efeitos emocionais que elas podem gerar no falante e no ouvinte (Anolli, Ciceri, & Infantino, 2000; Regel, Coulson, & Gunter, 2010; Amenta, Noël, Verbanck, & Campanella, 2012; Filik, Hunter, & Leuthold, 2015), a depender também dos seus níveis de energia descritos por Skinner.

Níveis de energia do comportamento verbal

Skinner (1957) cita que as respostas verbais são emitidas com certo nível de força ou intensidade:

Em níveis baixos, a parte da resposta que cai de tom chega até o sussurro.

No outro extremo da linha outras propriedades topográficas são afetadas.

Provavelmente por causa do mecanismo do aparato da fala, o grau de intensidade do nível de uma resposta tende a variar com a energia. Sendo o resto igual, quanto mais alta a resposta, mais alto o grau de intensidade. Por isso, o grau de intensidade pode às vezes ser tomado como indicador de força. (p. 24).

A entonação e outras propriedades sonoras das quais se infere a propriedade força ou intensidade são importantes para eliciar o comportamento emocional. Um falante “emocionante” é aquele que melhora suas respostas com efeitos sonoros que afetam emoções específicas no ouvinte. No caso da ironia, o falante pode dizer algo enfático (i.e., ironia no clima retórico; Paiva, 1961) cuja consequência é um desconforto emocional (e.g., vergonha).

Nos climas irônicos que Paiva (1961) cita, apenas o retórico contém a descrição da propriedade formal *entonação* (Skinner, 1957). Os outros tipos de clima descritos pela autora se referem ao “sentido” do que foi dito devido ao contexto (relações de controle do comportamento verbal). É importante atentar a este detalhe, pois quando Skinner fala de tom, ele se refere ao “tom da voz” (entonação), medido pelo nível de energia. Apenas quando Paiva se refere ao clima retórico como um tom é que ela considera o nível de energia: um tom enfático na fala que o ouvinte compreende empolada, volumosa.

Quando Skinner (1957, p. 24) fala de energia verbal, ele afirma que ela não pode ser confundida com força (probabilidade). Se uma resposta tem alto nível de energia, é uma resposta que tem força (i.e., enérgica, enfática) e não que tem alta probabilidade de ocorrência. Na resposta que “cai de tom” e pode chegar até o sussurro, o nível de energia (força) pode variar de alta a baixa em tom e ênfase. A energia verbal é clara quando a resposta tem produto vocal. Quando o produto é gráfico (escrita), a energia

aparece nos negritos, itálicos ou nas letras maiúsculas (e.g., a sentença “Favor NÃO jogar lixo no chão” demonstra convencionalmente uma especial importância para a palavra “não”).

Outras propriedades verbais são a velocidade e a latência, ambas associadas à força verbal. Diz-se que o comportamento verbal é forte quando é emitido rapidamente; quando é fraco, diz-se que ele foi emitido vagarosamente. A latência, observada quando se mede o tempo em que a resposta verbal é emitida completamente desde o início de sua evocação. Skinner também cita a repetição como mais uma propriedade verbal, ocorrendo quase sempre com a energia e a velocidade. Uma mulher se referir a um homem que ela acha feio dizendo: “*Lindo! Lindo! LINDO!*” é um exemplo que combina repetição, energia e velocidade em uma ironia. Uma determinada forma de repetição também pode indicar a força de uma resposta irônica.

Existe velocidade verbal vocal e motora (“Gestos frenéticos demonstram velocidade na resposta em outra forma de comportamento [verbal]”; Skinner, 1957, p. 25). Gestos são verbais, segundo Skinner, porque tornam comum (comunica) uma parte do ambiente do falante ao ouvinte, que responde condicionado por uma convenção social (linguagem gestual). Assim, a velocidade dos gestos é parte importante na compreensão da ironia (Baptista, Macedo, & Boggio, 2015) e em uma situação prática na qual o reforço normal parece impossível, gestos e a velocidade dos mesmos podem induzir estímulos à compreensão da ironia, especialmente em ambientes onde não se pode falar. Por exemplo, um homem que quer sinalizar ao amigo réu que a mulher gorda e pouco atraente que é uma testemunha de acusação está prestes a entrar pela porta da sala do julgamento do amigo, pode simplesmente fazer um sinal com as duas mãos, em forma de violão, indicando as formas curvas da silhueta da referida mulher. A

compreensão é inferida do olhar do amigo para a mulher assim que ela entrar na sala ou do seu sorriso.

Condições especiais de reforço tendem a afetar a força/intensidade, a velocidade, a latência e a repetição de uma resposta. Portanto, a “condição especial” dada pela audiência múltipla da ironia (Messa, Borloti & Carmelino, 2014) pode afetar os níveis de energia da ironia verbal. Junto com o contexto de controle de estímulo e a história do falante nesse contexto (incluindo a história da relação com o ouvinte, que é parte desse contexto), intensidade, velocidade e repetição são propriedades vocais ou motoras da descrição funcional da ironia, tendo função discriminativa na sua compreensão (Skinner, 1957).

Anolli, Ciceri, e Infantino (2002) realizaram um estudo em que foram medidos os efeitos da variabilidade da compreensão da ironia a partir de variáveis vocais, dentre elas, a energia, em contextos cooperativo e competitivo. No contexto cooperativo, a entonação vocal primária foi enfática, compreendendo-se humor e brincadeiras (a secundária era baixa e monótona, compreendida como ternura/doçura). No competitivo, foi mais enfática, compreendida como dureza (em entonação baixa, forte raiva). Antes, Rockwell (2000) já havia afirmado que o tom de voz é tão importante quanto gestos e expressões faciais para a compreensão da ironia. Bryant e Tree (2005) buscaram o tom de voz específico da ironia. Concluíram que esse tom não existe, e que apenas o tom é insuficiente para a compreensão da ironia, pois depende de uma combinação de variáveis que incluem, além do tom, informações do contexto e das pessoas envolvidas. Entretanto, o sarcasmo é uma exceção, segundo Rockwell, cujo sentido é compreendido e cujo efeito emocional é sentido pelo ouvinte sem sequer olhar para o falante.

Comportamento verbal, ironia e sentimentos

As proposições de Skinner (1989) sobre eventos privados (e.g., sentimentos, motivação, emoção) ainda são corroboradas pelos analistas do comportamento (cf. Fryling e Hayes, 2015): (a) eventos privados apenas podem ser experimentados pelo indivíduo que os sente (Palmer, 2009); (b) eventos privados não são eventos mentais e devem ser tratados como qualquer outro tipo de evento comportamental (Moore, 2009); (c) outras ciências como a anatomia e a fisiologia podem auxiliar na compreensão dos eventos privados (Marr, 2011). Nesse sentido, quando o ouvinte compreende a ironia ele certamente sente algo. Inicialmente, sente a ironia como estímulo discriminativo que indicará sua compreensão como reforçadora ao ouvinte e evocadora de respostas motoras e verbais; concomitantemente, sente a ironia como eliciadora de respostas privadas do tipo sentir.

Skinner (1957) discorre sobre motivação e emoção ao falar especialmente do operante verbal *mando*. Em um tipo especial de mando comumente conhecido por súplica o falante pode aumentar a probabilidade do ouvinte responder de maneira apropriada devido ao maior apelo da sua emoção. Entretanto, para que o ouvinte fique predisposto emocionalmente para responder à ironia ele precisa de uma história de reforçamento que o condicione a responder de tal maneira, caso contrário, o apelo emocional do falante não surtirá efeito no ouvinte. Leigland (2014) reitera que é necessário compreender a história de interação entre dois indivíduos para se inferir a probabilidade de um reagir emocionalmente ao outro num determinado episódio verbal. Nessa probabilidade, os eventos privados, assim como os públicos, também ficam sob controle das contingências de reforçamento e dos efeitos funcionais desse controle, como demonstram os estudos recentes sobre linguagem e ironia (Vandeberg, Eerland & Zwaan, 2012; Filik, Hunter & Leuthold, 2015).

De acordo com Skinner (1957), a reação emocional do ouvinte é um subproduto de alguma função verbal, evocada pelo estímulo verbal. Para que o ouvinte ria diante de uma ironia cômica, por exemplo, precisa haver um emparelhamento de estímulos que, ao longo da sua história, o fez compreender e reagir emocionalmente a esse contexto verbal com humor. É importante considerar que há disposições para reagir favoravelmente ou não ao comportamento verbal do falante. Os estímulos verbais podem gerar não apenas um reflexo contínuo de ira/raiva, mas o próprio sentimento aversivo pode ser um comportamento precorrente para a discórdia ou o ataque verbal ao interlocutor. Não existe tempo oportuno para essas respostas emocionais do ouvinte. Para o autor, elas são lentas e duradouras. Isso significa que as pessoas podem reagir tanto a circunstâncias específicas que eliciam eventos privados quanto a estímulos verbais a elas relacionados simplesmente por terem propriedades verbais (e.g., a reação emocional contínua a uma poesia, um verso de uma música ou um relato hilário). O falante pode se comportar verbalmente de forma séria ou cômica, de forma descontraída ou desinibida, com tom de voz calmo ou raivoso, e os efeitos sobre o ouvinte serem os mais variados possíveis. A comunidade verbal da qual o falante e ouvinte fazem parte também é um aspecto fundamental para se dizer sobre o efeito do estímulo verbal do primeiro sobre o comportamento emocional do segundo. Assim, considerando a ausência de estudos da compreensão verbal pelos analistas do comportamento, o objetivo deste estudo é analisar a compreensão e a emoção que a ironia produz no ouvinte a partir da audiência múltipla.

Método

Participantes

Foram selecionados 12 ouvintes via e-mail e telefone. Eles foram informados de que a pesquisa investigaria a produção verbal durante a interação deles em debates sobre sexualidade, política e religião. Preencheram uma ficha de informações (nome, telefone, e-mail e dia da semana disponível para participar do estudo; apêndice 1) com função de organizar os grupos para a coleta de dados. Receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – ver apêndice 2) para ser lido e assinado, descrevendo a pesquisa aprovado no Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo. A Tabela 1 apresenta os participantes em quatro grupos (sexo, idade, religião e familiaridade), cujos aspectos influenciariam na forma como compreenderiam a linguagem figurada (Cocco & Ervas, 2012). Em ambientes familiares a ironia é mais facilmente compreendida (Angeleri & Airenti, 2014), mais frequente e variada, como humor, sarcasmo ou crítica (Gibbs, 2000; Pexman & Zvaigzne, 2004; Recchia, Howe, Ross, & Alexander, 2010). Uma vez que a ironia tem como característica o controle múltiplo, incluindo o controle pela audiência (Hübner, Miguel, & Michael, 2005; Messa, Borloti, & Carmelino, 2014), buscou-se diversificar as características dos ouvintes para analisar os efeitos da ironia na compreensão de diferentes tipos de audiência.

Tabela 1

Características na formação dos grupos de participantes.

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Número de participantes	3	3	3	3
Característica 1: sexo	1 mulher e 2 homens	2 mulheres e 1 homem	3 homens	3 mulheres
Característica 2: idade	Adultos (entre 25 e 60 anos)	Adultos (entre 25 e 60 anos)	Adolescentes (entre 14 e 17 anos)	Adolescentes (entre 14 e 17 anos)
Característica 3: Familiaridade	Familiar	Não familiar	Familiar	Não familiar

Característica	Não	Sim	Não	Sim
4: Orientação religiosa				

Variáveis independentes

Estímulos irônicos. Os estímulos irônicos foram 03 cenas audiovisuais, selecionadas na *internet*, a partir de sítios de humor profissional (e.g., *Porta dos Fundos*), cuja qualidade dos sons e vídeos foi boa e a atuação de atores nas cenas, clara. As cenas estavam nos seguintes endereços na *internet*: <https://www.youtube.com/watch?v=QgIrUIgdT-w> (sexualidade), https://www.youtube.com/watch?v=__C90xZOMsQ (política) e https://www.youtube.com/watch?v=bS_abILRIAA (religião). Citavam conteúdo de religião qualquer, de sexualidade em qualquer ambiente e de política não partidária. As cenas assim selecionadas foram submetidas ao julgamento de outros dois juízes, para concordância de sua escolha como fidedignas aos temas e pertinentes ao objeto e ao delineamento deste estudo.

Audiência múltipla. Como todo comportamento verbal é controlado por uma audiência, quase sempre múltipla (Skinner, 1957), ela assumiu uma importante função como variável independente, configurada conforme a Tabela 1, que descreve variáveis de audiência previstas para controle da compreensão da ironia (Messa, Borloti & Carmelino, 2014). O caráter múltiplo da ironia está relacionado ao controle múltiplo convergente, quando a força de uma resposta é função de mais de uma variável, e ao controle múltiplo divergente, quando uma variável afeta mais de uma resposta (Hübner, Miguel, & Michael, 2005).

Variável dependente

Compreensão. A compreensão da ironia foi inferida de comportamentos do ouvinte emitidos em níveis de profundidade: emoção autorrelatada, repetição verbal da ironia

contida no estímulo irônico e descrição das variáveis que controlaram o comportamento que produziu o estímulo irônico (o nível mais profundo da compreensão; Skinner, 1957).

Materiais

Os materiais e recursos utilizados para coleta de dados foram: (a) equipamentos e acessórios (projektor multimídia, notebook, câmera filmadora, pedestal para apoio da câmera, gravador de voz digital, caixas de som, mesa e cadeiras); (b) 03 cenas audiovisuais, descritas anteriormente; (c) 02 formulários com uma questão dicotômica de apreciação das cenas: pré-vídeo (preenchido pelos participantes antes de assistirem às cenas audiovisuais; Anexo 2), que coleta dados pessoais e avalia como os participantes entendem a ironia de forma geral; e pós-vídeo (preenchido após assistirem às cenas; Anexo 3), que avalia os sentimentos experimentados ao assistirem as cenas (lista de nomes de sentimentos) e responde à questão dicotômica; (d) 01 roteiro de entrevista semiestruturado com sete questões para identificação da função da ironia e tipos de controle que ela exerce em diferentes grupos de pessoas (Anexo 4); (e) lista de nomes de sentimentos (Anexo ?); e (f) protocolos no Microsoft Excel e no programa SPSS 14.0 – *Statistical Package for the Social Sciences* para agrupamento dos dados.

Quando responderam o que sentiram ao assistirem as cenas, buscou-se analisar as suas emoções ao estímulo irônico, sendo a preferência pelo mesmo (i.e., atitude, Guerin, 1994) obtida numa questão dicotômica – dar uma nota de 0 a 10 para as cenas assistidas sendo que 0 corresponde a “não gostei do vídeo” e 10 corresponde a “gostei muito do vídeo” (Anexo 3). De acordo com Otta e Fiquer (2004), esse tipo de pergunta objetivou avaliar o bem-estar do ouvinte.

Procedimento de coleta

Os ouvintes foram agrupados na ordem da numeração dos grupos (G1, G2, G3 e G4), de acordo com a Tabela 1, conduzidos para a sala de pesquisa e orientados a sentarem nas cadeiras dispostas em frente ao projetor e à tela de projeção. Responderam o formulário pré-vídeo e depois assistiram às cenas audiovisuais sobre os três temas, nesta ordem: religião, sexualidade e política. Após, responderam o formulário pós-vídeo e foram entrevistados em grupo, sendo ouvidos por todos os demais. Todo o procedimento foi gravado em áudio e vídeo.

Procedimento de tratamento e análise dos dados

O tratamento e a análise dos dados foram pautados nos cinco passos para a realização de uma análise funcional (Matos, 1999) da compreensão da ironia: (a) identificação e descrição do efeito da ironia emitida pelo falante (i. e., a compreensão do ouvinte); (b) busca de uma relação ordenada entre variáveis ambientais e variáveis comportamentais relacionadas/relevantes a essa compreensão: (i) manipulação de características da audiência: familiaridade, idade e sexo; (ii) análise dos níveis de compreensão: não verbal apropriado, verbal repetido e/ou verbal descritivo de variáveis; e (iii) análise do tema da ironia falada: religião, sexo e política); (c) formulação de predições confiáveis baseadas nas descrições dessas relações (e. g., se as características da audiência mudam, a compreensão da ironia é modificada?); e (d) produção controlada desses efeitos previstos (i. e., a manipulação de audiências produz diferentes tipos de compreensão da ironia?). Os dados qualitativos (e.g., idade, sentimentos e outros) foram digitados em protocolo específico. As sentenças emitidas no grupo experimental foram transcritas, analisadas e interpretadas de acordo com essa análise funcional. Os dados quantitativos foram tabulados no SPSS 14.0. Variáveis nominais ou ordinais foram tratadas de modo descritivo pela frequência absoluta e porcentagem. Os dados quantitativos e qualitativos foram analisados em conjunto.

Resultados e discussão

Dos 12 ouvintes, seis do sexo feminino e seis do masculino; seis adultos entre 27 e 55 anos e seis adolescentes entre 16 e 18 anos; cinco eram casados e sete solteiros, 12 eram não simpatizantes ou não vinculados a um partido político; quatro eram católicos, quatro evangélicos e quatro sem religião. Os grupos 2 e 4 eram de ouvintes não familiares; o 1 e o 3 eram de familiares (ver Tabela 3 no anexo 5).

Para seis a ironia é definida como o contrário do que se expressa ou pensa; para quatro, uma forma de demonstrar contradição; e para dois, de discordar ou emitir uma opinião sem ser direto. As definições de ironia dos ouvintes coincidem com a definição encontrada nos dicionários: “figura pela qual se quer fazer entender o contrário do que se diz” (Berrendonner, 1987, p. 43). Saber definir ironia não necessariamente indica que o ouvinte irá compreender a ironia em qualquer situação. O pré-requisito é fazer parte da comunidade verbal do falante para que ele consequencie (reforce) a emissão de um comportamento irônico (Skinner, 1957; Baptista, Macedo, & Boggio, 2015).

Com relação à autoavaliação, pode-se observar que oito ouvintes não se consideram pessoas irônicas e os mesmos oito acreditam que seus amigos não os consideram assim. Apenas dois dos 12 disseram não saber informar essa questão. Nenhum afirmou que pessoas que convivem esporadicamente com eles os consideram irônicos; e apenas dois se afirmaram irônicos (ver tabela 4). A autoavaliação como irônico se faz importante, pois, segundo Skinner (1974) e Malerbi e Matos (1992), ela informa uma maior ou menor probabilidade de compreender e emitir ironias, pois seu comportamento irônico, em algum momento da sua história de vida, foi reforçado positivamente por uma comunidade verbal que também poderia ser considerada irônica (Fussel e Kreuz, 1998). Com isso, pode-se inferir que os dois ouvintes autoqualificados como irônicos têm potencial para compreender e falar ironias. Ainda que o

comportamento de compreender seja multicausal (Spradlin, 1985; Fonai e Sérió, 2007), esse potencial pode aumentar ou diminuir com essa autoavaliação, porque o simples fato de se observarem irônicos indica como subentendida alguma experiência com ironias em sua história de reforçamento.

Por outro lado, dizer-se irônico pode parecer tanto antipático quanto cínico (Blaser, 1976; Dennis et al. 2012) e isso pode aumentar ou diminuir a probabilidade desses ouvintes se admitirem irônicos publicamente. No estudo de Messa (2012) é demonstrado como profissionais em um tribunal do júri evitam identificar suas ironias como tal, porém, identificam ironia na fala do opositor como forma de realçar o discurso cínico dele. A Tabela 4 demonstra isso claramente, uma vez que a maioria dos ouvintes não se admitiu irônica. Os que se autoavaliaram como irônicos participaram do grupo (G3), de pessoas que se conheciam. Isso pode indicar a maior probabilidade do ambiente amigável favorecer a autoavaliação como falante irônico (Akimoto & Miyazawa, 2011).

Tabela 4

Frequência de respostas dos participantes sobre autoavaliação

Autoavaliação	SIM	NÃO	NÃO SEI INFORMAR
Você se considera uma pessoa irônica?	2	8	2
Os amigos consideram você uma pessoa irônica?	2	8	2
E as pessoas que convivem com você esporadicamente?	-	6	6

Os ambientes mais interessantes e adequados para a emissão de ironia são redes sociais e escola/faculdade; o oposto de trabalho e família. Baptista, Macedo, e Boggio (2015) entendem que a ironia verbal é emitida em contextos sociais cotidianos nos quais é apresentada ao ouvinte uma diversidade de estímulos discriminativos que exercem

função na sua compreensão. As características do ambiente importantes para uma análise funcional do comportamento verbal irônico. Quando aversivas, a probabilidade de emissão de ironia (ou até mesmo de se dispor a servir de audiência para o irônico) diminui consideravelmente (Kumon-Nakamura, Glucksberg, & Brown, 1995; Recchia, Howe, Ross, & Alexander, 2010). Por diminuir essa aversividade, as redes sociais são ambientes propícios para a emissão de comportamento verbal irônico sobre temas controversos porque possibilitam (Ferrara & Yang, 2015): (a) anonimato; (b) contato indireto com uma audiência negativa; e (c) acesso quase que imediato a reforçadores sociais do tipo elogios e congratulações.

Resultados da entrevista pós-vídeos

Os grupos são identificados aqui como G1, G2, G3 e G4 e os ouvintes como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11 e P12. O grupo 1 foi formado por uma mulher e dois homens, adultos, familiares e sem orientação religiosa. O grupo 2, por duas mulheres e um homem, adultos, não familiares e evangélicos. O grupo 3, por três homens, adolescentes, familiares e sem religião; e o grupo 4, por três mulheres, adolescentes, católicas e não familiares.

Quando perguntado aos participantes se entendiam que os vídeos continham conteúdo irônico, todos eles responderam afirmativamente, apontando algumas das consequências produzidas neles como *compreensão*, por exemplo, a graça (“porque foi engraçado” G3/P7) e a crítica ou ridicularização, compreendida como indireta (“porque não são diretos, mas dá pra perceber que querem criticar algo” G4/P10), humorada (“criticam aspectos importantes com um toque humor”, G1/P1) ou maculada, isto é, comprometedoramente sutil da honra ou da reputação de alguém (“a crítica é constante, só que de maneira maculada” G2/P4). Tais respostas podem ser consideradas apropriadas às variáveis de controle do comportamento verbal irônico, como a audiência múltipla, já

que faziam parte de diferentes grupos (Skinner, 1957). Nesse sentido, seu comportamento como ouvinte pode ser considerado verbal na medida em que atende à definição apresentada por Skinner. Assim considerado, uma vez que foi reforçado diante de variáveis análogas às da condição de coleta de dados, voltará a ocorrer.

Todos os ouvintes compreenderam os vídeos assistidos como irônicos. O humor, o deboche e a crítica foram as consequências autoidentificadas, e elas permitem inferir uma compreensão adequada da ironia. Pode-se concluir pelas respostas que essas consequências são variáveis importantes para a identificação da ironia no comportamento verbal do falante, para além do aspecto de dizer o contrário dos fatos. Os ouvintes dos grupos 1, 2 e 4 responderam com afirmativas diretas, com autoclítico descritivo do tipo III (*eu concordo*), que descreve as relações entre um operante básico (intraverbal) e um evento ambiental/comportamental (os vídeos assistidos) (“Sim, concordo. São debochados quando falam sobre as coisas” G1/P2; “Também concordo. Eles são debochados ao falarem dos temas” G2/P6). Já os do grupo 3 emitem autoclítico descritivo do tipo II que indica o estado de força fraca da resposta (*eu acho*), ou seja, pode indicar alguma dúvida na compreensão (“Acho que sim. Porque foi engraçado” G3/P7).

Dos 12 participantes, 6 atribuíram nota 9 de preferência ao vídeo sobre religião. Ao tema política, 6 participantes atribuíram nota 10. Ao tema sexualidade, 6 participantes atribuíram nota 10. Apenas 3 participantes do grupo 4 (sexo feminino e cristãs) atribuíram nota 1 ao tema religião, nota 7 ao tema política e nota 4 ao tema sexualidade. Esse foi o grupo que atribuiu menor nota aos temas irônicos das cenas (“Achei um pouco pesado o vídeo da religião só. Mas os outros achei legal” P10; “Acho que brincar com Deus nunca é legal. Mas os outros foram engraçados” P11; “Concordo. Também acho que o da religião ficou meio estranho” P12). O fato de se identificarem

positivamente com a religião e, em contrapartida, da cena audiovisual sobre o tema ter conteúdo debochado e sarcástico, pode ter levado as participantes a experimentarem sentimentos aversivos e terem compreendido a ironia como falta de respeito e ofensa.

Percebe-se que os sentimentos mais experimentados pelos participantes foram: interesse (9), alegria (9), frustração (8), tristeza (3) e raiva (3). Os sentimentos de tristeza e raiva foram experimentados apenas pelo grupo 4. O efeito da ironia no comportamento da maioria dos participantes foi reforçador positivo, como pode ser comprovado pelos comentários sobre a emissão de ironia ao falar sobre os temas religião, política e sexualidade: “Não vejo problema com relação a isso. Acho até interessante esse tipo de crítica” (G1/P1); “Acho legal, interessante. Uma forma inteligente de abordar temas tão controversos” (G2/P4); “Acho interessantíssimo. Me gusta (risos)” (G2/P5); “Também achei massa, engraçado” (G3/P9). No geral, foi comum a autoidentificação com quem seriam outros ouvintes que mais gostariam dos vídeos: “Gente como a gente! (risos). Pergunta difícil essa! Acho que pessoas bem humoradas” (G1/P1); “É...pessoas com senso de humor, né! Que não têm problema em ouvir algo diferente do que pensam. Acho que é isso” (G2/6); “Ah, não sei. Acho que pessoas que gostam de uma zoação” (G3/P7); “Depende. Se a pessoa não for religiosa ou não acreditar em Deus. Pode ser que ela goste do vídeo da religião” (G4/P10); “É...também acho. Porque quem acredita nessas coisas [em Deus] acho que ia ficar chateado e até ofendido com o vídeo da religião. Mas quem não liga pra isso, acha graça mesmo!” (G4/P12). Sempre que os ouvintes nos grupos 1, 2 e 3 respondiam à pergunta sobre características desses outros ouvintes que iriam gostar mais dos vídeos, a frequência do comportamento de rir e do levantar as sobrancelhas aumentava consideravelmente. Com um efeito parecendo contagiante ao grupo, gestos, expressões faciais e movimentos corporais são parte fundamental para a compreensão da ironia

pelo grupo e são reproduzidas pelos seus ouvintes, quando no papel de falantes para se fazerem entender aos demais do grupo, seus iguais (Anolli, Ciceri, & Infantino, 2000; Regel, Coulson, & Gunter, 2010, Amenta, Noël, Verbanck, & Campanella, 2012; Filik, Hunter, & Leuthold, 2015).

De acordo com Filik, Hunter, e Leuthold (2015), a linguagem pode evocar respostas emocionais intensas, tanto no falante quanto no ouvinte. Essa evocação pode ser observada neste estudo, quando estímulos irônicos eliciaram uma gama diversificada e intensa de sentimentos possivelmente em função das características múltiplas da audiência. Assim, os sentimentos dos ouvintes deste estudo podem ser considerados uma parte dos efeitos que a ironia produziu neles. Além dos estímulos irônicos evocarem as respostas verbais descritas anteriormente, eliciaram/evocaram eventos privados/encobertos inferidos sua descrição de preferência pelas ironias (i.e, atitude; Guerin, 1994). Se Filik, Hunter e Leuthold fossem analistas do comportamento, eles diriam que, como operação estabelecadora, esses eventos têm função de controlar o continuar à responder à ironia, o esquivar-se dela ou o ignorá-la.

É importante salientar que a história de reforçamento de cada ouvinte deste estudo em sua cultura (comunidade verbal) é a variável fundamental na explicação da compreensão do comportamento verbal em geral, incluindo o irônico (Cornejol, Simonetti, Aldunate, Ibáñez, López, e Melloni, 2007; Conceição, Passos, & De Rose, 2015). O grupo 4, composto por três adolescentes católicas, ilustra bem o efeito dessa variável. Pode-se inferir que especificidades da história dessas participantes numa cultura religiosa expliquem porque o vídeo com tema religioso não as agradou, já que, segundo sua opinião, “utilizar” ironia com relação à religião é *pesado, estranho, nunca é legal*.

Em todos os grupos os ouvintes afirmaram que pessoas com *fanatismo religioso* e *intolerância com relação à discussão sobre gêneros* são as que provavelmente afirmariam não gostar dos vídeos. O padrão de resposta de descrição dessas pessoas repetiu algumas propriedades: “Ah! Fanáticos religiosos, com certeza [risos]”, G1/P1; “(...) Gente que não tem muita paciência pra esse tipo de brincadeira e pode achar que é uma afronta. Tipo pessoas muito religiosas, enfim”, G2/P4; “Acho que pessoas muito religiosas não iriam gostar de assistir esse vídeo da religião não!”, G3/P9; “Nossa! Acho que pessoas religiosas. Eu mesma acredito muito em Deus e achei meio pesado esse da religião. A do casal também, mas foi menos”, G4/P10. Suas risadas ou seu levantar das sobrancelhas a essa questão pode ser um exemplo de consequência reforçadora para o falante irônico, pois demonstram compreensão da ironia no sentido mais profundo das variáveis contextuais de sua emissão (Skinner, 1957). Como resultado disso, provavelmente, o falante dos vídeos estabelecerá ou manterá seu comportamento verbal de produzir ironias em contextos similares, mantendo a prática cultural de disseminar ironias humorísticas como profissão. A consequência mediada pelo ouvinte, e captada como dado deste estudo, ainda que seja apenas por gestos, expressões faciais com risos ou sorrisos, se caracteriza como comportamento verbal, pois tem um significado explícito para o falante ao funcionar como reforço positivo no episódio verbal da comunicação humorística. Sendo verbal, o comportamento de compreensão dos ouvintes deste estudo, como análogo da audiência na rede mundial de computadores, controla o comportamento do falante irônico, e vice-versa.

A variação nas características dos participantes dos grupos é um dado importante quando se fala em audiência múltipla, variável fundamental para a produção e compreensão do comportamento verbal irônico. A configuração de audiência múltipla foi proposital justamente para verificar se a topografia e a função das respostas

modificariam em função dessa multiplicidade. Isso pode ser observado claramente nesse estudo. Ao serem indagados sobre qual a mensagem final que cada cena audiovisual pareceu transmitir, os participantes confirmam que houve compreensão da ironia, contudo, não foi todo tipo de ironia que foi bem aceita por eles. Aqueles que se sentiram “vítimas” (grupo 4) da ironia responderam de forma a se defenderem do contexto sarcástico/debochado da ironia (“Posso falar o que achei mesmo? [risos] Pra mim a mensagem foi: “deixem o cu dos outros em paz” [risos]” G1/P1 - sobre sexualidade; “É...acho que a mensagem foi a de criticar quem acredita em Jesus” G4/P10 – sobre religião; “Que os políticos sambam na nossa cara com nosso dinheiro [risos]” G2/P6 – sobre política).

Isto tem relação com os achados de Bowes e Katz (2011), para quem o sarcasmo (que é a ironia do tipo deboche), por vezes, tem a função de diminuir ou aumentar a negatividade inerente ao contexto. Segundo eles, os ouvintes que se sentem “vítimas” de discurso sarcástico costumam relatar que esse tipo de comportamento verbal é agressivo. Isso pode gerar respostas de “defesa” ou de “ataque” do “agressor”. Isto explica porque os ouvintes deste estudo definiram o falante que emite ironia com função sarcástica (quando se tem a intenção de menosprezar/zombar) como *cruel e maldoso*. Opostamente, quando a função da ironia foi convencer (vencer completamente; confundir um adversário), o irônico foi definido como *inteligente e estratégico*; quando a ironia teve função de humor (quando se tem a intenção de fazer rir), ele foi definido como *divertido e legal* (ver Tabela 6, anexo 7). Isto corrobora a conclusão de Jorgensen (1996): a ironia sarcástica é “utilizada” geralmente para criticar e debochar o ouvinte “vítima”, que tem maior probabilidade de compreendê-la como algo rude e agressivo.

Este dado empírico se soma aos apresentados por Spradlin (1985) sobre a importância de estudos com audiências diversificadas de modo a demonstrar como essa

variável contribui para modificar o comportamento tanto do falante quanto do ouvinte. Características semelhantes ou diferentes em uma audiência podem contribuir para modificar o comportamento verbal do próprio ouvinte. Isso pode ser observado neste estudo especialmente com relação ao padrão de resposta dos participantes do grupo 4, no qual semelhanças na idade e na orientação religiosa fizeram com que as respostas fossem parecidas no sentido da negatização do vídeo sobre religião. Ainda pode-se observar que os participantes do grupo 2, também com semelhanças de idade e orientação religiosa, apresentaram padrões de resposta mais positivos com relação ao conteúdo irônico dos vídeos. Fica claro, então, que as nuances nas respostas dos participantes com relação a sentimentos e à compreensão da ironia verbal testificam efeitos de variações de respostas que um estímulo verbal irônico pode gerar em audiências múltiplas.

Conclusão

Este estudo mostrou que participantes familiares compreenderam a ironia de formas parecidas, inclusive, apresentaram reações emocionais semelhantes (tanto positivas quanto aversivas). Participantes não familiares e com a mesma orientação religiosa, mas, com idades diferentes compreenderam a ironia de formas diferentes em dois grupos distintos, um deles todos os participantes relataram experimentar sentimentos aversivos. Todos os participantes relataram compreender a ironia com relação à política, porém, relataram sentimentos aversivos não com relação à ironia em si, mas, com a situação política atual.

Conclui-se que a ironia é um comportamento verbal multifuncional. Isso significa que o falante pode emitir ironia com diversas funções entre elas a de humor,

sarcasmo ou apenas para convencer o ouvinte. A audiência múltipla é uma variável importante no controle também da compreensão da ironia, uma vez que o irônico tem para toda ironia que emite um ouvinte “vítima” e um “aliado” que faz parte do ambiente reforçador do falante (Skinner, 1957). É nessa triangulação que a comunidade reforça o dizer o contrário daquilo que realmente se quer dizer (Paiva, 1961), e faz isso em diferentes funções operantes sob controle, em geral, múltiplo (Messa, Borloti & Carmelino, 2014). Portanto, contexto que propicia a emissão da ironia tem a característica peculiar de apresentar audiência múltipla. Quando o falante emite ironia, ele responde desta maneira sob controle de um estímulo ao “aliado”, a audiência que faz parte da sua história como falante. A outra audiência será a “vítima” da ironia; aquela que sofrerá as consequências irônicas (i. e., ridicularização). Para haver compreensão desse tipo de comportamento verbal é necessário mais de uma variável influenciando o comportamento do ouvinte para que este possa ser, de fato, uma audiência qualificada para a compreensão.

Referências Bibliográficas

- Abreu, P. R., & Hübner, M. M. C. (2012). O comportamento verbal para B. F. Skinner e para S. C. Hayes: Uma síntese com base na mediação social arbitrária do reforçamento. *ACTA Comportamentalia*, 2, 367-381.
- Akimoto, Y., & Miyazawa, S. (2011). What factors play a role in a listener's feelings evoked by irony?: the effect of listeners' personality traits and relationship with the speaker. *Shinrigaku Kenkyu*. 82. 370-8.
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sérgio, T. M. de A. P. (2005). A análise de fenômenos sociais: esboçando uma proposta para a identificação de

- contingências entrelaçadas e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 149-165.
- Angeleri, R., & Airenti, G. (2014). The development of joke and irony understanding: A study with 3- to 6-year-old children. *Canadian Journal of Experimental Psychology*. 68, 133-146.
- Anolli, L., Ciceri, R., & Infantino, M. G. (2000). Irony as a game of implicitness: acoustic profiles of ironic communication. *Journal of Psycholinguist Research*. 29, 275-311.
- Anolli, L., Ciceri, R., & Infantino, M. G. (2002). Behind dark glasses: irony as a strategy for indirect communication. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*. 128, 76-95.
- Amenta, S., Noël, X., Verbanck, P., & Campanella S. (2013). Decoding of emotional components in complex communicative situations (irony) and its relation to empathic abilities in male chronic alcoholics: an issue for treatment. *Alcoholism, Clinical and Experimental Research*. 37, 339-347.
- Baptista, N., Macedo, E. C., & Boggio, P. S. (2015). Looking more and at different things: Differential gender eye-tracking patterns on an irony comprehension task. *Psychology & Neuroscience*. 8, 157-167.
- Berrendonner, A. (1987). *Elementos de pragmática linguística*. Buenos Aires: Gedisa Editorial.
- Blaser, A. (1976). Irony and cynicism as forms of defense. *Confin Psychiatric Journal*. 19, 80-88.
- Borloti, E., Calixto, F. C., & Haydu, V. B. (2013). Análise comportamental de discurso de um livro de autoajuda. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 4, 92-105.

- Bowes, A., & Katz, A. (2011). When sarcasm stings. *Discourse Processes*. 48, 215-236.
- Bryant, G. A., & Tree, J. E. F. (2015). Is there an Ironic Tone of Voice? *Language and Speech*. 48, 257-277.
- Caillies, S., Bertot, V., Motte, J., Raynaud, C., & Abely, M. (2014). Social cognition in ADHD: irony understanding and recursive theory of mind. *Research in Developmental Disabilities*. 35, 3191-3198.
- Caillies, S., Hody, A., & Calmus, A. (2012). Theory of mind and irony comprehension in children with cerebral palsy. *Research Development Disabilities*. 33, 1380-1388.
- Cocco, R., & Ervas, F. (2012). Gender Stereotypes and Figurative Language Comprehension. *Journal of Philosophical Studies*. 22, 43–56.
- Cornejol, C., Simonetti, F., Aldunate, N., Ibáñez, A., López, V., & Melloni L. (2007). Electrophysiological evidence of different interpretative strategies in irony comprehension. *Journal of Psycholinguist Research*. 36, 411-30.
- Conceição, D. B., Passos, M. L. R. F., & De Rose, J. C. C. (2015). O Ensino de Leitura em Bloomfield e na Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*. 6, 002-023.
- Dahás, L. J. S., Goulart, P. R. K., & Souza, C. B. A. (2008). Pode o comportamento do ouvinte ser considerado verbal? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 281-291.
- Dennis, M., Simic, N., Agostino, A., Taylor, G., Bigler, E. D., Rubin, K., Vannatta, K., Gerhardt, C. A., Stancin, T., & Yeates, K. O. (2012). Irony and Empathy in Children With Traumatic Brain Injury. *Journal of the International Neuropsychological Society*. 19, 1–11.

- Dynel, M. (2014). Linguistic approaches to (non)humorous Irony. *Humor*, 27, 537–550.
- Fein, O, Yeari, M., & Giora, R. (2015). On the priority of salience-based interpretations: The case of irony. *Intercultural Pragmatics*, 12, 1-32.
- Ferrara, E., & Yang, Z. (2015). Measuring Emotional Contagion in Social Media. *Plos One*, 10, 1-14.
- Filik, R., Hunter, C. M., & Leuthold, H. (2015). When language gets emotional: Irony and the embodiment of affect in discourse. *Acta Psychologica*, 156, 114–125.
- Fryling, M. J. (2013). Constructs and Events in Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 157–165.
- Fryling, M. J., & Hayes, S. C. (2015). Similarities and Differences Among Alternatives to Skinner’s Analysis of Private Events. *The Psychological Record*, 65, 579–587.
- Fonai, A. C. V., & Sérgio, T. M. A. P. (2007). O conceito de audiência e os múltiplos controles do comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 349-360.
- Fussel, S. R., & Kreuz, R. J. (1998). Social Cognitive Approaches to Interpersonal Communication. *The Electronic Journal for English as a Second Language*, 4, 220-298.
- Gibbs, R. W. (2000). Emotional reactions to verbal irony. *Discourse Processes*, 29, 1-24.
- Greer, R. D., & Longano, J. (2010). Naming a rose: How we may learn to do it. *The Analysis of Verbal Behavior*, 26, 73 -106.

- Guerin, B. (1994). Attitudes and Beliefs as Verbal Behavior. *The Behavior Analyst*, 17, 155-163.
- Hayes, S.C., Blackledge, J. T., & Barnes-Holmes, D. (2001). Language and cognition: constructing an alternative approach within the behavioral tradition. In: S. C. Hayes, D. Barnes-Holmes, & B. Roche (Eds). *Relational frame theory: A post-skinnerian account of human language and cognition* (pp. 3-20). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Hayes, S. C., & Hayes, L. J. (1989). The verbal action of the listener as a basis for rule-governance. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 153-190). New York: Plenum.
- Hübner, M. M. C., Miguel, C. F., & Michael, J. (2005). Controle múltiplo no comportamento verbal: humor brasileiro e operantes relacionados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 1-14.
- Hutcheon, L. (1992). The complex functions of irony. *Revista Canadiense de Estudios Hispânicos*, 16, 219-234.
- Jorgensen, J. (1996). The functions of sarcastic irony in speech. *Journal of Pragmatics*, 26, 613-634.
- Kumon-Nakamura, S., Glucksberg, S., & Brown, M. (1995). How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony. *Journal of Experimental Psychology General*, 124, 3-21.
- Kobari-wright, V. V., & Miguel C. (2014). The effects of listener training on the emergence of categorization and speaker behavior in children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 47, 431–436.

- Langdon, R., & Coltheart M. (2004). Recognition of metaphor and irony in young adults: the impact of schizotypal personality traits. *Psychiatry Research*. 30, 9-20.
- Leigland, S. (2014), Contingency horizon: on private events and the analysis of behavior. *The Behavior Analyst*. 37, 13-24.
- Li, J. P., Law, T., Lam, G. Y., & To, C. K. (2013). Role of sentence-final particles and prosody in irony comprehension in Cantonese-speaking children with and without Autism Spectrum Disorders. *Clinical, Linguistics & Phonetics*. 27, 18-32.
- Lowenkron, B. (2004). Meaning: A Verbal Behavior Account. *The Analysis of Verbal Behavior*. 20, 77-97.
- Malerbi, F. E. K., & Matos, M.A. (1992). A análise do comportamento verbal e a aquisição de repertórios autodescritivos de eventos privados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 8, 407-421.
- Marr, M. J. (2011). Some public comments on private events. *European Journal of Behavior Analysis*. 12, 447-459.
- Matos, M.A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Revista Estudos de Psicologia*. 16, 8-18.
- Messa, L. C. S. (2012). Ironia verbal: do conceito skinneriano à análise do discurso jurídico irônico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Messa, L. C. S, Borloti, E., & Carmelino, A. C. (2014). Linguistics and Behaviour Analysis in the Functional Conceptualization of Verbal Irony. *European Journal of Child development, Education and Psychopathology*. 2, 97-121.

- Mo, S., Su, Y., Chan, R. C., & Liu J. (2008). Comprehension of metaphor and irony in schizophrenia during remission: the role of theory of mind and IQ. *Psychiatry Research*. 157, 21-9.
- Moore, J. (2009). Why the radical behaviorist conception of private events is interesting, relevant, and important. *Behavior and Philosophy*. 37, 21–37.
- Monetta, L., Grindrod, C. M., & Pell, M. D. (2009). Irony comprehension and theory of mind deficits in patients with Parkinson's disease. *Cortex*. 45, 972-81.
- Otta, E., & Fiquer, J. T. (2004). Bem-estar subjetivo e regulação de emoções *Psicologia em Revista*. 10, 144-149.
- Paiva, M., H., N. (1961). Contribuição para uma estilística da ironia. Centro de estudos filológicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Palmer, D. C. (2009). The role of private events in the interpretation of complex behavior. *Behavior and Philosophy*. 37, 3–19.
- Parrott L.J. (1984). Listening and understanding. *The Behavior Analyst*. 7, 29–39.
- Pexman, P. M., & Zvaigzne, M. T. (2004). Does irony go better with friends? *Metaphor and Symbol*. 19, 143-163.
- Rapp, A. M., Langohr, K. E., Mutschler, D., & Wild, B. (2014). Irony and proverb comprehension in schizophrenia: do female patients “dislike” ironic remarks? *Schizophrenia Research and Treatment*. 1-11.
- Recchia, H. E., Howe, N., Ross, H. S., & Alexander, S. (2010). Children's understanding and production of verbal irony in family conversations. *Journal of Development Psychology*. 28, 255-74.
- Regel, S., Coulson, S., & Gunter, T. C. (2010). The communicative style of a speaker can affect language comprehension? ERP evidence from the comprehension of irony. *Brain Research*. 1311, 121 – 135.

- Reyes, A., Rosso, P., & Vealy, T. (2013). A multidimensional approach for detecting irony in Twitter. *Language Resources and Evaluation*. 47, 239–268.
- Rockwell, P. (2000). Lower, Slower, Louder: Vocal Cues of Sarcasm. *Journal of Psycholinguistics Research*, 10, 483-495.
- Schlinger H.D. (2008). Conditioning the behavior of the listener. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*. 8, 309–322.
- Souza, N. M., Souza, C. B. A., & Gil, M., S., C., A. (2013). Aprendizagem Rápida de Comportamento de Ouvinte por um Bebê. *Interação Psicologia*, Curitiba, 17, p. 67-7.
- Spradlin, J. E. (1985). Studying the effects of the audience on verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*. 3, 5-9.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Applenton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). *About Behaviorism*. London, Jonathan Cape.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus: Merrill.Vandeberg, L., Eerland, A., & Zwaan, R. A. (2012). Out of mind, out of sight: language affects perceptual vividness in memory. *PLoS One*. 7, 36-54.
- Vargas E. A. (2013). The Importance of Form in Skinner’s Analysis of Verbal Behavior and a Further Step. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 167–183.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da ironia pela Análise do Comportamento não é algo simples. Por esse motivo, a execução desta tese foi difícil e cheia de obstáculos. Primeiro pela escassez de estudos nesta área de análise e segundo pela complexidade linguística e funcional da ironia em si. Muitos estudos em outras áreas do conhecimento (como Linguística e

Psicologia cognitiva) foram realizados fazendo com que um apanhado geral fosse necessário para, só então, compreender como a análise do comportamento daria conta de estudar a produção e a compreensão do comportamento verbal irônico.

A partir dos achados da presente tese, existem possibilidades de estudos tanto teórico-conceituais quanto empíricos e até mesmo experimentais na explicação comportamental da produção e compreensão da ironia.

Os quatro estudos apresentados nesta tese se complementam e demonstraram que a partir do discurso de Skinner sobre ironia, a compreensão do ouvinte se dá basicamente pela definição de dois elementos: controle múltiplo e do tato do contrário. A produção da ironia também está diretamente ligada com uma das suas características mais importantes: o controle múltiplo pela audiência (envolvendo a ridicularização, humor incompreensão, inadequação e revolta). A partir desse controle múltiplo, o irônico modifica o seu próprio comportamento verbal irônico. A ironia foi compreendida como um comportamento operante multifuncional, por esse motivo a complexidade de sua análise deve ser considerada.

Muitas limitações existiram e ainda existem para o estudo da ironia pela Análise do Comportamento, no entanto, o produto final dos estudos aqui compilados e apresentados deve servir para contribuição de novas pesquisas na área sobre esse tema tão intrigante e presente no dia a dia das pessoas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, P. R., & Hübner, M. M. C. (2012). O comportamento verbal para B. F. Skinner e para S. C. Hayes: Uma síntese com base na mediação social arbitrária do reforçamento. *ACTA Comportamental*, 2, 367-381.

- Adorno, C. T. (2006). A ironia no romance quase memória de Carlos Heitor Cony. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 127.
- Angeleri, R., & Airenti, G. (2014). The development of joke and irony understanding: A study with 3- to 6-year-old children. *Canadian Journal of Experimental Psychology*. 68, 133-146.
- Akimoto, Y., & Miyazawa, S. (2011). What factors play a role in a listener's feelings evoked by irony?: the effect of listeners' personality traits and relationship with the speaker. *Shinrigaku Kenkyu*. 82(4), 370-8.
- Amenta, S., Noël, X., Verbanck, P. & Campanella, S. (2013). Decoding of emotional components in complex communicative situations (irony) and its relation to empathic abilities in male chronic alcoholics: an issue for treatment. *Alcohol Clinic Experimental Research*. 37(2), 339-47.
- Anastácio-Pessana, F. L., Almeida-Verdu, A. C. M., Bevilacqua, M. C., & Souza, D. G. (2015). Usando o Paradigma de Equivalência para Aumentar a Correspondência na Fala de Crianças com Implante Coclear na Nomeação de Figuras e na Leitura. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 28, 365-377.
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. de A. P. (2005). A análise de fenômenos sociais: esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 149-165.
- Anolli, L., Ciceri, R., & Infantino, M. G. (2000). Irony as a game of implicitness: acoustic profiles of ironic communication. *Journal of Psycholinguist Research*. 29(3), 275-311.

- Anolli, L., Ciceri, R., & Infantino, M. G. (2002). Behind dark glasses: irony as a strategy for indirect communication. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*. 128, 76-95.
- Bandini, C. S. M., & De Rose, J. C. C. (2010). Chomsky e Skinner e a polêmica sobre a geratividade da linguagem. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7, 20-42.
- Baptista, N., Macedo, E. C., & Boggio, P. S. (2015). Looking more and at different things: Differential gender eye-tracking patterns on an irony comprehension task. *Psychology & Neuroscience*. 8, 157-167.
- Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- Blaser, A. (1976). Irony and cynicism as forms of defense. *Confín Psychiatric Journal*. 19, 80-88.
- Berrendonner, A. (1987). *Elementos de pragmática linguística*. Buenos Aires: Gedisa Editorial.
- Borloti, E. (2003). *O discurso de Skinner: uma análise funcional do citar no Verbal Behavior*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Borloti, E., Calixto, F. C., & Haydu, V. B. (2013). Análise comportamental de discurso de um livro de autoajuda. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 4, 92-105.
- Borloti, E., Haydu, V. B., Rafihi-Ferreira, R. E., & Fornazari, S. A. (2012). Análise comportamental do discurso: uma entrevista com uma paciente oncológica. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2, 102-116.
- Borloti, E., & Hübner, M. M. C. (2010). O Autoclítico e a Construção Verbal. In: Hübner, M.M.C.; Garcia, M.R.; Abreu, P.R.; Cillo, E.N.P.; & Faleiros, P.B..

- (Org.). Sobre Comportamento e Cognição: AEC, cultura, questões conceituais e filosóficas.. (Org.). Santo Andre: ESETEC. 25, 279-287.
- Borloti, E. Iglesias, A., Dalvi, M. C., & Silva, R. D. M. (2008). Análise Comportamental do Discurso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 101-110.
- Bowes, A., & Katz, A. (2011). When sarcasm stings. *Discourse Processes*. 48, 215-236.
- Brait, B. (1996). Ironia em perspectiva polifônica. Editora da UNICAMP. 419.
- Bryant, G. A., & Tree, J. E. F. (2015). Is there an Ironic Tone of Voice? *Language and Speech*. 48, 257-277.
- Caillies, S., Bertot, V., Motte, J., Raynaud, C., & Abely, M. (2014). Social cognition in ADHD: irony understanding and recursive theory of mind. *Research in Developmental Disabilities*. 35, 3191-3198.
- Calmus, A., & Caillies, S. (2014). Verbal irony processing: how do contrast and humour correlate? *International Journal of Psychology*. 49, 46-50.
- Caillies, S., Hody, A., & Calmus, A. (2012). Theory of mind and irony comprehension in children with cerebral palsy. *Research Development Disabilities*. 33, 1380-1388.
- Cocco, R., & Ervas, F. (2012). Gender Stereotypes and Figurative Language Comprehension. *Journal of Philosophical Studies*. 22, 43-56.
- Cornejol, C., Simonetti, F., Aldunate, N., Ibáñez, A., López, V., & Melloni L. (2007). Electrophysiological evidence of different interpretative strategies in irony comprehension. *Journal of Psycholinguist Research*. 36, 411-30.
- Conceição, D. B., Passos, M. L. R. F., & De Rose, J. C. C. (2015). O Ensino de Leitura em Bloomfield e na Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*. 6, 002-023.

- Dahás, L. J. S., Goulart, P. R. K., & Souza, C. B. A. (2008). Pode o comportamento do ouvinte ser considerado verbal? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 281-291.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do Conhecimento Científico*. Atlas, São Paulo.
- Dennis, M., Simic, N., Agostino, A., Taylor, G., Bigler, E. D., Rubin, K., Vannatta, K., Gerhardt, C. A., Stancin, T., & Yeates, K. O. (2012). Irony and Empathy in Children With Traumatic Brain Injury. *Journal of the International Neuropsychological Society*, 19, 1–11.
- Derusso, A. L., Fan, D., Gupta, J., Shelest, O., Costa, R. M., & Yin, H. H. (2010). Instrumental uncertainty as a determinant of behavior under interval schedules of reinforcement. *Frontiers in Integrative Neuroscience*, 28, 1-8.
- Dougher, M. J. (1993). Interpretative and hermeneutic research methods in the contextualistic analysis of verbal behavior. In S. C. Hayes, H. W. Reese, & T. R. Sarbin (Eds.). *Varieties of Scientific Contextualism* (pp. 147-159). Reno, NV: Context Press.
- Dynel, M. (2014). Linguistic approaches to (non)humorous Irony. *Humor*, 27, 537–550.
- Eby, C., Greer, D., Tullo, L., Baker, K., & Pauly, R. (2010). Effects of multiple exemplar instruction on transformation of stimulus function across written and vocal spelling responses by students with autism. *The Journal of Speech Language Pathology and Applied Behavior Analysis*, 5, 20-31.
- Eisterhold, J., Attardo, S., & Boxer, D. (2006). Reactions to irony in discourse: evidence for the least disruption principle. *Journal of Pragmatics*, 38, 1239–1256.

- Eikeseth, S., & Smith, D. P. (2013). An Analysis of Verbal Stimulus Control in Intraverbal Behavior: Implications for Practice and Applied Research. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 125–135.
- Esch, J. W., Mahoney, A. M., Kestner, K. M., LaLonde, K. B., & Esch, B. E. (2013). Echoic and Self-Echoic Responses in Children. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 117–123.
- Fein, O, Yeari, M., & Giora, R. (2015). On the priority of salience-based interpretations: The case of irony. *Intercultural Pragmatics*, 12, 1-32.
- Ferrara, E., & Yang, Z. (2015). Measuring Emotional Contagion in Social Media. *Plos One*, 10, 1-14.
- Ferster, C.B., & Skinner, B.F. (1957). Schedules of reinforcement. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Fidalgo, A. P., Banaco, R. A. (2014). O estudo do comportamento verbal no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30, 347-355.
- Filippova, E., & Astington, J, W. (2008). Further development in social reasoning revealed in discourse irony understanding. *Child Development*, 79(1), 126-38.
- Filik, R., Hunter, C. M., & Leuthold, H. (2015). When language gets emotional: Irony and the embodiment of affect in discourse. *Acta Psychologica*, 156, 114–125.
- Fryling, M. J. (2013). Constructs and Events in Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 157–165.
- Fryling, M. J., & Hayes, S. C. (2015). Similarities and Differences Among Alternatives to Skinner’s Analysis of Private Events. *The Psychological Record*, 65, 579–587.

- Fonai, A. C. V., & Sério, T. M. A. P. (2007). O conceito de audiência e os múltiplos controles do comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 349-360.
- Fussel, S. R., & Kreuz, R. J. (1998). Social Cognitive Approaches to Interpersonal Communication. *The Electronic Journal for English as a Second Language*, 4, 220-298.
- Fujita, M. S. L. (2004). A leitura Documentária na Perspectiva de suas Variáveis: leitor-texto-contexto. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, 5.
- Gibbs, R. W. (1986). On the Psycholinguistics of Sarcasm. *Journal of Experimental Psychology*, 115, 3-15.
- Gibbs Jr. R. W., Bryant, G. A., & Colston, H. L. (2014). Where is the humor in verbal irony? *International Journal of Humor Research*, 27, 575–595.
- Greer, R. D., & Longano, J. (2010). Naming a rose: How we may learn to do it. *The Analysis of Verbal Behavior*, 26, 73 -106.
- Glenberg, A. M., Webster, B. J., Mouilso, E., Havas, D., & Lindeman, L. M. (2009). Gender, emotion, and the embodiment of language comprehension. *Emotion Review*, 1, 151-161.
- Glenwright, M., & Pexman, P. M. (2010). Development of children's ability to distinguish sarcasm and verbal irony. *Journal of Child and Language*, 37(2), 429-51.
- Guerin, B. (1994). Attitudes and Beliefs as Verbal Behavior. *The Behavior Analyst*, 17, 155-163.
- Gross A, C., Fuqua R. W., & Merritt T, A. (2013). Evaluation of verbal behavior in older adults. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 85-99.

- Hayes, S.C., Blackledge, J. T., & Barnes-Holmes, D. (2001). Language and cognition: constructing an alternative approach within the behavioral tradition. In: S. C. Hayes, D. Barnes-Holmes, & B. Roche (Eds). *Relational frame theory: A post-skinnerian account of human language and cognition* (pp. 3-20). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Hayes, S. C., & Hayes, L. J. (1989). The verbal action of the listener as a basis for rule-governance. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 153-190). New York: Plenum.
- Hübner, M. M. C., Miguel, C. F., & Michael, J. (2005). Controle múltiplo no comportamento verbal: humor brasileiro e operantes relacionados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. 1, 1-14.
- Hübner, M. M. C., Austin, J., & Miguel, C. F. (2008). Effects of praising qualifying autoclitics on the frequency of reading. *The Analysis of Verbal Behavior*. 24, 55-62.
- Hübner, M. M. C.; Borloti, E.; Almeida, P.; & Cruvinel, A. C. (2012) Linguagem. In Hübner, M. M. C.; & Moreira, M. B. *Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Hutchens, E. N. (1960). The Identification of Irony. *English Literary History*, 27, 352-363.
- Hutcheon, L. (1992). The complex functions of irony. *Revista Canadiense de Estudios Hispânicos*, 16, 219-234.
- Hunziker, M. H. L. (2011). Afinal, o que é controle aversivo? *Acta Comportamentalia*. 19, 9-19.
- Ishida, Y., & Abe, J. (2010). Is the victim of irony identified by echoic mention? *Shinrigaku Kenkyu*. 80, 485-93.

- Ivanko, S. L., & Pexman, P. M. (2003). Context incongruity and irony processing. *Discourse Process*, 35, 241–279.
- Ivanko, S. L., Pexman, P. M., & Olineck, K. M. (2004). How Sarcastic Are You? *Journal of Language and Social Psychology*, 23, 244-271.
- Jorgensen, J. (1996). The functions of sarcastic irony in speech. *Journal of Pragmatics*, 26, 613-634.
- Kisamore, A. N., Karsten, A. M., Mann, C. C., & Conde, K. A. (2013). Effects of a Differential Observing Response on Intraverbal Performance of Preschool Children: A Preliminary Investigation. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 101–108.
- Kreuz, R. J., & Glucksberg, S. (1989). How to be sarcastic: The echoic reminder theory of verbal irony. *Journal of Experimental Psychology: General*, 118(4), 374-386.
- Kreuz, R. J., Kassler, M. A., Coppentrath, L., & McLain, A.B. (1999). Tag Questions and Common Ground Effects in the Perception of irony. *Journal of Pragmatics*, 31, 1685-1700.
- Kobari-wright, V. V., & Miguel C. (2014). The effects of listener training on the emergence of categorization and speaker behavior in children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 47, 431–436.
- Koehler-Platten K., Grow L. L., Schulze K. A., & Bertone T. (2013). Using a lag reinforcement schedule to increase phonemic variability in children with autism spectrum disorders. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 71-83.
- Kumon-Nakamura, S., Glucksberg, S., & Brown, M. (1995). How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony. *Journal of Experimental Psychology General*, 124, 3-21.

- Langdon, R., & Coltheart M. (2004). Recognition of metaphor and irony in young adults: the impact of schizotypal personality traits. *Psychiatry Research*. 30, 9-20.
- Laraway, S., Snyckerski, S., Olson, R., Becker, B., & Poling, A. (2014). The Motivating Operations Concept: Current Status and Critical Response. *Psychological Record*. 64. 601-623.
- Leigland, S. (2014), Contingency horizon: on private events and the analysis of behavior. *The Behavior Analyst*. 37, 13-24.
- Li, J. P., Law, T., Lam, G. Y., & To, C. K. (2013). Role of sentence-final particles and prosody in irony comprehension in Cantonese-speaking children with and without Autism Spectrum Disorders. *Clinical, Linguistics & Phonetics*. 27, 18-32.
- Lowenkron, B. (2004). Meaning: A Verbal Behavior Account. *The Analysis of Verbal Behavior*. 20, 77-97.
- Malerbi, F. E. K., & Matos, M.A. (1992). A análise do comportamento verbal e a aquisição de repertórios autodescritivos de eventos privados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 8, 407-421.
- Lopes Jr. J., & Matos, M. A. (1995). Controle pelo Estímulo: Aspectos Conceituais e Metodológicos acerca do Controle Contextual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 11. 33-39.
- Luke, M. M., & Carr, J. E. (2015). The analysis of verbal behavior: a status update. *Analysis of Verbal Behavior*. 31, 153-161.
- Machado, I. L. (1995). A ironia como fenômeno lingüístico-argumentativo. *Revista de Estudos Linguísticos*, 2, 143-155.

- Machado, A. R. (2014). O comportamento verbal musical: conceitos e dados experimentais. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. Brasil.
- Marr, M. J. (2011). Some public comments on private events. *European Journal of Behavior Analysis*. 12, 447–459.
- Matos, M. A. (1999). Controle de estímulo condicional, formação de classes conceituais e comportamentos cognitivos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 1, 159-178.
- Matos, M.A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Revista Estudos de Psicologia*. 16, 8-18.
- McLaughlin, S. F. (2010). Verbal behavior by B. F. Skinner: Contributions to analyzing early language learning. *The Journal of Speech-Language Pathology and Applied Behavior Analysis*, 5 (2), 114-131.
- Messa, L. C. S. (2012). Ironia verbal: do conceito skinneriano à análise do discurso jurídico irônico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, 1-147.
- Messa, L. C. S., Borloti, E., & Carmelino, A. C. (2014). Linguistics and Behaviour Analysis in the Functional Conceptualization of Verbal Irony. *European Journal of Child development, Education and Psychopathology*. 2, 97-121.
- Messa, L. C. S. (2016). Estudos empíricos da ironia: revisão sistemática e implicações para uma análise funcional. In: Messa, L. C. S. (2016). Análise Funcional da Ironia: estudos empíricos. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil.
- Michael, J., Palmer, D. C., & Sundberg, M. L. (2011). The Multiple Control of Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*. 27, 3–22.

- Mo, S., Su, Y., Chan, R. C., & Liu, J. (2008). Comprehension of metaphor and irony in schizophrenia during remission: the role of theory of mind and IQ. *Psychiatry Research*. 15, 21-9.
- Moore, J. (2009). Why the radical behaviorist conception of private events is interesting, relevant, and important. *Behavior and Philosophy*. 37, 21–37.
- Monetta, L., Grindrod, C. M., & Pell, M. D. (2009). Irony comprehension and theory of mind deficits in patients with Parkinson's disease. *Cortex*. 45, 972-81.
- Mussi, S. V., Soares, M. R. Z., & Grossi, R. (2013). Transtorno bipolar: avaliação de um programa de psicoeducação sob o enfoque da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(2), 45-63.
- Nishiwaki, S. (2015). Análise argumentativa da ironia standard e da ironia não-standard. *Letras de Hoje*. 50, 287-293.
- Otta, E., & Fiquer, J. T. (2004). Bem-estar subjetivo e regulação de emoções *Psicologia em Revista*. 10, 144-149.
- Paiva, M., H., N. (1961). Contribuição para uma estilística da ironia. Centro de estudos filológicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Passos, M. L. R. S. (2003). A análise funcional do comportamento verbal em Verbal Behavior (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 5, 195-213.
- Passos, M. L. R. F (2007). Skinner's definition of verbal behavior and the arbitrariness of the linguistic signal. *Temas em Psicologia*, 15, 161-172.
- Passos, M. L. R. F. (2012). BF Skinner: the writer and his definition of verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 35, 115.

- Palmer, D. C. (2009). The role of private events in the interpretation of complex behavior. *Behavior and Philosophy*. 37, 3–19.
- Parrott L.J. (1984). Listening and understanding. *The Behavior Analyst*. 7, 29–39.
- Pexman, P. M., & Zvaigzne, M. T. (2004). Does irony go better with friends? *Metaphor and Symbol*. 19, 143-163.
- Pezzato, F. A., Brandão, A. S., & Oshiro, C. K. B. (2012). Intervenção baseada na psicoterapia analítica funcional em um caso de transtorno de pânico com agorafobia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 14, 74-84.
- Petursdottir, A. I. (2013). Editorial: Verbal Behavior and Motivating Operations. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 1–2.
- Place, U. T. (1998). Sentence and Sentence Structure in the Analysis of Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal behavior*. 15,131-133.
- Raymond W. Gibbs Jr, R. W., Bryant, G. A., & Colston, H. L. (2014). Where is the humor in verbal irony?
- Rapp, A. M., Langohr, K. E., & Mutschler, D., Wild, B. (2014). Irony and proverb comprehension in schizophrenia: do female patients “dislike” ironic remarks? *Schizophrenia Research and Treatment*. 1-11.
- Recchia, H. E., Howe, N., Ross, H. S., & Alexander, S. (2010). Children's understanding and production of verbal irony in family conversations. *Journal of Development Psychology*. 28, 255-74.
- Regel, S., Coulson, S., & Gunter, T. C. (2010). The communicative style of a speaker can affect language comprehension? ERP evidence from the comprehension of irony. *Brain Research*. 1311, 121 – 135.

- Reyes, A., Rosso, P., & Vealy, T. (2013). A multidimensional approach for detecting irony in Twitter. *Language Resources and Evaluation*, 47, 239–268.
- Rockwell, P. (2000). Lower, Slower, Louder: Vocal Cues of Sarcasm. *Journal of Psycholinguistics Research*, 10, 483-495.
- Saquetto, D., & Borloti, E. (2008). Hermenêutica Comportamental. In W. C. M. P. Silva (Org.), *Sobre comportamento e cognição: reflexões epistemológicas e conceituais, considerações metodológicas, relatos de pesquisa* (pp. 45-54). Santo André: ESETec.
- Schlinger H.D. (2008). Conditioning the behavior of the listener. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8, 309–322.
- Sério, T. M. de A. P., & Micheletto, N. (2010). Maria Amélia Matos e o estudo do controle aversivo: uma contribuição exemplar. *Psicologia USP*, 21, 241-251. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642010000200003>.
- Seixas, N. S. S. (2006). Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Silva, A. V., Todorov, J. C., & Silva, R. L. F. C. (2012). Cultura organizacional: a visão da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 14, 48-63.
- Silva, A. V., Silva, R. L. F. C., & Tavares, W. M. (2012). Eventos privados: Efeito do reforçamento de regras e a funcionalidade das respostas de informações. *Encontro: Revista de Psicologia*, 15.9-24.

- Simonassi, L. E.; & Cameschi, C. E. (2003). O episódio verbal e a análise de comportamentos verbais privados. *Revista Brasileira de terapia Comportamental e Cognitiva*.5, 105-119.
- Simonassi, L. E., Cameschi, C. E., Vilela, J. B., Coelho, A. E. V., & Paula, V. (2007). Inferências sobre classes de operantes precorrentes verbais privados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. 3, 97-113.
- Sidman, M. (2000). Equivalence relations and the reinforcement contingency. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74, 127–146.
- Spradlin, J. E. (1985). Studying the effects of the audience on verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*. 3, 5-9.
- Speckman J., Greer R. D., & Rivera-Valdes C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*. 28, 83-99.
- Stratta, P., Riccardi, I., Mirabilio, D., Di Tommaso, S., Tomassini, A., & Rossi, A. (2007). Exploration of irony appreciation in schizophrenia: a replication study on an Italian sample. *European Archieve of Psychiatry and Clinic Neuroscience*. 257(6), 337-9.
- Skinner, B. F. (1975). *Walden Two: uma sociedade do futuro*. Tradução realizada por R. Moreno & N. R. Saraiva. São Paulo: Herder. (trabalho original publicado em 1948).
- Skinner, B. F. (1953). *Ciência e Comportamento Humano*. Brasília: Ed. UnB/FUNBEC.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Applenton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*. 213, 501-504.

- Skinner, B. F. (1989). Questões Recentes na Análise Comportamental. Campinas, SP: Papyrus, 163- 181.
- Souza, A.L. (2010). Introdução à Gramática de Construções. In: Hermont, A., Santo, R., & Cavalcante, S. (org). Linguagem e Cognição: diferentes perspectivas. De cada lugar um olhar. Editora PUC-MG.
- Souza, N. M., Souza, C. B. A., & Gil, M., S., C., A. (2013). Aprendizagem Rápida de Comportamento de Ouvinte por um Bebê. *Interação Psicologia*, Curitiba, 17, p. 67-7.
- Vargas E. A. (2013). The Importance of Form in Skinner's Analysis of Verbal Behavior and a Further Step. *The Analysis of Verbal Behavior*. 29, 167–183.
- Yonge, O. (2007). The power of irony in an adolescent residential psychiatric program. *Journal of Psychosocial Nursing Mental Health Service*. 45, 46-52.
- Wilkinson, K., M. & McIlvane, W. J.(2001). Methods for studying symbolic behavior and category formation: Contributions of stimulus equivalence research. *Developmental Review*, 1-20.
- Zilio, D. & Dittrich, A. (2014). O que fazer com os eventos privados? Reflexões a partir das ideias de Baum, parte I: a definição de privacidade. *Acta Comportamentalia*. 22. 483-496.
- Zalla, T., Amsellem, F., Chaste, P., Ervas, F., Leboyer, M., & Champagne-Lavau, M. (2014). Individuals with autism spectrum disorders do not use social stereotypes in irony comprehension. *PLOS ONE*. 9, 1-9.

APÊNDICESApêndice 1: Ficha de Identificação

Prezado participante,

Obrigada por aceitar o convite para participar da pesquisa sobre Análise Comportamental da Ironia: um estudo empírico. Preencha as informações abaixo para que possamos entrar em contato com você para efetivarmos sua participação neste estudo.

Nome: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Dia da semana e horário disponível para participar do estudo: _____

Apêndice 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Análise Comportamental da comunicação

Pesquisadora Responsável: Luciana Chequer Saraiva Messa (doutoranda)

Professor orientador: Dr. Elizeu Batista Borloti

Este projeto tem o objetivo de investigar a opinião e a reação emocional das pessoas ao assistirem vídeos. Sua participação é importante para o aprimoramento do conhecimento com relação à produção e compreensão das relações entre as pessoas. Para tanto será necessário realizar os seguintes procedimentos: você está sendo convidado a participar de um grupo que irá assistir a vídeos e posteriormente será solicitado a emitir opinião sobre o vídeo assistido em um grupo fechado. Em seguida você responderá a questionário individual sobre a experiência que teve. O dia e horário de participação serão agendados pela pesquisadora responsável em comum acordo com o participante.

Durante a execução do projeto nós garantimos que você não correrá nenhum risco ou dano, caso você se sinta desconfortável durante sua participação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, através do telefone (27) 98123-1098 ou no endereço Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras | Vitória - ES - CEP 29075-910 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Programa de pós Graduação em Psicologia (PPGP) no Prédio Lídio de Souza, e desistir de participar do projeto. Caso necessite de mais informações e orientações você também poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone e/ou endereço citado.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos de:

1. receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
3. não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade.
4. as informações registradas na entrevista e no relato escrito por mim prestadas serão arquivadas junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Espírito Santo.
5. procurar esclarecimentos com o CEP Goiabeiras: Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, UFES/Campus Goiabeiras Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN, Cep: 29.090-075. Tel: 4009-7840. E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.

Declaro estar ciente do exposto e desejar participar do projeto.

Vitória, ____ de _____ de _____ .

Nome do participante: _____

Assinatura: _____

Eu, Luciana Chequer Saraiva Messa declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto ao participante.

Assinatura: _____ Data: ____/____/____.

Apêndice 3: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

ANEXOS

Anexo 1: Questionário de produção de ironia

QUESTIONÁRIO ROTEIRISTAS

- 1) O que é ironia para você?
- 2) Você acha que os seus vídeos/textos contêm ironia?
- 3) Que tipo de reação emocional você gostaria que as pessoas expressassem ao assistirem seus vídeos (ou lessem seus textos)?
- 4) Quais as reações que as pessoas manifestam que você acha que são inadequadas ou que você não acha legal?
- 5) Que tipo de sentimento/emoção você percebe que seus vídeos/textos despertam nas pessoas?
- 6) Enquanto você produz um vídeo/texto, quais pensamentos e sentimentos são mais frequentes em você?
- 7) Qual a sua intenção ao criar e publicar seus vídeos/textos?
- 8) Que tipo de comentário com relação ao conteúdo dos vídeos/textos deixa você mais triste? E feliz? E com raiva? E com medo?

Anexo 2: Formulário Pré-vídeos

Por Favor, informe os dados abaixo:

- 1) Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino
- 2) Estado civil:
- 3) Você é:
Filiado ()
Simpatizante ()
Militante () de algum partido político?
Não () Se sim, Qual?
- 4) Você é praticante de alguma religião? ()sim ()não Se sim, qual?
- 5) O que você entende por Ironia?
- 6) Você se considera uma pessoa irônica?
() Sim () Não () Não sei informar
- 7) Os seus amigos consideram você uma pessoa irônica?
() Sim () Não () Não sei informar
- 8) As pessoas que convivem com você esporadicamente te acham uma pessoa irônica?
() Sim () Não () Não sei informar
- 9) Qual desses ambientes você acredita que seja o mais interessante para utilizar ironias?
() Redes Sociais () Trabalho () Escola/Faculdade () Família
() Outros: _____ Porque?
- 10) Qual desses ambientes você acredita que seja o mais inadequado para utilizar ironias?
() Redes Sociais () Trabalho () Escola/Faculdade () Família
() Outros: _____ Porque?
- 11) Defina com uma palavra a atitude de pessoas que utilizam a ironia como forma de:
- a) Convencer (vencer completamente; confundir um adversário):
- b) Humor (quando se tem a intenção de fazer rir):
- c) Sarcasmo (quando se tem a intenção de menosprezar/zombar):

Anexo 3: Formulário Pós-vídeos

- 1) Você terminou uma etapa do procedimento. Tente descrever o que você SENTIU ao assistir aos Vídeos. **Assinale com um X** na lista abaixo, quais dos sentimentos correspondem mais precisamente ao que você sentiu durante esta etapa da tarefa. **Circule** aquele que você considera mais representativo.

- | | | |
|---|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Aborrecimento | <input type="checkbox"/> Alegria | <input type="checkbox"/> Alívio |
| <input type="checkbox"/> Ansiedade | <input type="checkbox"/> Apreensão | <input type="checkbox"/> Ciúme |
| <input type="checkbox"/> Confiança | <input type="checkbox"/> Culpa | <input type="checkbox"/> Desapontamento |
| <input type="checkbox"/> Desencorajamento | <input type="checkbox"/> Excitação | <input type="checkbox"/> Frustração |
| <input type="checkbox"/> Impotência | <input type="checkbox"/> Interesse | <input type="checkbox"/> Medo |
| <input type="checkbox"/> Prazer | <input type="checkbox"/> Raiva | <input type="checkbox"/> Satisfação |
| <input type="checkbox"/> Segurança | <input type="checkbox"/> Timidez | <input type="checkbox"/> Tristeza |
| <input type="checkbox"/> Vergonha | <input type="checkbox"/> Outro: _____ | |

Questão dicotômica

- 2) Circule uma nota entre 1 e 10 sobre o que você achou dos vídeos:

Não gostei do vídeo **1 2 3 4 5 6 7 8 9 10** **Gostei muito do vídeo**

Anexo 4: Roteiro de entrevista semi-estruturado

Roteiro de Entrevista Semi-estruturado

- 1) Vocês acham que os vídeos são irônicos? Porque?
- 2) Qual a sua opinião com relação ao uso da ironia para falar sobre os temas Religião, Sexualidade e Política?
- 3) Qual a característica das pessoas que provavelmente não gostarão dos vídeos?
- 4) Qual a característica das pessoas que provavelmente gostarão dos vídeos?
- 5) Qual aspecto dos vídeos você mais gostou?
- 6) Qual aspecto dos vídeos você não gostou?
- 7) Qual a mensagem que os autores dos vídeos quiseram transmitir na sua opinião?

Anexo 5: Tabela de identificação dos grupos

Tabela 3
Identificação dos grupos

GRUPO 1			
Participantes	P1	P2	P3
IDADE	42	51	55
EST. CIVIL	CASADA	CASADO	CASADO
SEXO	F	M	M
PARTIDO POLÍTICO	NÃO	NÃO	NÃO
RELIGIÃO	NÃO	NÃO	NÃO
GRUPO 2			
	P1	P2	P3
IDADE	27	29	36
EST. CIVIL	SOLTEIRA	CASADA	CASADO
SEXO	M	F	F
PARTIDO POLÍTICO	NÃO	NÃO	NÃO
RELIGIÃO	Sim	Sim	Sim
GRUPO 3			
	P1	P2	P3
IDADE	16	16	17
SEXO	M	M	M
EST. CIVIL	SOLTEIRO	SOLTEIRO	SOLTEIRO
PARTIDO POLÍTICO	NÃO	NÃO	NÃO
RELIGIÃO	NÃO	NÃO	NÃO
GRUPO 4			
	P1	P2	P3
IDADE	17	16	18
SEXO	F	F	F
EST. CIVIL	SOLTEIRO	SOLTEIRO	SOLTEIRO
PARTIDO POLÍTICO	NÃO	NÃO	NÃO
RELIGIÃO	Sim	Sim	Sim

Anexo 6: Tabela de classificação dos ambientes adequados e inadequados para emissão de ironia de acordo com os participantes

Tabela 5

Classificação dos ambientes adequados e inadequados para emissão de ironia de acordo com os participantes

Qual desses ambientes você acredita ser o mais interessante para utilizar ironia?	
Redes Sociais	12
Trabalho	4
Escola/faculdade	12
Família	2
Qual desses ambientes você acredita ser o mais inadequado para utilizar ironia?	
Redes Sociais	-
Trabalho	8
Escola/faculdade	4
Família	2
Outros	-

Anexo 7: Definição do irônico de acordo com os participantes ouvintes

Tabela 6

Definição do irônico de acordo com os participantes ouvintes

Defina com uma palavra a atitude de pessoas que utilizam a ironia como forma de:	Convencer (vencer completamente; confundir um adversário).	Humor (quando se tem a intenção de fazer rir)	Sarcasmo (quando se tem a intenção de menosprezar/zombar)
Inteligência/estratégia	10	4	1
Crueldade/Maldade	-	-	11
Divertido/legal	-	8	-
Interesseiro/Interesse	2	-	-